

HORIZONTES DE BRUMA

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO



3-3Figueire

Impressão A. M. Pereira, Lda.



MARIA DO PILAR FIGUEIREDO, nasceu em Cambeses, concelho de Barcelos e presentemente vive no Porto.

Publicou em 1973 o livro de contos «O Vento e as Raizes» e tem trabalhos publicados em diversos jornais como o Jornal de Barcelos, Diário Popular, Notícias de Chaves, Revista Oliva etc.

«Horizontes de Bruma» reflecte, principalmente o ambiente duma aldeia minhota atingida pela emigração, o qual se desdobra em múltiplos aspectos com personagens que lutam, sofrem e persistem.

HORIZONTES DE BRUMA

(NOVAS HISTÓRIAS DE EMIGRAÇÃO)

HORIZONTES DE BRUMA

(NOVAS HISTÓRIAS DE EMIGRAÇÃO)

Da Autora:

O VENTO E AS RAÍZES — 1973
(Histórias de emigração)

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

HORIZONTES DE BRUMA

(NOVAS HISTÓRIAS DE EMIGRAÇÃO)



1974

Parceria A. M. Pereira, Lda

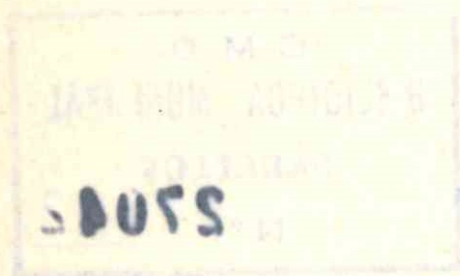
LISBOA

C. M. B.
BIBLIOTECA

MANA DO PIAU ROQUELO

HORIZONTES DE BRUMA

(NOVAS HISTÓRIAS DE EMIGRAÇÃO)



1975

Capa: BOUÇÓ

Impressão A. M. L. L.

LISBOA

BIBLIOTECA
MUSEU NACIONAL
LISBOA

HORIZONTES DE BRUMA

A casa de soalho carunchoso e caixilhos desconjuntados, abriga-me de novo, após tantos anos.

No fundo silêncio da casa deixo que a infância venha até mim devagar, serena e límpida e, neste isolamento, respiro devagar como se tivesse receio de acordar as velhas paredes, os móveis, os simples objectos. Um apelo suave, duma paz remota, fala-me de coisas que julgava esquecidas. A noite alonga-se em silêncio. Um odor a maçãs flutua no ar.

Estou finalmente na alcova que partilhei durante tantos anos com Tio Adelino. Estiro-me na cama de ferro, a mesma de antigamente, mas sei que não conseguirei dormir.

Na sala grande está tudo na mesma. Apenas mais velho. Tudo mais velho. Até o gatarraão cinzento, de barro de Barcelos, ainda é o mesmo do tempo da Avó. Só que lhe falta já uma orelha e um pedaço das patas. A cómoda é a mesma também.

É como se a Avó cirandasse por ali e o Avô viesse até mim e pousasse sobre os meus ombros o seu braço duro numa pressão suave, única. A todo o momento me parece ir vê-lo naquele seu jeito de se deixar ficar levemente apoiado no lodão amarelo, polido pelo uso.

Vem até mim o ranger duma porta ou de uma tábua solta do soalho. Tia Rosalina deve estar a deitar-se. A afilhada também. Tio João há muito que dorme. Tio Camilo, Tio Adelino, primos que eu não conhecia, todos eles se foram já embora.

Na casa grande só o silêncio.

Diante de mim levanta-se, de novo, a imagem do Avô, numa memória grande de paz. É como se ele abrisse a porta, me procurasse, me tomasse a mão e caminhássemos à luz do luar numa profunda comunhão.

Olho, através da porta da alcova, a sala grande e relembro subitamente, os dias de sarrabulho, a mesa comprida nesta sala, as portas escancaradas das duas alcovas, ostentando as colchas de linho.

À cabeceira da mesa a figura patriarcal do Avô. As suas mãos duras, engelhadas, enchendo os copos. A Avó, Tia Rosalina, Tia Ana, as criadas, trazendo travessas e mais travessas de cozido à portuguesa, rojões com

rodela de limão e azeitonas, tripas enfarinadas, lombo assado com batatinhas loiras, pratos de aletria.

O sarrabulho, as grandes libações, os homens sentados à mesa, a bebericar uma tarde inteira. Gente viva, natural, que tinha a força indomável das ervas. Imagens tão nítidas como se fossem ainda reais.

Mas a realidade, agora, é esta casa carunchenta, vazia, onde se arrastam como duas sombras, Tia Rosalina e Tio João. A realidade é esta aldeia de casas novas de várias cores, estas mulheres trajando de maneira diferente, os campos desertos de homens.

Há em toda a aldeia uma mudança cuja profundidade não pude ainda medir, mas que me impressiona: — os vestidos leves que não esperava ver aqui, os cabelos compridos dos rapazes, as casas garridas, a velha e fidalga Casa da Comenda, meio demolida, a da Quinta da Ordem, abandonada.

Não consigo adormecer. Revolvo-me no colchão de palha nova sem encontrar a posição que me proporcione o descanso desejado. Acabo por me levantar e abro uma janela para a noite. Uma grande lua, magestosa, suspensa sobre a aldeia, banha as árvores e o casario.

Deixo-me ficar no silêncio da noite, batido pelo luar, num casarão grande. Grande demais. Vazio.

Sob o luar o rio reluz lá em baixo num tom de prata antiga. É noite de lua redonda e fresca. Uma lua a espargir a terra de pó branco. Vêm-me ao pensamento nomes: — Ser'Antone da Costa, Se Margarida, Chirubita, Maria Relha. Pergunto-me se eles vivem ainda, se viveram ali naquelas casas banhadas de luar.

Pergunto se ainda existem as mulheres de saia comprida, faixa negra à cinta, lenço do merino enrameado, cordões de ouro, argolas enormes nas orelhas. Mulheres que saíam de madrugada de casa, calcorreavam 10 Km.s carregadas de produtos hortícolas para irem vender à Feira de Barcelos ou de Vila Nova.

Que será feito das moças que namoravam em cada Domingo dois ou três rapazes? E os mocetões de fato domingueiro, cravo na orelha, os cabelos duros acamados à força de brilhantina ou, simplesmente, de água e sabão? E as gentes novas que cantavam e bailavam três dias a fio pelos carreiros da serra do Gerês, a caminho da Abadia ou de S. Bento da Porta Aberta?

Pergunto se ainda haverá bois arrancando com os dentes a erva dos pastos e recebendo passivamente, no dorso arruivado, a luz solar.

Pergunto se ainda existe na Igreja o mesmo S. Pedro severo, olhando-me do lado esquerdo do Altar-Mor e brandindo uma chave enorme. Uma chave maior do que a do portal do Avô, uma chave inacessível.

Sento-me no «cachorro» de pedra, junto da janela. Aqui nesta sala carunchenta e deserta, relembro.

Uma lua entra pela janela escancarada.

Estou saturado de memória. Memórias densas, ofegantes, ou imprecisas, pesando sobre o peito, sobre as mãos abandonadas.

Em qualquer parte da casa, uma porta chia. Parece-me ouvir na varanda, os passos cadenciados do Avô, mas este ruído não pode ser se não uma ilusão. O senhor desta casa morreu há muito. Com ele muitas coisas findaram também.

Encosto por momentos, a cabeça à parede. Uma parede musgosa duma casa velha, a murmurar baixo num cansaço qualquer vindo de longe, ao longo de si mesma, uma casa de frinchas talhadas pelo tempo e pelos insectos que a devoram.

Fecho a janela e regresso à minha alcova. Deixo-me cair sobre a palha estaladiça e,

finalmente adormeço para daí a escassas horas acordar com o toque dos sinos para a missa da manhã. Oigo os passos de Tia Rosalina na varanda. Imagino-a sombria e curvada a esgueirar-se pela porta da cozinha. Vêm-me à lembrança o Padre João, colérico, a admoestar, do Altar-Mor, as velhas que durante toda a missa tossicavam, as mulheres linguareiras, a mocidade leviana, os homens que da porta da sacristia assistiam à missa, todos eles maus ouvintes.

Adormeço de novo. Quando acordo, já a luz da manhã lantejoula nos telhados, nos pendões do milho, nos cocurutos dos pinheiros.

Salto da cama e arranjo-me numa pressa inesperada e vou sentar-me nos degraus da escada de granito. Da horta, não vem mais a brisa carregada do perfume intenso dos cachos da glícinia. Quem a teria cortado? E a japoneira de camélias brancas que a geada crestava em cada Janeiro?

Só o tanque sobrevive, sem o dossel de glícinas, limoso como dantes, para onde a bica de telha goteja cada vez menos.

A quietude rítmica dos pinhais que a brisa matinal sacode ligeiramente, é ainda a mesma. Olho em redor e respiro profundamente neste horizonte plácido.

Na mesma está também o oratório da Avó, sobre a cómoda da sala grande, um oratório de mogno e vidro dentro do qual um Cristo coberto de chagas roxas agonisa ladeado por Santo António, protector dos animais e S. Bentinho protector das gentes.

Na parede estão também os mesmos dois quadros. Um do Coração de Maria, outro do Coração de Jesus. E, pendurado entre eles, um raminho de oliveira benta, ressequida, deixada ali, talvez pela Avó. À cabeceira da minha cama, a mesma imagem da Senhora da Franqueira.

Desço as escadas de pedra e ponho-me a deambular sob o céu matinal ao longo de carreiros que levam aos prados, ao tanque grande, à fonte. Um a um, vêm até mim os fantasmas do Avô, da Teresa criada do governo, da Rosa moça da erva, do Tone moço do gado.

Era uma casa grande, de lavoura, a casa do Avô. Depois, dividida por cinco filhos, os terços deixados ao Tio Camilo e Tia Rosalina, pouco ficou para meu pai, que embora mais velho não passava dum pobre brasileiro de torna-viagem que um dia veio à terra, casou e se demorou cá o tempo suficiente para assistir ao meu nascimento e ver minha mãe pagar com a vida dela o preço da minha.

Meus pais que nunca conheci e cujo lugar foi preenchido pela Avó, pelas Tias e, sobretudo, pelo Avô e pela Teresa. A Teresa e as tigelas de marmelada, as coxas de frango que guardava no mais escondido dos armários para mim, os pratinhos de aletria, as sopas doces.

A Teresa e as histórias de feiticeiras (ai de quem as encontrasse ou ouvisse as suas risadas ao cair da meia-noite) de mouras e tesouros encarcerados sob penedos gigantes.

Fecho os olhos por momentos e vejo nitidamente o Avô com seu pau de marmeleiro. O Avô e a Avó comigo pela mão, em dias de feira e romaria, num cenário móvel de saias compridas, ainda um pouco rodadas, chinelos, faixa negra à cinta, lenços de ramagens, a saca preta bordada a matis, pendurada na mão. Os homens, na sua maior parte de varapau, camisa sem colarinho, abotoada no pescoço, chapéu preto, onde na fita que ornava a copa, entalavam o papel com a imagem do Santo festejado e a quem tinham já dado a sua esmola.

O rasto dessas gentes está submerso, longe de mim. Tenho presente nitidamente o que foi o seu viver. Fáceis imagens con-

vergindo para mim, para o limiar da memória onde alastra o meu cansaço.

Vejo nítidamente a cozinha grande com a roda do fumeiro pejada de presuntos e chouriços. A masseira e as boroas que a Teresa cozia em cada semana, pelas madrugadas.

Parece-me ouvir os porcos chiando no quinteiro, os bois ruivos, grandes, mansarões de enormes chifres, que a Rosa enfeitava em dias de feira franca, em Barcelos, ou S. Bento da Várzea.

Na minha frente estende-se o pequeno ribeiro em cujas margens, tal como dantes, duas largas tiras de «língua de ovelha» crescem sob as ramadas. Olho o verde luzidio da erva e, de súbito, vêm-me à memória as risadas de Rosa, as cantigas de Rosa, que o vento levava. Parece-me ouvir a sua voz um pouco metálica, entoar alegremente:

Ó Laurindinha anda à janela

Ver o teu amor ai ai ai

Que ele vai para a guerra

enquanto os braços vigorosos empunhavam a foicinha e se moviam ao ritmo alegre da cantiga, que subia no espaço luminoso:

Se ele vai para a guerra
Deixai-o ir
É rapaz novo ai ai ai
Ele torna a vir...

As cantigas de Rosa. Os bois pachorrentes com quem Rosa conversava, que Rosa afagava ou castigava. Os dias grandes das vessadas e a grande azáfama que nessas alturas ia por toda a casa desde a cozinha aos campos onde uma legião de jornaleiros se afadigava sob as ordens calmas, precisas do Avô.

Vejo nítidamente a terra humosa, revolvida pelos arados, as levandiscas e os incitamentos dos homens:

— Vai lá, Cabano!...

— Vai lá baixo, vai... vai!

— Ei Marelo! Eeeeei!...

A terra húmida, negra e fecunda rebri-
lhando ao sol, alisada pela grade pachor-
rentamente puxada pelos bois e, dias depois
nos campos estalando fecundidade, um mo-
vimento intenso, um germinar, alastrando na
gravidez da terra, brotando das entranhas
para a luz.

Sento-me junto do ribeiro que vai dar ao
Rio Este. Os mesmos fetos e avencas de
antigamente, debruçados sobre a água. Os

mesmos morangos bravos que eu trincava ainda mal maduros e cujo sabor acidulado me arrepiava. Tal como dantes, as borboletas e os tira-olhos cruzam-se por cima do ribeiro, coloridos e vibráteis.

Lá longe, em Caracas, com o decorrer dos anos, a aldeia tomou de tal maneira conta de mim que se eu soubesse pintar, pintaria a terra da minha infância e adolescência até ao mais pequeno pormenor de cor, num lirismo mimoso e tranquilo: — Margaridas bravas e quaresmas enfeitando os caminhos em manchas de graça e de festa. Nos campos húmidos, enormes tapetes amarelos de pompílios, ou roxos de leitugas em flor. O verde sombrio dos pinhais, o chão verde-verde das pastagens e, sobrepondo-se, o azul puro do céu e a luz doirada, intensa do meio dia, furando os dosseis de ramadas.

Os mendigos e seus dias certos de aqui passarem. Os jornaleiros. Os dias das malhadas do centeio. As medas de palha rebrihando ao sol num tom de ouro pálido com os painéis de barro enfiados no cocuruto e, numa delas, a última a ser erguida, o ramo enfeitado de papel e fios de prata, criação das moças da casa, a anunciar festivamente que a faina do centeio estava terminada.

Os mendigos, os jornaleiros, as criadas, as tias moças — pequenos quadros vivos, latejantes, de pés descalços, trigueiros, encardidos, fortes. Vultos de mulheres musculosas, o avental de riscado adejando nas ancas largas, equilibrando à cabeça cestos de erva de azevém, empilhada sabiamente muito acima dos bordos encanastrados.

Mulheres menos fortes ou mais preguiceiras (como dizia a Avó) as que ninguém queria para trabalhar nos campos, tecendo automaticamente metros e metros de fita de palha de centeio, metros e metros pendurados do braço, quase a arrastar no chão, o maço de palhas aparadas, livres de nós, humedecidas, debaixo do mesmo braço, os dedos tecendo mecanicamente, os olhos e ouvidos atentos ao desenrolar da vida da aldeia, entretidas numa bisbilhotice inofensiva.

As mulheres da fita, a classe mais baixa na hierarquia desta terra, mas em todo o caso mulheres activas.

Lembro-me, de repente, de que não vi, ainda, nenhuma mulher tecendo fita. Será que também nisso mudou S. Tiago d'Este? Extinguiu-se também a classe das mulheres da fita? E os jornaleiros? E os mendigos? A Patareca, o Pombas, o Carlôto e outros

rezando padre-nosso pela frincha do portal, padre-nossos «pelas alminhas de-quem-lá-tem»?

Pássaros chilream na manhã, como antigamente. No entanto qualquer coisa de diferente existe no ambiente tépido, agradável. Uma núvem branca erra no céu, quase a desfazer-se. Em meu redor a terra húmida parece estremecer e o perfume discreto que se evola das flores do milho orvalhado é mais discreto ainda.

Deixo-me ficar sob a sombra da ramada sem fazer nada, sem pensar em nada, vogando ao sabor duma corrente de consciência diluída e vaga.

Desperto sobressaltado.

Tia Rosalina chama por mim. Tio Camilo está de novo aqui, quer mostrar-me aquilo que, por partilhas pertenceu a meu Pai e agora é meu: — duas leiras, a bouça da Chavinha, o campo da Portela, no outro extremo da freguesia.

Entro na cozinha, onde à noite, os dedos encortçados do Avô iam passando as 53 Avé-Marias do terço, mais as jaculatórias pelas almas do Purgatório das-suas-obrigações, enquanto a Avó cabeceava de sono.

Os dedos encortçados do Avô, a mão velha, patriarcal, que no final beijávamos e nos abençoava antes de irmos para a cama.

Aqui está a lareira, o mesmo ferver abafado dos potes de ferro, o gato pedinchão, a galinha com seu bando de pintos, debicando no soalho onde ainda há migalhas.

Factos passados ocorrem-me vertiginosamente à memória. Parece-me que o tempo não passou se não aparentemente ou que, talvez, seja possível regressar ao passado, e ficar nele para sempre.

Tenho a ilusão momentânea de recuperar a minha infância, nesta casa antiga, rodeada de ramadas e macieiras redondas, onde vivíamos juntos e nos amávamos, na minha vida livre, num tempo sem peias, de primaveras suaves, estios ardentes sob a copa das macieiras e invernos bravios ao lume da lareira.

Numa vida livre, sem peias, quando saltava pelos carreiros e dizia alto o que me vinha à cabeça e ria de tanta luz, de tanto azul, de tanta liberdade e todo eu cheirava a terra e a sol.

Olho em meu redor. Aqui neste canto da lareira, a Avó, de roca à cinta, fiava enriquecendo infatigavelmente, o bragal da casa, de metros e metros de linho e estopa, en-

quanto a Teresa se afadigava ao redor dos potes e a Rosa e as Tias entravam e saíam açodadas, a tratar dos animais, antes da ceia.

A lareira a explodir centelhas, a criar sombras fantasmagóricas pelas paredes, sombras que eu, encolhido junto da Avó, tonto de sono, associava às histórias de Teresa.

Parece-me ouvir o tropear dos tamanhos dos jornaleiros, o miar pedinchão dos gatos, o cirandar da Teresa, das Tias, dos criados, aqui na cozinha, onde os problemas das terras se discutiam. A cozinha que era ao mesmo tempo refeitório, sala de visitas, sala de conselho.

A cozinha quase deserta, vazia, silenciosa, mais negra, mais velha.



Separo-me de Tio Camilo e deixo-me ficar no meu campo, o campo preferido do Avô, o «nosso campo» como naquele tempo lhe chamávamos.

Vejo-o a arrancar os «ladrões» das videiras, a ajeitar, com a sachola, os regos da água, enquanto eu me entretinha a lançar na água, cascas de pinheiro e paus secos. O Avô a executar as suas tarefas com

sábia lentidão. A voz do Avô a animar a paisagem, parecendo dar alma às coisas, às árvores, à água correndo abundante nos regos.

Parece-me ouvir a sua respiração lenta. Não me volto para que a sua presença não fuja. Um apelo suave duma paz remota fala-me de coisas que julgava esquecidas, pertencentes a esses dias vividos em contacto com a natureza, as grandes árvores, a água, a luz.

Olho os campos solitários no enorme silêncio verde, os montes desdobrando-se em contínuas vagas de pinheiros, até ao céu muito azul, e lá longe, no monte de Airó, penedos nus expondo-se ao sol.

Distingo o ruído de passos arrastados e volto vivamente o rosto nessa direcção. Um vulto vem-se aproximando lentamente pelo carreiro da bouça, enxada ao ombro, como antigamente, o chapéu de feltro ensebado, colete preto, a camisa sem colarinho. O meu coração alvoroça-se. Parece-me ver o Avô, só que mais magro, mais curvado.

É Se Joaquim que foi regedor muitos anos. Aproximo-me e estendo-lhe a mão. Cumprimenta-me acanhadamente:

— Então, dizem que chegou ontem de manhã da Venezuela, não? De saúde?

Não estranho. Sei que apesar de tudo S. Tiago d'Este é ainda a mesma terra e, de repente, acho até natural que ele esteja a par de tudo, pois tudo se sabe nesta freguesia de S. Tiago, onde qualquer bagatela é suficiente para preencher uma aldeia como ela.

Se Joaquim, agora, está viuvo. Os filhos não se quiseram dedicar à lavoura. Dois estão na G.N.R., um nos Caminhos de Ferro, outro a trabalhar na Sacor, de noite, ao que parece. Vive com ele. Como ele apaixonado pela lavoura. Todos os bocadinhos livres que tem, trabalha nas terras.

Se Joaquim ajuda-o, mas pouco pode fazer já. A nora é uma mouro de trabalho. Não têm tractores, nem ceifeiras, nem nada. Alugam essas máquinas quando precisam:

— Já ninguém malha à mão. Já ninguém lavra com o arado e os bois. Olhe, os arados estão para aí para um canto enferrujados como eu...

Começamos a andar lentamente, pelo carreiro da bouça, que vai dar ao caminho da Igreja. À porta dele Se Joaquim convida-me a entrar, a beber uma pinga. Sobre o velho portal, uma data esculpida — MDCCLV.

Sentamo-nos na varanda, junto da mesa comprida onde dantes comiam os criados e

os patrões. Fala-me da agricultura. Lamenta-se:

— Não há quem queira fazer terras... Olhe, já disse ao rapaz que se estruma só de volta das videiras e pronto! Tudo o mais fica a monte!

— É pena...

— Se é!... Mas não há quem queira fazer terras... Não há! E não cuide que há só falta de jornaleiros!

Agora não há quem deite um calço numa sachola, quem cosa uma tomba numas botas, quem pregue uns socos! Nada!...

Cai uma parede, não há pedreiros para a levantar. Dantes eram aos pares. Um homem podia escolher o artista que quisesse. Hoje não se arranja um, sequer. Não se querem sujeitar... Andam nas obras grandes, têm reforma, têm Caixa, não lhes interessa biscates... São uns fidalgos!

O filho chega do campo. Só irá dormir de tarde, quando a calor for um dardo de fogo nas costas de quem se aventurar a sofrê-lo. Transporta consigo o mesmo cheiro a terra, tabaco forte e suor. Cumprimenta-me. Sabe bem quem eu sou. Já o deve saber, desde ontem, pelo menos.

Senta-se do outro lado da mesa e pousa nela uma mão grossa, escura, cabeluda, com

unhas largas e sujas, uma mão a que não se pode negar experiência, labor, força.

— Deixo as terras a brávio, repete Se Joaquim.

Faz uma pausa e continua:

— Ao que a gente chegou...

A bem dizer já não há jornaleiros. E os poucos que ainda por aí aparecem, ninguém os pode aturar!... Querem vinho do melhor! merenda de garfo, e se uma pessoa não lhes dá nunca mais cá aparecem!

Isto da França é que os estragou a todos...

Fala durante largo tempo dos dias difíceis que atravessa, fala de vaidades, de desperdício, de luxos.

As imagens desfilam diante de nós. Não o interrompo. Não faço comentários, não tento aprofundar ou destruir essas imagens. Não interessa clarificar nada. Nem a mim, nem ao velho Joaquim.

A mulher fez-lhe muita falta. Pobre Tia Rosa! Até os braços septuagenários dela, fazem falta às terras de S. Tiago. Era uma moura de trabalho. Sempre o fôra...

Vinha do tempo em que uma sardinha dava para três. Tinha vivido muito, tinha passado muito. Vinha do tempo em que muitos dali partiram para França, não como

agora, mas para a guerra de 1914. Assistira à grandeza das casas boas de lavoura — à da Feitosa, à do Avô, à do sogro dela. Era uma mulher de vontade férrea das poucas que ainda restam. Pode agora descansar em paz.

Agito os braços tentando afugentar as moscas que me atacam os braços nus, o pescoço, os tornozelos.

Se Joaquim fala, agora, da gente nova, em geral. Fala de dinheiros mal gastos, motorizadas, luxos de pecado, Nada como dantes em que vintém era vintém e todos acumulavam ou desejavam acumular o seu «pé de meia».

O filho interrompe-o:

— Hoje, a lavoura não dá para a despesa sequer. O que me mata é ter amor a isto. Se não...

Cala-se. Até nós, através da janela aberta, vem o aroma intenso das uvas morangas, à mistura com o cheiro acre da palha seca e o cheiro quente a mosto, das primeiras vindimas.

— Tractores?!... E quem tem uma porrada de contos para dar por um? Ninguém quer saber da gente...

«Que talvez não fosse tanto assim...»
arrisco—O Governo estabelece programas...
Ali mesmo na freguesia...

Procuo as palavras que me fogem como
as núvens levadas pelo vento que começa a
soprar de Leste.

O filho olha-me, subitamente hostil. A
face magra de energia e ânsia ensombra-se
por momentos. Desvia o olhar e deixa-o
vogar, perdido, no verde-verde. Marca-lhe
o rosto um laivo de ironia e uma sombra de
tristeza. Os cabelos negros, hirsutos, caídos
para a testa são tão negros como a terra que
ele teima em lavrar, em amar.

— Ninguém quer saber da gente... repete
sem mudar de posição, os olhos fixos no
longe, com cepticismo, e mágoa.

Aquele olhar, aquele tom de voz, aquela
postura de estátua tornam-se-me insuportá-
veis.

Se Joaquim parece não ter dado por nada
Retoma o fio das suas considerações:

— «Gente de bosta!» Gasta o que tem e
o que não tem. Não pensa no dia de ama-
nhã. Só vaidades. Vaidades! Entende?

Aceno que sim com a cabeça, mas ele
não dá por tal. Está embebido nas próprias
palavras:

— No meu tempo...

Continua o rosário das suas amarguras. A casa do pai dele era tão forte como a de meu Avô. Ele foi criado com a mesma disciplina do Tio Camilo, da Tia Rosalina, dos outros. Também como eles Se Joaquim lamenta-se:

— No tempo de meu pai... Hoje é o que se vê. As crianças andam estragadas com mimos. Comem triguinho com marmelada, bananas bolachinhas... Dantes comíamos borra e a fruta que calhava e éramos rijos! Hoje é o que se vê, não prestam... Não prestam para nada!

E a mocidade? Ganham nas fábricas, no caminho de ferro, numa arte qualquer. Para quê? Para comprarem motorizadas, passearem ao Domingo, até Braga ou até à Póvoa, esmigalharem a cabeça por aí numa curva qualquer...

Olhe que é já um par deles que foi para debaixo da terra! E tudo por causa dessas motorizadas...

Se Joaquim faz uma pausa.

A nora vem da adega com a caneca cheia. Enche os copos em silêncio.

Beba! Olhe que deste não tinha lá pela Venezuela! Acho eu... Puríssimo!...

Levo o copo aos lábios.

O vinho é o mesmo — levemente ácido, espesso, espumando roxos, no copo de vidro em que agora me servem. Pergunto-me se ainda terão daqueles copos de porcelana branca, grossa, com asa, onde o Avô dava o vinho a provar aos compradores.

Já não me oferecem da boroa do milho, levemente azeda, rija, igual à que Teresa amassava pelas madrugadas, em cada semana. Agora comprem na mercearia, diariamente, pão fresco, de trigo, levemente misturado com milho.

Agora, poucos ali na freguesia, cozem o pão de milho. Os fornos de tijolo e barro, de grande boqueirão tapado por tampa de ferro, calafetada com bosta, estão inactivos, na sua maior parte. Vão-se aruinando a pouco e pouco.

Agora a maioria tem fogão a gaz, embora a lareira não tenha sido desprezada, a lareira para os dias frios de inverno.

O sino badala três vezes, convidando à oração do meio dia, num costume vindo ao longo de séculos e mantido ainda, não sei porque milagre.

Despeço-me.

Desço os degraus de granito. Já no caminho paro a olhar a casa centenária de janelas de guilhotina voltadas aos quatro

pontos cardiais. Uma casa considerada ainda há poucas décadas como uma casa grande de lavoura, uma casa como a do Avô, equilibrada por séculos de experiência, mantida por gerações de lavradores que amavam a terra, viviam e morriam pela terra.

Lavradores que traziam os pés sujos de terra, as mãos encardidas de terra, a roupa, o rosto, o corpo, sujos de terra. Lavradores entroncados em força, na força da própria terra.

E agora? Quais são as casas grandes? E os lavradores respeitados por todos os homens, sérios, íntegros, cuja palavra era garantia suficiente, cujas opiniões eram lei?

Na minha imagem distante, filtrada pelo tempo, permaneceram inalteráveis ao longo de quase 30 anos, os homens de rosto duro, usando como bastão o seu pau de marmeleiro dourado pelo fumo e pelo tempo, homens respeitáveis, árbitros e conselheiros perante questões melindrosas de honra e de negócios.

Mas quem dará conselhos, hoje, em S. Tiago d'Este? Quem são os homens grandes cá da terra?

As casas grandes, ainda persistem nos seus edifícios de cantaria, de arquitectura característica: — Janelas de guilhotina, va-

randa virada ao sul, escada exterior de granito, cozinha ao lado, ao nível do rez-do-chão, a porta comunicando com o eirado, coberto de tojo amaciado pelas chuvas e pela pressão dos tamancos.

Essas casas ainda persistem com as salas e alcovas sobre as adegas, celeiros e cortes do gado, mas agora que a maior parte das propriedades grandes está dividida, as casas enfraqueceram, declinaram.

Muitas dessas casas estão arruinadas ou, peor ainda, adulteradas com persianas nas janelas, pintadas de azul, verde, cor de rosa, numa tentativa de semelhança com as casas que um ou outro emigrante, ou operário constrói.

Mas volto a perguntar a mim mesmo:

— E os homens respeitáveis, essa velha raça de lavradores, cuja palavra era lei?

Pela mente, passam-me nomes citados por Se Joaquim e por Tio Camilo, nomes dos homens agora mais importantes na freguesia:

— Os do Cruzeiro, metade lavradores, metade negociantes de gado. Os da Vinha Torta, com aviários industrializados, etc...

— O Cunha, reformado da G.N.R. que, a meias com o genro, comprou a Quinta da Comenda e nela construiu uma vacaria mo-

derna, com subsídios do Estado e não sei que mais?

— O Zé Margarido, carteiro dos CTT, que casou com a filha única do velho Coutinho, cria igualmente vacas leiteiras, semeou em toda a quinta, pastagens.

Todos têm tractores, ceifeiras, máquinas de mungir. Já não usam varapau, nem carro de bois chiando pelas encostas, nem sequer calçam tamancos, nem vestem camisas de estopa, sem colarinho.

Já não são os senhores da vinha, eles, os que sulfatavam, podavam, agarravam na rabiça do arado, comandavam um regimento de jornaleiros e criados.

Agora, nos campos, um único homem, num fato macaco sujo de óleo, empoleirado no tractor, um único ser vivo no campo imenso, basta para lhe revolver as entranhas num tempo reduzido.

Nem mulheres picando leivas, nem juntas de bois, nem braços musculosos de homem segurando as hastes do arado, nem sequer moços da soga, como o Tone que, nos pequenos intervalos do pastoreio ia comigo à cata de amoras pelos silvados e de lá voltava com a boca tingida de preto denunciadora das suas escapadas.

Agora é o cheiro da combustão dos motores e os arados adormecidos a um canto dos eirados.

Da velha raça de lavradores, duros, manhosos, obstinados, escravos da sua palavra, resta apenas uma raça híbrida de cultivadores que têm outras ocupações, negócios, empregos, que entremeiam as conversas com palavras até há pouco ali desconhecidas: — «Vacarias, inseminação artificial, cooperativas, silos», que discutem novas raças bovinas, marcas de tractores, de motorizadas e até de automóveis.

Hoje, na sua maior parte, são as mulheres que podam, vindimam, guiam tractores, por vezes, que vestem uma bata incaracterística de chita, sobre a saia estreita e, a camisola de fibra, que prendem em dias de vento, os cabelos com um lencinho de nylon, que há muito desprezaram o chapéu de palha que protegia a cabeça e ombros, o avental florido, e domingueiro, bem como o xaile preto de barra de seda, o chinelo de verniz.

Muitas delas cortaram já a trança, vão de longe em longe ao cabeleireiro, ondular os cabelos, já não carregam à cabeça cestos de erva ou de cereais. Usam botas de borracha, até ao joelho, no inverno e sandálias de plástico no verão. Já não andam descalças.

E os bois de raça barrosa ou galega, de cor arruivada, possantes, pachorrentos, de chifres enormes? Que é feito deles?

Agora com a falta de mão de obra, aqui na aldeia, os proprietários puseram muitos campos a pastagem: — trevo e luzerna, renovada de cinco em cinco anos. Já raramente se semeia o azevém por entre o milho, no início do Estio. O azevém que vestia os campos dum verde acetinado e que, espigado e seco era cortado pela última vez na primavera seguinte, para de novo se semear milho e feijão nas terras frescas.

Criam vacas turinas. Vendem as vitélas para abater. Agora quase ninguém tem bois de trabalho, contou-me Se Joaquim. Já mo tinha afirmado Tio Camilo e Tia Rosalina.

No meu tempo, os bois eram a base do seu domínio, o testemunho da sua prosperidade, da sua ascensão económica. Para eles, os bois eram o símbolo da serenidade, da força, do trabalho. Imitavam o seu andar cadenciado, pachorrento, cauteloso. Imitavam os seus mugidos nas ordens de comando «Oooooou!...» (para parar) «Eeeeeei!...» (para andar).

Compartilhavam com eles os mesmos espaços livres, viviam na mesma casa: —

Os bois dormindo no rez-do-chão, eles no primeiro andar, nas alcovas aquecidas pela respiração dos animais e pelas emanções do estrume. E as mulheres tinham, como os bois, os olhos mansos, resignados.

Agora as quintas já não se avaliam pelas cabeças de gado que sustentam nem pelos carros de milho que produzem. Nem os campos são adubados por carros e carros de estrume.

Agora fala-se em pesticidas etc... Já não se sulfata com calda bordalesa. Agora pulveriza-se a vinha com produtos altamente tóxicos, rotulados com nomes estrangeiros.

Hoje utilizam máquinas agrícolas, passeiam de moto e muitos têm até automóvel quase supérfluo numa terra de razoáveis ligações ferroviárias e onde aparecem as primeiras camionetas de passageiros a levar gentes aonde o comboio não pode chegar. Uma terra de más estradas que em breve lhes despedaçará o carter, a suspensão e outras peças caras.

Até mesmo as mulheres dos menos afortunados que igualmente podam e sulfatam e carregam, como no meu tempo, cestos de erva e não têm automóvel para transportar os seus produtos hortícolas, não se dão por vencidas e em cada semana elas aí estão

nas feiras de Barcelos, de Braga, de Vila Nova de Famalicão e outras, a trocar os escudos provenientes da venda, por camisolas para os filhos, combinações de nylon, sapatos, louça de porcelana.

Há igualmente mulheres que não podam nem vendem nas feiras, e se encostam às ombreiras das portas ou se debruçam nas janelas ou nos muros, de conversa com quem passa.

São as mulheres mais jovens, cujos maridos, operários especializados, trabalham nas fábricas, na C. P., em França. Mulheres com seus ócios que a freguesia repudiaria vinte anos atrás.



Da janela da sala olho o Monte dos Penedos, para lá do Rio Este. O Monte dos Penedos que viu S. Tiago d'Este crescer, povoar-se, desenvolver-se. Ouviu-lhe o tropear dos cavalos, dos primeiros senhores.

Viu erguer-se a casa da Quinta da Comenda, erguer-se do nada pelas mãos cabeludas, encardidas, de veias túrgidas e

unhas negras, de pedreiros, canteiros, artistas.

Viu S. Tiago d'Este prosperar, desenvolver-se desde tempos imemoriais, talvez anteriores à nacionalidade. Assistiu à concessão de privilégios especiais aos seus moradores (apenas 30 no século XV e hoje mais de 1 000). Viu esta terra prosperar, levantar a nova face vitoriosa e altiva, desenvolver-se altaneira.

Assistiu, depois das lutas liberais, à extinção do seu concelho, do Tribunal, de todo o seu poder. Assistiu ao seu declíneo progressivo, à sua estagnação, ao êxodo para o Brasil. Mais tarde para África e Venezuela e a seguir para França.

Como testemunha do seu passado poderoso, apenas a casa da Quinta da Comenda, desafiando os séculos. Mas da casa brasonada, a sobressair altaneira da mediania das outras construções pouco resta já, agora que está nas mãos quase analfabetas dos Cunhas, gente que saberá de pecuária, de culturas, do valor de cada estação, mas nada sabe da História, nada sabe do passado glorioso desta terra, agora igual a todas as da sua condição: — freguesia rural de 2.^a ordem.



O sino domingueiro badala autoritário, despertando-me dos meus pensamentos.

Tio João desce as escadas, engravatado. Preparo-me para o acompanhar. Dantes ia com o Avô. Com ele ficava no adro escutando a conversa dos homens, que me fascinava.

O Avô, na roda dos outros homens da aldeia. A sua idade patriarcal conferia-lhe o direito de ser escutado antes dos outros, de ser respeitado mais que os outros homens da aldeia.

O Avô era forte (para mim o mais forte de todos). Não tinha medo de nada. Domava os mais rebeldes com a sua força, o seu exemplo.

Tio João fala pouco. Também como eu vai entregue aos seus pensamentos. Instintivamente, dirijo-me para a entrada da Igreja, procuro com os olhos o lugar onde me ajoelhava. Também isto aqui está mudado: — a disposição dos altares, a pintura interior, até os cânticos, a liturgia, o altar-mor. Tudo. Até os coros já não são entoados por meia dúzia de moçoilas gordas e coradas. Agora é um conjunto orfeónico. Toca-se instrumentos (órgão electrónico e não sei que mais) sobressaiem as vozes masculinas.

À saída fico com Tio Camilo no adro, na roda dos homens, esperando ouvir, como dantes, falar do tempo, das colheitas, do preço do vinho.

Tia Rosalina passa no adro. Tia Rosalina é conservadora. Ainda usa saia comprida, vai à missa e às feiras de lenço de merino às flores e, no peito magro, não deixa de usar os seus cordões com as libras de oiro incrustadas numa cercadura rendilhada. É o seu luxo, como o é, ainda, o casaquinho de peluche, um pouco coçado, e os aventais de seda ou renda.

Apenas ela e meia dúzia de velhas como ela vão à Igreja com o lenço de merino, o avental, os chinelos. Tudo o mais é um desfilar de vestidos leves, sapatos, saias curtas.

— Todos os que têm automóvel vão nele à missa — Diz-me Tio Camilo — Tudo a puxar «à grande», tudo a querer fazer raiva aos outros...

Conto os automóveis, de relance. Devem ser mais de quinze, fora os de matrícula francesa. Há vinte e tal anos não havia um único carro nestas paragens, nem a sua falta se fazia sentir. Cada um regulava a sua vida de acordo com os horários dos combóios ou então deslocava-se a pé ou de

bicicleta ou, os mais abastados, na sua «charrete» puxada por um cavalo só.

Até o Doutor da Fonte Arcada, embora tivesse automóvel, fazia as suas visitas a cavalo. O automóvel só era utilizado nas deslocações a Barcelos ou ao Porto.

— «Folhetas. Só folhetas a atrancar a estrada... resmunga Tio Camilo. Tudo a querer «botar à grande...» E vai-se a ver, andam todos para aí com o cu a rasto... Ainda o outro dia soube dum que...

Ser'Antoninho do Covelo interrompe-o, abanando a cabeça:

— Tudo «a botar à grande»...

Alguns homens aproximam-se do grupo. Cumprimentam-me com reserva. Tento contactar com eles, alguns meus antigos companheiros, mas eles mantêm-se estranhos à minha tentativa de aproximação. Respondem-me com monossílabos, olham-me, pouco à vontade, soltam palavras forçadas, carregam nos «vês», procuram uma linguagem mais cuidada que os torna de repente ridículos.

Meninos fomos, ao mesmo tempo, calcorreando montes e congostas, as nossas raízes, ali na terra igualmente ancestrais.

Evoco mentalmente a nossa infância passada em comum. Uma infância semelhante à de todos os meninos vivida no mesmo ambiente: — ninhos, cerejas, cearas de centeio, enormes, para explorar na procura de «dente de cão» uvas, castanhas, laranjas roubadas.

A escola e as palmatoadas para todos, o exame da 4.^a classe para alguns, na sede do concelho, calças novas, sapatos a estrear.

O Tríduo anual, os meninos da Cruzada Eucarística, faixa branca atravessando o peito e as costas em diagonal, a Cruz de Cristo a sobressair, muito vermelha na branquura da faixa. A catequese. Se Laurinda catequista, as «Bem-aventuranças» e as «Obras de Misericórdia» tudo ali bem papagueado.

Continuo a tentar contactar com eles, mas em vão. Agora eles movem-se num espaço que já não domino.

As mulheres olham-me de soslaio. As crianças retraem-se se lhes sorrio. O Padre já não é o Padre João da minha infância. É um homem novo, inteligente, dinâmico. «Uma santa pessoa» diz-me Tio Camilo, quando ele passa por nós.

Pouco a pouco, os grupos dispersam-se. Tio João junta-se a nós e, devagar, dirigimo-nos para casa.

Na cozinha, hoje, a azáfama é grande. Tia Ana veio de sua casa mais a mulher de tio Camilo. Ajudadas pelas sobrinhas todas elas se afadigam num entusiasmo que me comove. Todas elas a quererem festejar o regresso do filho longo tempo ausente, todas elas a quererem, uma vez mais, tomar o lugar da mãe que nunca tive.

As travessas sucedem-se como dantes. O meu antigo paladar reencontra o gosto pertinente, vivo, do vinagre de vinho, o perfume da salsa, o hálito da canja, familiariza-se com o já esquecido tempero do louro, o sabor adocicado da hortelã e, sobretudo, com o sabor acre do alho.

O Avô era guloso, mas sabia comer com dignidade, cheio de concentração felina, completa, bela de ver.

Fala-se de manjares. Percebo que há em toda a freguesia uma remodelação alimentar com a elevação do nível de vida e o novo espírito da aldeia — uma aldeia com raparigas de vestido fino, tractores, automó-

veis, aparelhos de televisão, uma aldeia sem aquela genuína disponibilidade minhota, que fazia de cada pequena inovação um acontecimento público.

Agora, depreendo, já é hábito as ostentações de luxo por parte dos «franceses» e dos que nunca emigraram. Os que ficaram e acham sempre maneira de depreciar os «franceses» em férias.

Os que os depreciam mas que, com eles, igualmente comem por soberba, não verdadeiramente por gosto. A maior parte não sabe distinguir, depois de cozinhado, um frango de pele loira e rija dum frango de aviário esbranquiçado, insípido.

— Estão demasiado preocupados com as suas vaidadesinhas para distinguirem o autêntico do fictício, o apetitoso do insípido — explica-me a prima Laura, nora de Tio Camilo e professora aqui, em S. Tiago.

— Por isso, continua prima Laura, muitas das crianças levam no lanche da escola, bananas e desprezam as maçãs e as laranjas, como desprezam a boroa de milho.

— Hoje poucas são as casas onde se coze a fornada semanal, diz, por sua vez, Tia Ana.

— Semeiam-se campos de milho, é verdade, — esclarece Tia Margarida — mas o milho, na sua maior parte, é ceifado ainda verde e guardado em silos. Para o gado...

Recordo com súbita saudade, os dias de fornada semanal, o bolo de farinha de milho, coberto de nacos de toucinho ou sardinhas rescendendo gorduras, o forno aquecido, vermelho, espalhando aromas de pinheiro e eucalipto queimado.

Depois, mais tarde, o cheiro a pão quente que se espraiava aqui, por toda a casa, pelo eirado, chegava ao carreiro que dá para o tanque.

Era um perfume tentador que me levava a entrar sorrateiramente na cozinha, abeirar-me da boca do forno já limpa da bosta seca, bem varrida, onde as boroas erguidas, encostadas às paredes, iam enxugando a humidade que a cozedura sempre lhes deixava.

Não resistia, então, à tentação de arrancar uma côdea morena quebradiça, polvilhada de farinha tostada, o que iria irritar Tia Ana.

Sinto, de repente, desejos de reencontrar o sabor perdido da boroa quente, companheira inseparável do caldo de couve galega,

da sardinha assada, do toucinho frito, do presunto...

Pergunto a mim mesmo qual seria o ano em que a Teresa...

Tio Camilo diz-me não sei quê e as palavras destroem as imagens que iam formar-se.

Tento prestar atenção à conversa dos homens mas apenas consigo entender o som das palavras aqui na casa centenária: — silos, Banco da Agricultura, crédito agrícola, tractores, pesticidas...

Tia Rosalina ciranda da sala para a cozinha. Sobe os degraus, que separam as duas dependências, um pouco de lado. Perdeu já a destreza antiga e, se sorri, o sorriso é breve no rosto de ordinário áspero e fechado. Tia Rosalina a filha mais nova, a preferida do Avô.

Vou com ela à adega. É ainda a mesma adega com um pequeno charco pastoso sob a pipa. Do vinho roxo evola-se um perfume que me chega às narinas.

Porém, na sala grande com seu tecto de masseira, em madeira de castanho, escure-

cida pelo tempo, não é este o aroma que predomina. Pela primeira vez, ali, bebe-se cerveja, vinho espumoso e, até, laranjada. E à sobremesa come-se, também, mousse de chocolate, especialidade da prima Laura.

Voltamos para a sala. A tarde arrasta-se e conduz-nos languidamente até ao crepúsculo.

As mulheres insistem para que Tia Rosalina descanse, se sente junto delas, prove do pão de ló.

Olho-a, de lado e, no seu perfil gasto, o queixo quase desaparece quando mastiga. No meio das velhas Tias, tenta, por vezes, aproximar-se de mim, tenta, desajeitadamente, servir-se duns laivos da sua antiga ternura, mas o seu sorriso, os seus gestos já não lhe obedecem. Olho-as enquanto conversa e uma onda de ternura submerge-me.

Recordo de súbito as conversas das mulheres, a Avó, os seus achaques, os seus olhares cúmplices, as meias palavras, os gestos ambíguos que me despertavam uma curiosidade indefinida.

Agora, os homens prestam-me especial atenção, conversam comigo. Querem saber dos meus planos, o que vou fazer das terras

que, por lei, me pertencem, tentam saber da minha situação financeira.

As primas mocinhas, conservam contrariadas, uns restos de curiosidade insatisfeita, à cerca deste primo solteirão, magro e envelhecido, crestado pelo sol dos Trópicos.

É tarde quando todos se retiram.



A noite está agradável e no céu acendeu-se já todo o luzeiro das estrelas. Pela aldeia, as luzes das casas vão-se apagando. Tia Rosalina fatigada, há muito se recolheu. Toda a casa está em silêncio.

Debruço-me na janela. Um cão começa a ladrar. Outro responde. Sob a luz branca do luar descubro a casa de Joaquim Choninhas, de Josefina Bispa, da Melra.

Aqui na aldeia ninguém tem um só nome. Todos têm um apelido ou alcunha a aludir a qualquer coisa ou a qualquer facto passado, a qualquer situação. Nisso não mudou S. Tiago d'Este. Todos continuam a receber alcunhas. Uma alcunha muitas vezes tão extensa como o conjunto de dois ou três nomes com que está registado.

Uma alcunha caricaturando o físico pequeno do Tone-Zé o «quarto de quilo», ou

o mau génio da Conceição «Tranca-de-ferro», ou a galhofice da Maçarica ou do Palavrito. Olho as casas fechadas. A aldeia dorme. Dormem os velhos e os homens que já não sujam os pés nus na terra humosa. Dormem as mulheres dos que trabalham na C. P., nas fábricas, na França e as mulheres que trabalham nos campos de sol a sol e criam filhos e lutam sem jamais se darem por vencidas. Dormem as crianças e as mocinhas de cabelos curtos que, ao Domingo vestem vestidos garridos, armam ao fino.

Já deve passar da meia noite, pois que a iluminação já se apagou.

S. Tiago d'Este freguesia rural de 2.^a classe tem iluminação pública. S. Tiago, freguesia rural que há vinte e tal anos, quando eu parti, se alumiaava a petróleo, e desconhecia, ainda, o gaz butano, as margarinas, o cheiro a gasolina dos motores dos automóveis, tem, agora, as suas encostas pontilhadas de casas garridas, modernas, casas que não têm beleza, nem fealdade, nem expressão, nem alma nem sequer aquela dignidade que as transformava nelas próprias. Nem sequer verdade. São idênticas às mocinhas, às mulheres jovens que usam vestidos de seda, carteira no braço, mas que não perderam o jeito de colocar as mãos na cinta, de

se equilibrarem nas pernas deselegantemente afastadas, de arrastarem os sapatos como se fossem tamancos.

A maioria é pouco menos que analfabeta. Algumas das moças tentaram os estudos. Umas conseguiram o curso comercial e trabalham nas Caixas de Previdência. Outras não passaram do 1º ciclo e muitas outras mal fizeram a 4.ª classe, nunca lêem e escrevem mal as cartas para França e para África.

Mal se ajeitam a pegar na esferográfica para rabiscar duas letras embora sejam fortes em contas de cabeça como o foram e são ainda, as mães. E todas elas disputam entre si o primeiro lugar da elegância no vestir. Por isso há intriguinhas, disputas, malquerenças, segundo depreendi, também, das frases que, por vezes, surpreendia nas conversas entre as minhas jóvens primas.

Também isto deve contribuir para que S. Tiago d'Este seja como a vê Tio Camilo ou Se Joaquim: — uma aldeia diferente, adulterada, fictícia.

E, no entanto, vista do Adro da Igreja, toda ela é paisagem de verde e ouro salpicada de casario e, lá em baixo, o Rio Este é uma faixa de prata que ninguém diria poluído, vazio de barbos e trutas. Toda ela é

paisagem verde. Um verde intenso interrompido pelas manchas garridas das casas novas e pelas manchas de cor indefinida (outrora brancas) das casas grandes de lavoura, casas que foram perdendo a cor e que agora, na sua maior parte, não são mais do que construções respeitáveis, na sua longevidade.

As casas de tabuado, essas, acabaram. Pelo menos não vi nenhuma na freguesia. As casas de madeira permeáveis ao frio e ao calor, onde se abrigavam os menos favorecidos que trabalhavam, não a sua terra mas a dos senhores que lhes pagavam melhor ou peor.

Gentes que só se lavavam ao Domingo e mudavam de roupa para ir à missa, que só tinham dois pares de calças, umas para os dias de trabalho, sobrepostas de remendos outras menos velhas para missa dos Domingos.

Ao centro da freguesia, a casa senhorial da Quinta da Ordem, ainda ali está. Os Senhores da Quinta morreram, há muito. Repousam no jazigo de granito do pequeno cemitério paroquial. Os filhos e netos dispersaram-se pelo mundo. Só os caseiros vivem lá, na casa anexa.

Os salões despiram-se de móveis e tapeçarias. As tábuas do tecto foram apo-

drecendo. Nos telhados antigos o musgo cresceu, entupiu as caleiras. A casa está moribunda.

Um dia, talvez, irá parar às mãos duns «Cunhas quaisquer» como a Quinta da Comenda e depois pouco ou nada restará das suas venerandas paredes.



A manhã está linda.

Vou até ao Rio Este. Um fio de água, como sempre no Estio. Mas agora saturado de resíduos químicos, que queima as plantas se utilizado na rega. Um rio maldito.

Olho lá para cima. De novo o casario espalhado pelas encostas. A igreja, a estrada, as ramadas de ferro prenhes de cachos, formando dosseis sobre tiras largas de pastagem, rectângulos de horta.

Canso os olhos na cortina negra dos pinhais e olho com pena o rio onde dantes eu me banhava na represa do moinho e onde pescava barbos de cerro negro e grandes bigodes, trutas e escalos, este rio agora deserto de peixe, este rio morto.

Uma luz esplendorosa cobre toda a aldeia.

Apetecia-me banhar-me no fiosinho de águas mansas, mas este rio poluído, mal cheiroso, repele-me. Também ele mudou. Deixo-o para traz e agora é de novo a estrada, depois o carreiro do monte e os meus passos renovados.

Um cão amarelo, ali perto, ladra por cima do muro. Não é o rafeiro sujo que ali está, mas o Leão da minha infância que saltava comigo pelos carreiros que davam para a Igreja.

Subitamente, apetece-me correr ao encontro dum apelo caprichoso que me chama mas, ao contrário, deixo-me cair sobre o chão duro da bouça e ali fico de costas, os braços debaixo da cabeça, enquanto por cima de mim, de encontro ao céu familiar balouçam suavemente os pinheiros da minha infância, a envolver-me numa paz antiga, numa alegria que já julgava esquecida.

Distraidamente, os dedos brincam com uma folha de erva.

Vem-me subitamente à ideia o gosto levemente ácido que a erva deixa na boca e sinto desejo de o reencontrar.

Os dias repetem-se. Mais uma vez deixo que as pernas me conduzam por caminhos e

carreiros. Quanta coisa mudou de há vinte anos para cá...

Agora a aldeia tem luz eléctrica, casas de todas as cores, automóveis, e até um café. Um café pequeno, modesto, montado por um «francês» com os francos ameahados, ao longo dos anos, por ele, pelos filhos pela mulher. Os três filhos mais velhos ficaram em França. Ele regressou, fez casa nova. No rez-do-chão, o café. Mantém ainda o automóvel de matrícula francesa. Parece que de vez em quando vai a França onde os três filhos continuam a trabalhar.

Ele e Chòninhas regressaram de vez. Ele com o pecúlio amontado por ele, pela mulher e por todos os filhos que já podiam trabalhar. O Chònihas com a sua reforma que um grave desastre lhe proporcionou.

Também o «Francês» deve saber quem eu sou. Não me olha desconfiado e vem servir-me, a título excepcional. (Só à noite é que servem café e bebidas).

Olho para a estrada. Passam automóveis, muitos deles de matrícula francesa. Motorizadas, um tractor rebocando um atrelado carregado de toros de pinheiros.

Passam rapazotes, alunos do seminário, ou da industrial, agora em férias. Crianças da escola, igualmente em férias.

Entra um conhecido que andou comigo na escola, e não mostra surpresa ou satisfação por me encontrar ali. O rosto é fechado. Cumprimenta-me sem nenhuma cordialidade.

Um pouco abaixo do café, junto do cruzamento das duas estradas camarárias, lá estão, como dantes, as duas lojas par a par, onde ainda se vende mercearia e dantes se vendia, também, vinho ao copo.

Agora, não há bêbados cá na terra, disseram-me. Os homens já não vêm para aqui, aos Domingos, jogar o meco ou a bisca, apostar quartilhos.

Morreu o Quim Alegre, o Graúdo, a Chirobita, as Carochas estão velhas. Acabaram-se os bêbados e as mulheres de má nota.

Hoje as duas lojas vendem sandálias de plástico, peixe congelado, refrigerantes e até bananas. Bananas consumidas aqui, pelas crianças, numa terra rica de maçãs, uvas laranjas.

Há até um matadouro de frangos de aviário, improvisado, sem esgostos, sem condições de higiene.

Agora, os pobres de antigamente comem frango. Não os frangos doirados, sólidos, criados pelos caminhos e quinteiros, todo o dia a esgravatar, a depenicar hortas mal guardadas, mas frangos de aviário, anémicos, molengões, deslavados, mas, em todo o caso, frangos, e muitos deles, os mais novos, embora não desprezem o vinho verde da região, bebem cerveja, refrigerantes, petiscam chouriço de lata, vermelho de colorau, azeitonas graúdas vendidas em embalagens de plástico.

Os rapazes cedo procuram emprego. Alguns estudam em Braga ou Barcelos. Alguns completam o curso comercial ou industrial. Outros vão para França, para junto dum tio ou dum irmão mais velho. Outros, ainda, seguem uma profissão qualquer: — mecânico, electricista, marceneiro, trolha.

Todos viram as costas à agricultura. Crescem sabendo pouco ou nada, de sementeiras, de podas, de pecuária.

Interessam-se, sim (diz-me Tio Camilo e outros velhos como ele) por veículos motorizados, sobretudo por motos. Já ninguém quer bicicleta a pedal. Bicicletas motorizadas, fatos novos, outros hábitos, outra mentalidade.

E é isso que não lhes aceitam Tio Camilo, Se Joaquim e outros da velha geração. Não

lhes aceitam os luxos, nem lhe compreendem as pressas, corridas de casa para o emprego, do emprego para os passeios, para os encontros, para outras ocupações.

Não compreendem que eles possam dizer constantemente — «Não tenho tempo...»

Tempo para conversar sobre as semeaduras, sobre os preços que correm nas feiras, sobre o gado, sobre o vinho.

Tempo para se sentarem à lareira e ouvirem os velhos contar coisas passadas, experiências vividas, lutas, ratoesiras que a vida prepara e sempre há-de preparar a cada um.

Tempo para contemplar as searas ondulantes, os milheirais pujantes de seiva, avaliar os frutos, tremer no receio de perdê-los.

Tempo para falar do tempo.

O Avô tinha tempo para trabalhar, tempo para comer pausadamente na companhia de criados e jornaleiros. Tempo para dormir, tempo para negociar, tempo para rezar.

— «O tempo é de graça! O tempo dá-o Deus...» dizia ele, diziam todos, diz ainda Tio Camilo, Tio António, Se Joaquim e poucos mais.

Os outros correm de motorizada, correm para o comboio, correm para os empregos, correm para casa ao fim da tarde, para dar

uma ajuda nos campos, nos estábulos, agora praticamente a cargo das mulheres.

Também já se corre em S. Tiago d'Este.

Não há requintes ou pausas nos trabalhos agrícolas. Os regos para as favas, para as nabijas, para as couves, são abertos de qualquer jeito, de qualquer jeito se atira para a terra as sementes e os adubos.

— Poda-se de qualquer jeito, de qualquer jeito se sulfata, queixa-se Se Joaquim.

E Tio Camilo diz...

Sou despertado bruscamente dos meus pensamentos pelo « Francês » que se vem sentar junto de mim, numa espontaneidade que me agrada.

É mais novo que eu, mas lembra-se de mim, do Avô, do casamento da Tia Ana. Fala de S. Tiago de ontem e de hoje. Fala-me da França. Conta grandezas, facilidades, fala de boa vida, das condições sociais e económicas que lá desfrutava, dos negócios que lá fazia.

Deixou lá duas filhas casadas e um filho em idade militar. Fala deles, do futuro que os espera nessa terra grande, de largos horizontes, de possibilidades económicas sem conta.

Procura convencer-me de que venceu, que hoje tem uma posição económica e social invejável, e acaba por me falar da miséria de antigamente, dos anos que aqui passou — a mãe, mulher da fita, o pai fraco, repudiado pelos lavradores, ele e os irmãos, mendigando uma côdea de pão, rapinando fruta, todos mal acomodados no casinhoto de tabuado.

— Não queriam o meu pai para jornaleiro. Nem a minha mãe. Mas agora «nicam-se», diz com satisfação mal contida.

— Tomaram eles o meu pai, agora. Pagavam-lhe e bem e era «a mim ...a mim...» Eu, por minha vontade, não tornava para cá. Mas a mulher nunca se deu bem por lá...

Os meus filhos mais velhos nunca mais vêm! Não querem outra terra. Dão-se muito bem por lá...

Mas olhe que isto ainda assim, está muito melhor por cá! Não tem comparação! Agora um gajo qualquer puxa aí por uma maço de notas... E dantes? Andava um jornaleiro aí a dar cabo do canastro, a levantar-se com estrelas, uma semana a fio para, muitas vezes nem sequer ganhar para a fornada. Uma miséria. Uma miséria!...

A gente ia por esses lavradores olhar o gado uma tarde inteira por uma côdea de pão. A mais pequena coisa já ninguém queria um gajo para trabalhar. Só queriam quem lhes convinha, quem se estoirasse até mais não poder. Agora, outro galo canta! Faziam pouco dos pobres até mais não. Mas agora já não é assim!

Olhe, só digo — Deus não dorme! Deus não dorme!...

Cala-se e fita-me por momentos, à espera que eu lhe diga qualquer coisa. Mas não digo nada.

Que hei-de eu dizer? Que posso eu dizer?

Para ele, S. Tiago não poderia ser o futuro. Para ele, o futuro foi a França. E para mim?

O peso do tempo cai subitamente nos meus ombros.

Olho o relógio. Invento uma desculpa qualquer. Pago o café e saio. Caminho num passo mole, sem destino.

Está um dia quente e o sol do meio dia faz as sombras pequenas. Esplendoroso, brilha nas folhas verdes dos milhos semeados tardiamente, nas terras mais frescas, brilha nas medas de palha, nas ramadas.

Automaticamente, os passos dirigem-se para casa. Transponho o portal. O cão sai da

casota, rosna e, desinteressado, volta para o ninho.

Tia Rosalina assoma à porta da cozinha trazendo o cesto barreleiro na mão. Tia Rosalina é conservadora. Ainda usa lençóis e toalhas de linho e de estopa. Linho que foi semeado aqui nestes campos, há mais de trinta ou quarenta anos, que foi fiado pela Avó e pelas Tias, tecido pela Aurora do Fregial, num tear antigo rudimentar.

Tia Rosalina ainda faz a barrela tal como a Avó lhe ensinou — cinza, alecrim, mentrastes, água a ferver, etc. Ainda cozinha na lareira como no tempo do Avô. Aposto que jamais cozinaria peixe congelado, frango de aviário ou usaria nos seus cozinhados margarina ou algum desses condimentos vendidos em frasquinhos.

Sorrio-lhe e em resposta ela fita-me com olhar reprovador por me expor assim ao sol, que me cega, quase me tira as forças. Subo as escadas e vou abrigar-me no alpendre da varanda.

Na minha frente, o sol é uma imensidão voraz, luminosa. Daqui avisto uma remota paisagem de ramagens e casas, dos meus anos infantis, eiras de granito ou xisto, a palha cor de mel.

Algumas pombas desenhavam-se inquietas contra o céu azul, no silêncio da tarde. Lá longe os pinhais desdobram-se em vagas sucessivas. De repente, lembro-me do mar, parece-me vê-lo, como quando era criança, me abeirava da janela e para mim inventava o mar.

Tia Rosalina chama-me. O almoço espera-me. Preparou-me mais um dos seus petiscos. mas sinto-me sem apetite. Disfarço para não a decepcionar.

A tarde avança lentamente.

Lá fora o sol arde na tarde estival. Chegam-me aos ouvidos o estalar das folhas sob o calor, pequenos esboroamentos das paredes, à passagem de um ou outro réptil, o zumbido das moscas, os únicos sons da casa que dorme a sesta sob o sol de canícula.

Deixo-me ficar sentado na cama na mesma posição, olhos abertos, fixos nas linhas cruzadas da janela de guilhotina. Lá fora o verde-verde é o mesmo sob o sol esplendoroso, a casa é a mesma, a mesma alcova o colchão de palha, os lençóis de linho, frescos, um pouco ásperos. Fecho os olhos e vejo os campos verdes, o céu azul, as árvores. O cenário abre no meu coração um sen-

timento de desanimado abandono, um sentimento de solidão e de morte.

Mas porquê, meu Deus, a voz da terra não penetra fundo no meu coração? O sol é o mesmo de antigamente, quente, luminoso, o verde-verde parece mais pujante e, no entanto, sinto-me sem alegria, sem lar, como na profunda solidão dos dias passados na Venezuela.



O parapeito da janela está ainda tépido do dia há muito findado. Sei que o sono, mais uma vez tardará a chegar.

Vou sentar-me lá fora, nas escadas de granito, fugir desta atmosfera abafadiça que vem do chão e do tecto de madeira.

Vem até mim o coaxar das rãs na poça grande, a monotonia do cantar dos ralos. É uma noite clara, uma destas noites estivais em que o azul luminoso que vem do dia parece continuar no céu, pela noite fora. Os mosquitos zumbem-me em volta da cara. Mergulho no terreiro todo inundado de luar.

Volto-me e a casa surge à minha frente deserta, luminosa, com a varanda de sempre, as janelas, o telhado de telha antiga.

Olho magoadamente para ela e, de súbito, acho-a velha, triste, moribunda.

Sobre estas velhas paredes estão pousados mundos extintos, luas opacas e nebulosas. A casa está submersa, silenciosa.

Olho em meu redor. Passeio ao acaso pelo carreiro da horta. Sento-me na borda do tanque. Em vão tento mais uma vez reencontrar na noite clara, a luz, o som, o sabor do tempo, antigo. Revivo, uma vez mais, esperanças, antes de as tornar desilusão.



Os dias arrastam-se.

Já não passeio pela aldeia. Vou ficando por casa, toda a manhã seguindo com o olhar as idas e vindas de Tia Rosalina, o cirandar das galinhas, pelo chão. De tarde ,vou por vezes, até Barcelos ou Braga, especialmente em dias de feira, embrenho-me na multidão, deixo que ela fervilhe rodando em torno de mim como se toda a feira fosse um gigantesco carrocel.

Outras vezes, encerro-me como hoje, na alcova e, deitado na velha cama, fico horas esquecidas olhando o tecto, a ruminar pedaços de sonhos poídos, quase gastos.

O desejo simples e puro que trazia dentro de mim, murchou já. O desejo de apoiar a fronte cansada nestas paredes, como se elas fossem a mão dura e rugosa do Avô. Ouvir, como que vinda do íntimo dessas pedras, todas as distantes vozes da minha vida passada — o mugir dos bois, o crepitar do fogo na lareira o assobiar do vento na chaminé.

Regressei para pedir paz e repouso, para reencontrar algo de puro nesta casa, nesta terra que me acolheria, que recolheria as minhas palavras. Regressei para transformar as doces lembranças em imagens reais. Porém essas lembranças elevaram-se do fundo deste silêncio, desta solidão, como rolos de fumo, nada mais.

Olho-me no espelho velho da sala. Queria neste meu rosto cansado reconhecer o rosto da minha infância, mas sei que é impossível.

O meu passado estilhaça-se voa em pedaços e com ele a minha infância e adolescência.

É como se tudo se desmoronasse. Pedregulhos enormes rolassem lá do alto das pedreiras, me atingissem.

Aqui não posso continuar a minha vida embora a natureza e as velhas pedras me

seduzam ainda. Em breve será o regresso ao novo continente.

Deixarei atrás de mim alguma coisa, algo que é melhor parte de mim mesmo, a minha mais pura ambição, um destino que já não se repetirá.

Uma amargura indefenida faz-me abandonar a sala. Lentamente, desço as escadas para me ir lançar nos caminhos soalhosos, na vida que neles paira e na qual não sei já participar.

A verdade é que nada me interessa. Sinto-me vazio, indiferente. O sonho alimentado intimamente durante tantos anos não sobrevive mais. Vim na tentativa de continuar para mim uma história antiga, uma história vivida dentro dumas paredes sólidas, puras, que me deram todo o calor humano de que necessitava, que me deram a mesma sensação de segurança dum certo braço, endurecido pelos anos e pelo trabalho, quando pousava nos meus ombros, a mesma sensação de segurança daquela voz amiga, um pouco rude, que comigo falava de várias coisas — projectos de colheitas, necessidade de obras nas minas ou nos muros da quinta, me falava de dias passados, me falava dos dias futuros, tentando precaver-me contra

as armadilhas que, sem dúvida, se me iriam deparar.

Vim na esperança de encontrar os que comigo viveram a minha infância e que comigo entraram na adolescência, que me acompanharam até ao limiar da juventude, os que comigo brotaram das mesmas raízes.

Mas a minha condição é diferente das delas, cada vez mais diferente. Não sei quem se afastou mais. Eles vivem a sua vida, não a minha, não a que vivemos em comum há trinta anos. Não tenho, portanto, já nada a fazer junto deles.

Os seus problemas, os seus sonhos, não os posso observar a não ser como estrangeiro, sem ter a possibilidade de os compreender. Nenhuma aproximação se produziu. Bem pelo contrário — o fosso que nos separa vai-se tornando dia a dia mais fundo.

O sonho que alimentei durante tantos anos e que, alvorçado, trouxe comigo, não sobrevive mais.

A realidade não abdica dos seus direitos. Impõe-se pela força. A vida é dura. A vida não se fez para sonhar e toda a minha realidade se reduz, afinal, a um desespero indefinido por não poder preencher os espaços vazios que comigo trouxe de longe, e me faz desejar, cada vez mais, o regresso a Caracas,

partir sòzinho, perder de vez o mundo dos meus primeiros dezassete anos e que durante quase trinta anos trouxe dentro de mim.

Uma a uma tento rever todas as imagens que me impressionaram desagradavelmente ou que me decepçionaram. Busco-as. Detenho-me nelas, quase com deleite. Reúno todas as amarguras e decepções para as levar comigo, para com elas preencher o vazio deixado pelos meus sonhos estilhaçados.

Assim talvez consiga dar por terminada uma história de há muitos anos, afastar definitivamente fantasmas que teimam em me perseguir.

Assim, talvez consiga evocar S. Tiago d'Este sem me deixar arrastar pela exaltação, pela angústia, pela nostalgia.

**CHEGOU
ZÉ FIRMINO**

Chegou Zé Firmino!

Chegou Zé Firmino e as moças da terra agitam-se tontas como as borboletas ao redor da luz.

Chegou Zé Firmino!

Nascem segredinhos, nascem malquerenças, tecem-se intrigas e as moças da terra não têm mais parança.

Zé Firmino passa e todas espreitam por detrás dos muros, por entre a folhagem, pela frincha da porta. Zé Firmino é belo, mais alto que o pai, o Firmino Costa, Firmino Choubeco, agora o «Francês». Também Zé Firmino era Zé Choubeco, Rosa Choubeca a Mãe, Choubecos os irmãos. Mas isso era dantes, quando os pais lidavam na quinta das Hortas, na Quinta da Torre, nos campos do Sá e ele aceitava as côdeas de pão, rapinava fruta e andava na escola e guardava gado — bois doirados, enormes, ovelhas rebeldes, vitelas de seda já mais altas que ele.

Zé Firmino Costa, menino e já homem ganhando nos pastos o caldo que come...

Zé, Zé Firmino, Zé Choubeco arisco, zagalo matreiro.

Mas isso era dantes, quando os pais, ali, lutavam pelo pão e ele aceitava côdeas bolorentas e a malga de caldo e todos viviam na casa pequena, negra, fumarenta, com um só janelo virado para o sul.

Hoje, a casa é grande, alegre e garrida como moça namoradeira. (Foi há quatro anos). Zé Firmino, o pai e os irmãos mais velhos, vieram de França, chamaram pedreiros e a casa fechada de paredes negras cresceu para o alto e em breve ganhou telhado vistoso, persianas brancas, escadas, varanda, paredes azuis e portas vermelhas.

Depois vieram os móveis, o fogão a gás, a televisão. Luxo assim, nem no da Farmácia nem na Casa Grande.

Veio outro ano, veio o verão e com ele as férias e o Zé Firmino de novo voltou com o pai e os seus irmãos. Eram oito ao todo — três nascidos lá, na França dos francos, dos trabalhos duros, das casas-barracas mais tristes, mais frias, que a casa antiga.

Mais tristes? Mais frias? Trabalhos mais duros? — Isso são falácias dos que não partiram e ficaram cá, ou foram para França e falharam em tudo, diz velho Choubeco, Choubeco Francês.

Se não, olhem só o Renault azul que os trouxe a todos, é vê-los gastando na Venda

do Cunha, nas feiras de Braga e de Barcelos. É ver Mãe Choubeca, mais gorda, mais branca, de cabelos curtos, vestido às ramagens, carteira no braço, sapatos nos pés.



Mais verões vieram e as férias também, para Zé Firmino e alguns dos irmãos. Por vezes os pais. Trouxeram dois carros (um é de Zé Firmino) discos, novos hábitos, falavam francês...

E as moças da terra, deslumbradas, tontas, nunca mais tiveram sossego, nem paz e todas espreitam Zé Firmino que passa no Peugeot vermelho, a camisa aberta no peito moreno, mais belo, mais forte, mais negros os olhos.

Mais tontas as moças.

Desde que chegou Zé Firmino, os moços da terra e das redondezas, não têm mais valor — Nem o Nel Campinho, nem o Quim da Amélia que trabalha em Barcelos, no pronto-a-vestir, nem o Adelino, marceneiro em Braga, na Fábrica de Móveis, nem o Joaquim que anda na C. P. nem o Zé Barrocas que passa na estrada de motorizada, ne-negoceia em gado e é alto e forte como Zé

Firmino e tem olhos negros como os olhos dele, tem falas bonitas e um riso brejeiro.

Por isso os rapazes, os moços da terra, não veem com bons olhos este Zé Firmino que passa ao volante do Peugeot vermelho (203) Mais veloz que o vento, este Zé Firmino que veste outras roupas, diferentes das deles, que ostenta nos olhos, nos pulsos, na pele, todas as promessas duma terra, grande sem tradições velhas, preconceitos, hábitos jamais esquecidos, sem cortinas espessas de pinhais sombrios.

Por isso os rapazes, não veem com bons olhos este Zé Firmino e à boca cheia dizem que o «Francês», de seu, tem apenas os braços robustos e cabeça fraca para governar os francos que ganha. Tem a casa nova, pequena para tantos. Tem casa bonita... E terras? E gado?

Nada tem o Zé dizem despeitados, a não ser os braços e a cabeça fraca.

Nada tem o Zé a não ser as roupas diferentes... bonitas. A não ser o carro. O carro? Ora, o carro... Diz-se tanta coisa... São tantas as loas... E mesmo que seja só dele, só dele e já pago, que riqueza é um carro vermelho?

Riqueza é ter campos, ter gado, ter casas, ter a adega cheia!

Nada tem o Zé, dizem despeitados, a não ser os braços e as estradas largas para percorrer no Peugeot vermelho mais veloz que o vento. Tem o carro vermelho e uma vontade louca de gozar a vida e gastar os francos que durante meses amealha em França.



E agora que Agosto de novo chegou, chegam os «franceses». E chega Zé Firmino com francos-escudos para deixar ficar por Braga, Barcelos, pela praia da Póvoa, na Venda do Lopes e do Semião.

Por isso, agora que o «Francês» voltou, as moças da terra não têm mais parança — «Chegou Zé Firmino!» E a novidade saltita, esvoaça, por prados, outeiros.

«Chegou Zé Firmino!»

Canta a boa nova de outeiro em outeiro, por prados e bouças por campos e hortas.

«Chegou Zé Firmino! Chegou o «Francês»! Chegou Zé Firmino! Chegou Zé Firmino! Che-gou Zé Fir-mi-no!!!»

Estralegem foguetes, repiquem os sinos, que as moças da terra não têm mais parança! É mais leve o ar, tem mais oiro o sol, mais cristal o rio e os pardais ariscos

e as rolas bravas cantam mais alegres pelas ramarias.

«Chegou Zé Firmino!...»

E as moças, tontas, não têm mais sossego. Zé Firmino e o carro mais veloz que o vento. Zé Firmino trazendo consigo, como nova pele, todas as promessas duma nova vida, sem peias nem entraves. Uma vida cheia, uma vida boa!

«Chegou Zé Firmino!...»

Nascem segredinhos, esperanças difusas. Há contos e ditos, intrigas, enredos. Chegou Zé Firmino no carro francês, vermelho e brilhante como o sol poente, veloz como o vento. Chegou Zé Firmino, têm mais cor os prados, mais força os pinhais.

Chegou Zé Firmino! Chegou Zé Firmino!
Chegou Zé Firmino!!!

A BANDEIRA

Quim Alegre sente o coração bater descompassadamente ao envergar, sobre o fato a estrear, a opa vermelha da confraria do Santíssimo. Calça nas mãos trémulas de emoção, as luvas brancas e ei-lo empunhando a bandeira nova onde a Imagem se desenha por entre reflexos dourados.

Ei-lo tomando lugar de honra na procissão, ladeado pelo Ser'Adelininho do Paço e Se Domingos, presidente da Junta, dois dos homens mais importantes da freguesia, que seguram solenemente, as borlas da bandeira ricamente bordada, a bandeira da Confraria do Santíssimo.

Ei-lo caminhando em lugar de honra, junto do pálio, esforçando-se por aparentar no seu andar pausado e no rosto sério, a calma dum homem sem preocupações.

À medida que o cortejo segue o percurso habitual por entre alas compactas de povo, uma satisfação toma posse crescente de Quim Alegre. Cada vez mais seguro de si, sente dezenas de olhares fixos nele com admiração e mesmo até (quem sabe?) inveja e despeito, e aquele dobrar de joelhos em

honra do Salvador parece-lhe também (Deus lhe perdoe) um pouco extensivo à sua pessoa e isso, sem que o possa evitar, enche-o de orgulho.

Vindos da rectaguarda do cortejo chegam até ele os acordes compassados que a banda arranca aos instrumentos metálicos e que lhe soam como uma marcha triunfal.

Foguetes sobem no ar, deixando atrás de si um rasto de fumo e o cheiro característico a pólvora queimada espalhando-se no ar e misturando-se ao cheiro a pó e seiva do pinheiro que paira sobre a multidão, essa multidão constituída não só por contrerrâneos seus mas também pelos que vieram de freguesias circunvizinhas e ainda pelos amigos e parentes dos contrerrâneos, vindos de longe.

Todos ali reunidos, uns para à sua maneira se divertirem em namoriscos de momento, outros, os mais velhos, em conversas e petisqueiras junto dos pipos sob toldos enfeitados de ramos de loureiro. Outros, ainda, vindos com a finalidade de cumprirem promessas feitas num momento de aflicção e todos eles atraídos pela procissão a seus olhos revestida de grande imponência, a mais imponente, mesmo, de todas as que,

ao longo do ano, em dias de romaria, se vão efectuando ali pelas redondezas

Ante os seus olhos sempre maravilhados, desfilam os andores vistosamente engalanados, as figuras alegóricas envergando roupagens, de nylon e cetim, alugadas em Braga ou na Póvoa, anjinhos, uns igualmente vestidos com luxo, ostentando cabeleiras, outros, mais modestos, de cabelos frisados com o rabo dum garfo de ferro aquecido na lareira e vergados ao peso de grossos cordões de oiro, medalhas cruces e meias libras encastoadas em cercadura rendilhada.

Os andores, as figuras alegóricas, os anjinhos e as bandeiras. As bandeiras. A bandeira da Confraria do Santíssimo rica de bordados a ouro, brilhando sob o sol intenso que cai inexoravelmente sobre a cabeça descoberta de Quim Alegre e o faz cerrar os olhos até se transformarem em duas linhas oblíquas por onde as pupilas não deixam de espreitar a multidão.

Vêm-lhe ao pensamento outros dias de romaria em que ele perdido no meio das gentes envergando o fato domingueiro coçado pelo uso de muitos anos, olhava os «graúdos» da freguesia seguindo pausadamente na procissão empunhando as bandeiras

ras das confrarias ou a segurar respeitosa-mente as varas do pálio.

Os graúdos da terra como o Ser'Adelininho do Paço, o «Morgado» das Fontainhas, o Se Zé dos Azevinhos e outros, constituindo a aristocracia da aldeia, porque também a aldeia sempre classificou os seus habitantes segundo uma hierarquia mantida ao longo das gerações. — No lugar cimeiro, os graúdos, os lavradores mais ricos, uma aristocracia constituida por seres de instintos e sangue mais puros que os outros, e que por isso sempre foram, e ainda são, os primeiros, deixando que os demais os limitem se modelem por eles. Seres suficientemente aferrados à posição criada ao longo de gerações, para não cederem facilmente o seu lugar.

Quim Alegre sabe tudo isso e, portanto sente-se feliz por ir ali na procissão em lugar de honra e embora sinta as mãos escaldarem dentro das luvas brancas, sente, também, que a opa de seda vermelha, brilhando ao sol, é mais bela, mais magestosa que manto real. Quim Alegre sente-se admirado, respeitado, tão importante como um rei.

Quantas vezes alugara o seu braço a estes graúdos que o acolhiam, se divertiam a escutá-lo mas que nunca o tomavam a

sério, que nunca com ele tratariam dum negócio, fariam um contracto.

E tudo porque elle era filho do Manel Alegre e como elle gostava de tocar viola ou concertina, de cantar pelas romarias e desfolhadas, de levar, a troco de regueifa nozes e vinho, as Reisadas a qualquer graúdo da terra, nas frias noites de Janeiro.

Quim Alegre, cantador, amigo da borga. Quim Alegre, filho de Manuel Alegre, bêbado e trapaceiro. Quim Alegre, sempre alegre até no trabalho. Amigo do seu amigo. Simples e bom. Tão bom como uma maçã madura.

Doía-lhe, no entanto, não passar, perante essa gente, do Alegre, bem recebido mas nunca tomado a sério, e sentia cada vez mais a necessidade de os convencer de que era mais do que o Quim Alegre, filho do velho Alegre bêbado e trapaceiro.

Por isso partiu como tantos, para essa cidade grande e cinzenta com um grande rio mais cinzento ainda, quase parado sob tantas e tantas pontes.

Quim Alegre que amava o sol, as cantigas dos riachos, o verde-verde que cobre a terra humosa, Quim Alegre a labutar no duro durante três anos a fio, nas ruas cinzentas de Paris.

Quim Alegre a regressar, vencedor, a contar para os outros as maravilhas dessa cidade enorme, toda esventrada pelo metro que a percorre em todas as direcções «uma cidade em cima de outra» no seu dizer animado.

Fala do metro, das ruas peçadas de gentes de todas as cores, vestidos de todas as maneiras, algumas mesmo, semelhantes a mascarados em noite de desfolhada.

Fala sobretudo de igrejas antigas, grandiosas, onde um homem se sente mais pequeno que um rato. Fala da imponência das cerimónias religiosas, da missa cantada, ao Domingo, em Notre Dame, a Catedral erguida ali a bem dizer no meio do rio.

Fala, fala e todos o ouvem fascinados. Cala os frios lá passados, a solidão, as humilhações e dificuldades vividas a cada minuto, as explorações de que por vezes foi vítima.

Se falasse delas, voltaria a ser o Quim Alegre, um pobre diabo criado «ao-Deus-dará». Das muitas coisas que por lá passou, sabia-o ele e Deus. Ninguém mais precisava de o saber. Até da mulher ocultou algumas coisas. Coisas que não interessava contar a ninguém. Tudo isso era para esquecer.

Regressou como sempre sonhara e isso era quanto bastava para o compensar. Se mais não tivesse, bastaria o momento de agora, a Bandeira, toda oiro e brocado, que ele oferecera à Confraria do Santíssimo, as luvas brancas, o fato a estrear sob a opa vermelha, vermelha como manto real. E, acima de tudo, aqueles pares de olhos fitos na sua pessoa, com admiração, para o compensar de tudo.

Agora já não era o Alegre. Era o Se Joaquim que eles olhavam com um misto de admiração e inveja. O Se Joaquim que fizera obras na casa, que vestia roupas novas, assim como a mulher e os filhos, que dera uma grande esmola para as Festas, que oferecera uma bandeira, do melhor que havia, à Confraria do Santíssimo.

Enquanto caminha sereno, procura viver o mais intensamente possível aquela hora, esquecer dias passados, duros, frios e cinzentos. Dias vividos sem facilidade de adaptação, sem experiência, sem conhecimento da vida que era necessário ali viver para se desviar das ratoeiras, dos escolhos semeados por todos os caminhos que era obrigado a percorrer. Domingos longos em que vagabundeava sob o céu cinzento e mudo, ou que, sentado num banco duma avenida qualquer,

se alheava da vida que em seu redor palpitava, emparedado em si mesmo.

É certo que Paris tinha muito onde um homem se pudesse divertir, mas não era o género de diversões que ele apreciava.

A sua alegria estava no sol caindo a pino sobre terreiros de romaria, no vinho verde, no bacalhau frito, nas regueifas, no cravo ou alfádega murchando na orelha, na viola dedilhada a compasso, alegrando regressos de romaria ou noites de desfolhada.

Estava em tudo que não fosse os dias que queria esquecer, ao caminhar sereno, gozando aquela honra, ali, junto do pátio, junto das roupas de brocado ou seda impregnadas do cheiro a incenso, ladeado por Ser'Adelininho do Paço e pelo presidente da Junta.

Ele, o Quim Alegre, filho do velho Alegre bêbado e trampolineiro, morto pelo alcool ou pela geada, na beira do caminho, lá para as Corgas, o velho Alegre que até na morte deu que falar, autopsiado ali no cemitério, perante o pasmo e a curiosidade mórbida das pessoas.

Quim Alegre sacode a cabeça a afugentar todos esses pensamentos. Quer sentir-se até ao mais recôndito do seu ser, não o Alegre mas o Se Joaquim que em breve

partirá de novo para França, mais forte, mais rico de experiência, mais seguro de si.

Partirá de novo para França, para juntar mais uns patacos ao muito que já havia apurado, como o atestava o par de notas que ele dera para as Festas, como o atestavam as obras na casa, as roupas novas e, sobretudo, aquela bandeira de brocado e ouro, que ele empunha agora com orgulho e força.

Que ele empunha caminhando com o mesmo garbo a mesma serenidade, a mesma compostura e orgulho dos antigos vencedores no campo de batalha.

A ROMARIA

Desde a manhã os céus da Serra do Gerês se vêm enchendo de cantares que a voz do eco leva pelas quebradas do montes.

Grupos bailam e saltaricam pelas estradas, entusiasmados pelos compassos da música e pelo vinho que lhes vai refrescando as goelas. Aos magotes, vêm chegando dos confins das terras minhotas e com eles os sons das violas, dos cavaquinhos e das concertinas cruzando o espaço, que a romaria de S. Bento da Porta Aberta não é uma festa qualquer. É qualquer coisa de único, de espontâneo, é ainda o fulcro de muitos sonhos, a meta que todos eles procuram atingir, o ponto culminante da vida que lhes trará uma pausa nos seus trabalhos e preocupações, as horas vividas, minuto a minuto, intensamente.

Por isso também as irmãs de Delino da Ponte abandonaram, por alturas da Abadia, o carro de matrícula francesa do irmão e vêm bailando a namoriscando pelos carreiros serranos.

Por isso ele está ali sòzinho, no carro azul sujo de pó, à entrada de enorme recinto. Sòzinho e aborrecido, pouco à vontade. A sua camisola fina, de cor delicada comprada em Paris e as calças claras de bom corte contrastam com a roupa grosseira e mal talhada que os outros envergam, despreocupadamente, entregues à euforia daquelas horas.

Delino da Ponte já não é igual a eles. Nem é já o Delino da Ponte somente. É o Delino «que-veio-da-França». no carro azul, brilhante de cromados, que chegou de longe ostentando, orgulhoso, os sinais de um viver desafogado, um viver que jamais ali conseguiria.

Tinha chgado diferente daquilo que era quando partira, afectando uma grandeza que impressionara os antigos contrerrâneos. Sabia qua ali, para se ser alguém era indispensável ser-se rico e adoptar o modo de viver das gentes burguesas e, sem dúvida que o seu automóvel, as roupas francesas e o maço de notas que lhe adivinhavam tinham conseguido o seu fim.

Convencencera-os, desde o primeiro instante que não era um emigrante falhado e que os cinco anos de exílio não tinham sido em vão e isso enchera-o de felicidade. Realizara o seu sonho ao tornar-se uma pessoa

respeitada e admirada e para manter essa situação mostrava-se ostensivamente cada vez mais distante deles, enclausurado em si mesmo, desinteressado dos problemas ancestrais da sua gente, das suas pequenas alegrias e distrações um tanto primitivas.

Por isso as horas passam lentas, muito lentas para Delino da Ponte e ele acolhe sem nenhuma cordialidade alguns conterrâneos que se aproximam e lhe dirigem a palavra, procurando fazer com que ele se lhes junte. E apesar das raparigas se rirem intencionalmente, ali perto, ele permanece indiferente e recusa o convite, respondendo-lhes laconicamente.

Sente que já nada o aproxima dos seus antigos companheiros e conterrâneos. Está a tornar-se um dezenraizado em relação a tudo aquilo que o rodeou até aos primeiros anos da sua mocidade e isso não o incomoda. Não lhe interessa o que eles possam pensar.

Está ali, na maior romaria minhota, apenas porque acedeu aos pedidos dos familiares, para os conduzir a S. Bento da Porta Aberta no carro azul, vistoso, e ainda porque não lhe desagradea exhibir o seu automóvel de matrioula francesa. Nada mais. Não aprecia a companhia dessas pessoas. Sente-se

mesmo incapaz de suportar o convívio dessa gente rude, um tanto primitiva.

O crepúsculo lança já as primeiras sombras, e lá em baixo as águas da albufeira já não rebrilham.. O som das violas e concertinas é agora mais intenso, enchendo o ar. Por toda a parte, um mar de cabeças ondeantes fervilha na fraca luz da iluminação que a lua, acabada de nascer, mal ajuda a clarear.

Aborrecido, Adelino da Ponte olha através da janela do carro, as pessoas que vão e vêm alegres, despreocupadas. As horas decorrem lentas, cada vez mais lentas.

De súbito batem-lhe aos vidros. São as irmãs que chegam finalmente, sujas de pó, suadas, alegres, num grupo de gentes da terra igualmente sujo e alegre. Sai do carro, e acede a acompanhá-las.

Aproxima-se do recinto onde as danças são cada vez mais animadas. Como muitos outros lá estão antigos companheiros, dançando já, com entusiasmo, mostrando os seus dotes de bailadores, improvisando, criando beleza, com os pés que saltam como se fossem feitos de borracha, os braços musculosos levantados alegremente e, acima de tudo os olhos que brilham de entusiasmo como carvões acesos.

Nos rostos húmidos, de suor, lampeja uma alegria violenta, indomável, que os faz esquecer canseiras e labutas de todos os dias.

A lua sobe na noite. Parece querer aca-riciar a terra que estremece sob os pés robustos das dezenas de pares que volteiam, saltam rodopiam com tal entusiasmo que parecem ferir lume.

Os aventais rodados das raparigas esvoaçam enquanto o pó sobe em pequenas núvens até aos rostos lustrosos de suor sem lhes conseguir empanar alegrias. Acompanhando o ritmo, os dedos húmidos estralejam imitando o som das castanholas e, de vez em quando, um mais alegre e entusiasmado lança uma cantiga brèjeira. As raparigas riem. Riem e os seios palpitam sob as blusas garridas perturbando os olhos e o sangue dos rapazes.

Como um autómato, Delino da Ponte aproxima-se do grupo que dança sem esmorecer. Preso dum sentimento indefenido, fecha os olhos por momentos querendo parecer o mais indiferente possível mas a música entra-lhe pelos ouvidos, alvoroça-lhe o sangue e sem que o possa evitar, os músculos principiam a vibrar de tenção.

Sente-se um pouco atraído mas não o quer admitir e esforça-se mesmo por sentir indiferença. As horas correm na noite frenética. Adelino aproxima-se um pouco mais e fica parado, de mãos nos bolsos olhando os moços e as moças que dançam.

As gentes que passam empurram-no mas ele já mal dá por isso. Continua parado olhando a roda, enquanto outros acorrem, excitados pela música que os chama, forçando-os alegremente a entrar na dança.

Para fora e para dentro, para diante e para traz, movem-se os bailadores ao fogoso ritmo da música rústica. Vozes cantam, frescas e espontâneas umas, roucas mas igualmente alegres outras e as caras dos bailadores ora avançam para a luz, ora imergem nas sombras.

A noite está um pouco fresca mas os espectadores não sentem frio. Cada uma das células do seu corpo pulsa quente e plena de vida ao olhar as raparigas flexíveis nos seus movimentos e os rapazes arqueando o peito atlético viril e erguendo o rosto bronzeado pelo sol dos campos.

Delino da Ponte também os olha, incapaz já de desviar o rosto. Olha-os, ouve

a música cadenciada que vem dos instrumentos rústicos em chicotadas, mas continua imóvel resistindo ao apelo dos pés inquietos resistirão, ainda, à onda de entusiasmo, quente como o vinho, que se avoluma dentro dele.

As danças prosseguem cada vez mais bravias, mais impetuosas. A multidão dos que, pela sua idade, já não podem dançar apinha-se em redor dos bailadores, seguem-nos com os olhos brilhantes, esquecidos de tudo o mais.

Um pouco retiradas, mulheres casadas, ainda novas, olham os dançadores com sofreguidão e sem hesitar entrariam na dança se os maridos se mostrassem dispostos a admitir isso. Inconformadas, tremem de alegrias, ansiosas rejuvenescidas.

Algumas moçoilas nos breves intervalos das danças quase cambaleiam, aturdidas de tanto girar, soltando de vez em quando pequenos frouxos de riso. Um ou outro par afasta-se um pouco, senta-se a um canto mas daí a pouco volta para o burburinho da roda, incapaz de resistir por muito tempo ao chamamento da música que lhes excita o sangue.

Delino da Ponte sente-se fraquejar. Dentro das veias o sangue corre-lhe com tal impetuosidade que quase o incomoda. No entanto, não irá dançar. Finge mesmo desprezar a dança.

Pestaneja com força como a querer expulsar da cabeça um pensamento e deixa-se ficar pregado no chão devorando com o olhar os pares que bailam batendo os pés no chão em cadência.

A luz das lâmpadas agita-se por cima das cabeças entre pedaços de luar. A música continua subindo e baixando de volume e o som dos pés eleva-se compassado como o rufar dos tambores.

Por vezes, um ou outro faz uma pequena pausa e bebe com prazer, segurando os garrafões ou cabaças à altura da boca.

Delino da Ponte sente subir do fundo de si mesmo uma impaciência, como que um protesto contra a vaidade tola, e a sua falta de sinceridade. Sente-se invadido por estranhos sentimentos que ele não sabe definir mas que lhe dão ordens, que o empurram para a roda dos bailadores.

Uma espécie de formigueiro faz-lhe mudar os pés continuamente. Sem dar por tal, começa também a bater o pé, marcando o compasso. Repara na alegria deles e, ins-

tintivamente, começa a invejar os rapazes que riem maliciosos para as raparigas que com eles bailam.

A Chula, o Malhão, os ritmos intensos e agrestes por vezes, invadem-no e ele, a pouco e pouco, vai deixando de lutar contra essa invasão. A sua fisionomia aclara-se derretendo o gelo do seu olhar, suavizando-o dando-lhe vida. Chega-se um pouco mais para a roda. O esboço dum sorriso aparece nos seus lábios, forçando-o a abandonar a sua atitude de reserva.

Tocam e dançam, agora, o vira cruzado. Delino da Ponte fecha os olhos por momentos e durante os segundos em que o som forte da música o envolve, vê outros terreiros em tardes de romaria, sob o sol escaldante de Agosto.

Perturbado sente que uma espécie de formigueiro o invade e, sem dar por isso, chega-se mais ainda. Aquela sensação permanece em si, insistente, crescendo com veemência, sobrepujando-se a tudo o mais e enchendo-lhe o coração.

Toca-se e dança-se cada vez com mais frenesi. Delino da Ponte não resiste mais. Dá dois passos rápidos com os barços levantados no ar, estralejando os dedos.

Sem saber como, vê-se na frente de Maria de Fátima a rodopiar ora para a direita, ora para a esquerda, para dentro e para fora, cruzando-se com outros pares, enquanto a música continua ritmada e frenética.

Agora, como todos os outros, Delino da Ponte entrega-se ao ritmo sacudido da música, marca o compasso com os pés, o corpo todo, a alma, num corropio mais e mais apressado, dançando com entusiasmo, a mostrar os seus antigos dotes de bailador, improvisando, criando beleza.

Tem já os cabelos despenteados, caídos para a testa onde pérolas de suor começam a brilhar. A respiração torna-se-lhe um pouco ofegante mas ele continua com ardor, saltando e dando voltas no terreiro poeirento frente às raparigas que se requebram pela cintura.

As pessoas idosas olham-no com um leve sorriso enquanto marcam discretamente o compasso com o pé e quando o olhar dele os encontra acena-lhes com o rosto sorridente.

Os olhos, ao mesmo tempo que riem, parecem admirados de ter podido rir de novo ali no meio de hábitos que de novo o prendem com a sua força extraordinária.



A alvorada aproxima-se um pouco. Cansados, muitos dos rapazes afastam-se da roda, deitam-se sob os pinheiros, mas Delino da Ponte não dá mostras de cansaço. Continua a dançar com a Rosa, a Ana, depois a Guida e ainda a Teresa.

A sua bela camisola manchada de suor e pó perdeu o brilho e as calças claras estão amarrotadas, mas ele parece ignorar tudo isso. Dança. Dança sempre, — os braços no ar, as pernas saltando ligeiras, gozando a música, sentindo-a em todas as fibras do seu corpo e da alma.

Dança como se todo o seu ser se tivesse libertado enfim das grades com que a cidade de Paris, com o seu ambiente próprio, o amarrou ao longo de cinco anos.

Naquele momento já não é o «Francês» que sabe dizer palavras estranhas, conduzir um belo carro através de estradas intermináveis. Não. É apenas o Delino. Delino da Ponte que baila entontecido pela música e pelos olhos que reluzem nas caras afogueadas das raparigas, essas caras que jamais souberam o que são cosméticos e que um dia se encherão de rugas sem que isso constitua uma tragédia para elas.

Mentalmente, compara-as com aquelas senhoras cheias de pinturices e perfumes que o enjoavam, essas senhoras com quem se cruzava em Paris, todas de rosto pintado como se fosse necessário pintar o rosto para valer alguma coisa.

As raparigas voltam-se na dança, iluminadas pela luz e pelas lâmpadas. A música e os cantares sobem e descem. Sente-se incapaz de fraquejar dentro daquela animação.

Agora, tem na sua frente a Rosalina da Estrada que lhe sorri com os seus olhos morenos e expressivos, enchendo-lhe a alma duma estranha sensação de paz, fazendo com que do fundo da sua memória se desprendam, com uma nitidez impressionante, imagens dos primeiros tempos da sua juventude.

O dia vai crescendo. Tudo parece azul e fundente. Do rosto de Delino da Ponte desaparece, de vez, o olhar duro e longínquo. O olhar frio, entediado. Agora brilham os mesmos olhos do rapazinho de antigamente e une-se finalmente à juventude camponesa dos seus primeiros anos de rapaz.

O coração bate-lhe alegremente e um olhar claro ilumina-lhe o rosto. Ri-se e o seu riso soa alegre como antigamente. Sente-se feliz, numa felicidade da qual tinha perdido

o sabor há muito tempo e que reencontra agora entre a sua gente, numa plenitude e numa paz que lhe enchem o coração. Uma felicidade que, de novo, brota do seu íntimo, se expande, floresce.

Agora é bem dele, do Delino da Ponte, pronto para as cantigas, pronto para embarcar o garrafão, pronto a dizer graças às raparigas. Os tocadores param a descansar. Os bailadores também. Delino dá ainda dois passos, abraça Rosalina, pela cintura, e fá-la rodopiar.

Entontecidos, sentam-se no chão e riem, riem, enquanto o sol começa a despontar timidamente e as águas da albufeira se tornam, de minuto a minuto mais brilhantes.

Delino deita-se no chão, ali junto dos seus, cruza as mãos sob a nuca e olha o céu. Só então repara como ele é azul, incrivelmente azul e sorri largamente.

Sorri como já não sorria há muitos anos.

A CEBA

Se Joaquina da Ponte atravessou o quinteiro sobressando o alguidar comprado, dias antes, na feira de Barcelos. Olhou com ternura o porco que, esfomeado, dava encontrões na porta da corte, sorriu satisfeita e foi juntar-se ao marido que se atarefava pelo terreiro, nos últimos preparativos.

O matador não tardaria a chegar e tudo devia estar pronto que ele não tinha mãos a medir, nesta época do ano.

Desde a casa dos lavradores mais abastados, onde se matavam cebas de dez arrobas, até aos mais modestos que se contentavam com uma de quatro ou cinco arrobas ele aí estava, sabedor do seu ofício, galho-feiro com as moças, apreciador de febras assadas e da boa pinga.

Não tinha mãos a medir já que todos desejavam ter na salgadeira as gorduras para o gasto da casa e, no fumeiro, os presuntos e chouriços para festejar os domingos e dias santos.

Com dinheiro da fábrica ou da França, com farinha de milho ou sacos de «produto»

quase todos procuravam engordar o seu porqueto não só porque isso representava fartura mas também porque era sinal evidente de prosperidade, sobretudo se, ao lado da salgadeira havia, também a pipa cheia e batatas para todo o ano.

Por isso Se Joaquina se sentia feliz, já que na sua casa iria haver também uma salgadeira cheia, já que o matador ali estaria, às suas ordens, com a sua faca bem afiada, a sua experiência, a sua força.

Mentalmente, Se Joaquina distribuía serviços. Ela seguraria no alguidar, junto do matador. As duas sobrinhas segurariam as patas trazeiras e o marido mais o cunhado, as patas dianteiras e as orelhas...

Na cozinha, a fogueira acabada de acender crepitava alegremente, afastando as últimas sombras e aquecendo a água que em breve seria necessária.

Um galo cantou, saudando a manhã que despontava e logo outro respondeu, lá longe, numa capoeira qualquer. O dia anunciava-se por toda a aldeia, luminoso e frio.



O porco sentindo-se agarrado grunhiu desesperadamente e esforçou-se por se liber-

tar das cordas que o prendiam às tábuas do carro de bois. Mas quando a faca penetrou na garganta do animal, direita ao coração e o sangue, em borbotões, jorrou no alguidar que Se Joaquina segurava, os roncoss diminuíram lentamente até que se extinguiram e ele deixou de se agitar.

Então o matador limpou a faca e as mãos ao pelo da vítima e, lançando-lhe um olhar avaliador declarou que devia passar das cinco arrobas.

O ar fino da manhã era um estilete picando as narinas e as orelhas mas os velhotes olhando, embevecidos, o animal, não o sentiam, alheios à geada que durante a noite caíra e que como um lençol esbranquiçado e transparente se estendia pelos campos de ordinário verdes, tornava dura a lama dos caminhos e cobria as poças de água duma placa de gelo vítrea, e escorregadia. Para eles, naquele momento, apenas contava o animal estendido imóvel sobre as tábuas.

A velha olhou-o com ternura e deu-lhe uma palmada carinhosa como que agradecendo-lhe ter correspondido ao que dele esperava, enquanto o marido, lesto, preparara

já os archotes de palha de centeio que, agora os homens passeavam pelo animal, enquanto as chamas cantavam alegres ora subindo, ora descendo sobre o animal, queimando-lhe o pelo e dando à pele um tom doirado.

Em seguida, todo ele foi lavado com água quente e esfregado com bocados de telha e pedras lisas o que tornou a pele macia e brilhante. Com perícia de cirurgião, o matador abriu-lhe o ventre e uma camada de gordura branca e ainda quente apareceu ante os olhos contentes dos velhos.

Depois, as vísceras foram retiradas cuidadosamente e toda a gordura, que envolvia as tripas separada com perícia e deposta noutro alguidar.

Já o sol ia alto quando o porco foi, finalmente, pendurado de cabeça para baixo numa trave sólida de castanho, na loja sob a sala da velha casa.

«Ia ter muito que fazer, naquele dia» — calculou Se Joaquina: — «cozer parte do sangue, preparar o resto para as chouriças... derreter a gordura de redenho... lavar as tripas... temperar o fígado...»

Os cunhados já se tinham ido e as sobrinhas andavam ao redor do matador preocupadas em lhe pregar a partida de lhe enfiar no bolso do casaco as unhas do porco, mas

ele precavia-se e beliscava-as se elas se aproximavam ou tentava apalpar-lhes os seios duros desencadeando nelas frouxos de riso.

Quando finalmente todos se retiraram, Se Joaquina tomou o caminho do ribeiro carregando o cesto onde as tripas haviam sido recolhidas.

A manhã erguia-se apressada e leve e o sol atravessava os ramos despídos, com raios ainda oblíquos doirando os campos e os caminhos. Enquanto caminhava, Se Joaquina olhava em redor satisfeita. «Nesse ano iria ter um inverno farto, graças a Deus» — pensou — «Fartinho!...»

Ajoelhou na borda do regato e, alegremente, começou a sua tarefa — cortava as tripas em pedaços, mergulhava-as na água a libertá-las de toda a porcaria e depois, com a ajuda de uma varinha de salgueiro, voltava-as do avesso e de novo as lavava e raspava com mil cuidados para finalmente as colocar no alguidar num continuar de gestos cadenciados, certos, iguais, como um ritual sagrado.



Ainda o céu era um luzeiro de estrelas e já Se Joaquina da Ponte se debruçava

sobre a lareira a iniciar as tarefas que a si mesma impusera. Na prateleira do armário antigo acomodavam-se já três caçoilas de barro cheias de pingue branco e luzidio e os rojões de redenho, loiros e estaladiços exibiam-se apetitosos num grande prato de barro.

Às voltas pela cozinha, Se Joaquina parecia ter remocado. Foi buscar o alguidar das tripas carregando-o nos braços, sem esforço como se todas as forças antigas tivessem voltado aos seus braços velhos. Deitou nas tripas já temperadas de limão e cominhos, um pouco mais de sal e, calmamente, começou a enfarinhá-las, e em seguida introduziu os bocados, um a um, no pote de ferro, obedecendo a leis culinárias transmitidas ao longo de gerações.

Uma risonha expectativa fervilhava dentro dela e a alma parecia cantar-lhe no peito. Pela primeira vez, desde há muitos anos, ia ter uma boa ceia na salgadeira, graças a esse filho abençoado que labutava lá longe por essas Franças.

Esse filho abençoado que, pontualmente, como prometera, mandara o dinheiro para amortizar a dívida que os velhos fizeram para que ele pudesse abalar sem perigos e, depois de tudo liquidar, mais algumas notas

vieram para que os pais, nesse ano, pudessem ter, também, a salgadeira cheia e um inverno menos duro.

Se Joaquina suspendeu, por momentos, o trabalho e espreitou pelo janelo. Para os lados do nascente uma leve claridade aparçava o horizonte e no céu as estrelas iam-se apagando uma a uma.

Tinha de se apressar que logo que o matador chegasse não haveria mãos a medir. Tinha de o ajudar, mais ao seu homem, a separar as carnes esquartejadas, a esfregá-las muito bem com sal, vinho e alhos e depois acamá-las sabiamente na salgadeira, a acamá-las como tantas vezes ajudara a fazer, quando criada da Quinta do Monte, acamá-las pela primeira vez, desde há muitos anos, naquela casa. Tinha ainda de fazer os rojões temperar os lombos e as carnes para as chouriças. Tinha de andar ligeira. Ligeirinha!...

*

O céu clareava cada vez mais. Pardais malhados de cinzento e amarelo saltitavam já, esfomeados, pelos beirais, baloiçando-se nas pernas finas, enquanto na velha cozinha

o lume dançava irrequieto e os potes, vigiados pelas mãos ágeis, rejuvenescidas de Se Joaquina da Ponte, cantavam alegremente espalhando pela cozinha um cheiro apetitoso.

Nos caminhos tortuosos, os primeiros passos ouviam-se já. Uma a uma, as portas dos quinteiros, das casas e das cortes do gado, abriam-se fazendo com que a aldeia se enchesse de sons e fosse perdendo aquele ar solitário da povoação abandonada.

De repente, os gritos vindos da casa de Se Joaquina alertaram toda a aldeia e logo as mulheres e os homens, seguidos pelas crianças e pelos cães entraram de roldão pelo quinteiro e pela cozinha onde Se Joaquina, desgrenhada, articulava palavras entrecortadas de soluços, enquanto o homem, meio vestido, olhava em seu redor, apavorado, incapaz de compreender, de falar.

«Tinham-lhe roubado o porco. Inteirinho!...» Puderam por fim, os vizinhos, compreender e logo unanimemente opinaram que «talvez ciganada... gente de fora... que gatu-nagem dali não havia agora, a bem dizer... Tudo estava lá para França, a governar-se... Que tivessem paciência... Podia ser que a Guarda... ou até mesmo o Regedor...»

Se Joaquim não os ouvia. O olhar errava pela cozinha, impotente e desvairado. Sentia-se desamparada. Como uma pessoa que vai escorregando por uma encosta abrupta e desesperadamente tenta agarrar-se a qualquer ramo ou raiz, também ela tentava, em vão, agarrar-se à esperança de que apanhariam os ladrões e lhe devolveriam a sua rica ceba, inteirinha...

Quando todos se retiraram e, com eles, o marido, a dar parte ao regedor, deixou-se ficar no mesmo sítio, abatido sobre o banco perto da lareira, em silêncio, o rosto branco como o linho e os olhos fixos no brasido, que o cepo deixara, enquanto pela cozinha só se ouvia o cantar monótono das tripas fervendo, fervendo, no pote de ferro, sem tampa, qual bocarra escancarada, numa expressão grotesca de pasmo e decepção.

O FIM DO CAMINHO

Antes de abrir os olhos chegou aos seus ouvidos o cantar de um galo na capoeira fechada e, daí a pouco, o mugir melancólico dum boi. Desperto, velho João Marinho fitou por momentos o tecto. Tudo naquela casa lhe era familiar, igual ao que deixara anos atrás.

Sentia uma espécie de reconhecimento por tudo o que rodeava, por estar ali entre tantas recordações da sua infância, da sua mocidade, de homem cheio de responsabilidades. Era o mesmo lugar onde vivera dezenas de anos e agora, como que em sonhos, olhava com os seus fracos olhos os objectos, os móveis, tudo o que o rodeava. A presença da esposa flutuava ainda ali no quarto, tal como na hora distante em que ele partira.

Concentrou o pensamento nela procurando lembrar-se dos seus gestos, da sua voz e, subitamente, a figura que tentava recompor no seu espírito saiu-lhe nítida como se o tempo tivesse parado durante aqueles anos todos e, por momentos, teve

a impressão de a ter ali, junto de si, enquanto o seu pensamento recuava no tempo, levando-o a evocar os anos ali passados.

Sem querer, sentia uma estranha saudade envolvê-lo, uma profunda e amarga saudade. As recordações rodeavam-no, renovando-se com uma intensidade crescente e, em pormenores cada vez mais completos mais dolorosamente nítidos.

Lutava contra as lágrimas, contra a emoção dolorosa que enfim se apoderara dele, com toda a sua violência. Sabia que havia inúmeras coisas que podiam ter acontecido mas que nunca aconteceram nem jamais aconteceriam porque era demasiado tarde.

De súbito, todos os diques cederam e o pranto correu enfim livremente, dos seus olhos cansados. A dor no peito, surgiu de repente, quase o sufocando. Num desesperado esforço, alcançou o tubo dos comprimidos que poucas horas antes, ao chegar àquele quarto, tivera o cuidado de colocar perto de si.

De aí a pouco, caiu num sono pesado do qual só acordou, em sobressalto, duas horas mais tarde para ver a filha ao lado do leito, mirando-o soridente.



João Marinho fora dos primeiros homens a abalar para França e fora o primeiro trabalhador português admitido naquela vasta herdade de La Beauce.

Os primeiros tempos foram rudes, quase impossíveis de suportar, sem ninguém com quem pudesse conversar, com os dias a correrem dolorosamente iguais. Mais tarde, dois compatriotas se lhe juntaram e, então, o seu viver amaciou-se um pouco.

Nos curtos momentos de descanso, sentavam-se sob o alpendre do celeiro e falavam invariavelmente das terras que abandonaram:

« — Quando vim, deixei ficar lá uma toura galega que era uma beleza...

— As minhas territas são pequenas, mas boas de lei! Preciso era fazer por água. Anda lá muita àguinha perdida. Mas isto de obras é um moer de dinheiro...»

E cada um contava alegrias ou dores passadas:

« — Meu pai era o homem mais valente da freguesia. Tu conhecêste-lo bem, ó Coutinho! Olha que levantava seis arrobas com um pulso!...

— Bem cedo se acabou...»

Falavam sempre no passado e raramente no futuro. Em pensamento, deixavam-se transportar até muito longe, até a uns campos verdes onde o milho, ao despontar o verão, cobria a terra dum manto aveludado.

Com o olhar perdido na planura imensa, viam, para lá dessa paisagem sem árvores, as macieiras em flor, os pinhais que o tojo pontilhava de amarelo e onde rolas cantavam e faziam seus ninhos e falavam, sem jamais se fatigarem, das suas terras, tendo gravadas na retina mil imagens das suas velhas aldeias, das suas casas.

O amor pela terra que deixaram dominava com o seu potencial de saudades naqueles homens, mesmo nos mais profundamente empenhados em afastar a saudade e o pensamento da terra que os viu crescer correndo livremente pelos caminhos tortuosos onde, por entre silvados os chascos faziam ninho.

Assim se passaram longos anos. Depois, em busca de melhores ganhos, João Marinho deixou a monótona região dos trigais e passou a trabalhar em Paris, na construção civil.

À medida que os cabelos lhe iam embranquecendo, a nostalgia da Pátria envolvia-o mais e mais, apertando-o nas suas malhas,

impossibilitando-o de se libertar ao mesmo tempo que um desejo enorme de ver a sua terra o incitava a regressar, a deixar aquela terra cujo ar lhe queimava o peito.

Ao percorrer as ruas barulhentas de Paris, ele tinha os olhos cheios de sol banhando a terra criadora, tinha nos olhos a suavidade das macieiras floridas, o encanto indefinido das noites estivais com o canto dos ralos e dos sapos, o som brando do rumor-rejar dos pinheiros bravos.

Tinha nos ouvidos o riso da água a correr pelos ribeiros, o assobiar dos melros nas árvores do quintal. Tinha nos ouvidos cantigas de romarias, sussurros de milheirais maduros, mugidos do gado nas cortes, pelas madrugadas quietas.

Tinha nas narinas o odor fresco da erva recém-cortada, o cheiro acre do estrume curtindo-se no eirado, a suavidade perfumada dos prados pela primavera.

Conservava ainda nas mãos e no rosto o contacto húmido do focinho dos bois mansos ao despedir-se deles, em segredo.

Tinha, ainda, nas mãos, o contacto negro e frio da terra abençoada parecendo escutar-lhe a voz longínqua, a voz dessa terra onde o vento cantava nos pinhais e que continuava perdurando na sua sensibilidade,

toda ela saudades e recordações, humilde, simples, verdadeira.

Foi mais tarde, quando já tinha conseguido amealhar um pequeno pecúlio e começava a sonhar com o regresso definitivo, que a dor no peito surgiu aguda como punhalada, atirando-o para o hospital.

Ao longo daqueles dois meses que esteve amarrado ao leito do hospital, jamais pode deixar de pensar na sua vida passada, sentindo o futuro cada vez mais sombrio, ali em terra estrangeira, uma incógnita que não o conduzia a nada. A vida sempre fora para ele hostil e difícil, e continuava a sê-lo.

A luta daqueles anos, deixara-lhe marcas no corpo e no espírito mas ele já não se queixava da sorte. Não recalcava queixas nem alimentava ressentimentos. Desejava, apenas, viver para tornar a ver a sua terra.

Já não se importava que lá o olhassem como um emigrante falhado, que soubessem que a vida dele, longe da Pátria fora um fracasso e que o que ali ganhara mal dera para manter intacta a casa que seu avô construira. Nada disso lhe importava. Apenas desejava regressar à sua terra, a terra

que lhe pertencia por direito próprio, a única terra do mundo onde poderia acabar em paz.

«Se a um pobre depressa se esquece o nome, a um estrangeiro, emigrante humilde, quem se lembraria dele, de lhe rezar um padre-nosso pela alma? — pensava».

Na sua terra tudo seria diferente, porque era a sua terra. Lá havia gente que o amava, pessoas que com ele recordariam os dias longínquos da sua meninice. Lá, nada de mau lhe poderia acontecer.

Não queria acabar no meio de estranhos ficar sepultado num canto ignorado dum desses imensos cemitérios de Paris, entre desconhecidos, sem uma cruz, sem um sinal que lembrasse o seu nome.

Agora que os anos se haviam acumulado sobre a sua cabeça, sentia mais que nunca que em todo o mundo só havia um único sítio onde desejaria repousar para sempre — o pequeno e humilde cemitério da sua aldeia.



Agora, ali estava na sua terra, essa terra onde se ganhava o pão mourejando de sol a sol, mas onde cada pedra, cada árvore, tinha uma história que lhe enchia a alma.

João Marinho levantou-se, e devagar aproximou-se da porta. Deu um passo no pa-

tamar da escada exterior e viu-se sob um céu azul, sentindo imeditamente nas narinas, o cheiro acre da terra e, sobrepondo-se, o perfume morno das flores de macieira.

Milhares de pequeninas flores brancas e rosadas pareciam acenar-lhe as boas vindas, num espectáculo inesquecível para quem como ele o sentia no mais íntimo do seu ser.

Tudo estava na mesma.

As árvores frondosas eram iguais às que deixara. A água do ribeiro cantava como dantes junto do prado cuja erva continuava inalteravelmente verde e macia.

Olhava extasiado em seu redor, mas, de tudo o que o rodeava, a sua imensa ternura ia para as macieiras nascidas naquele chão que ele outrora tratara com carinhos de filho agradecido.

Desceu as escadas lentamente e atravessou o terreiro em direcção à eira e às hortas. Caminhava devagar, arrimado ao cajado. Embrenhou-se pelos campos.

Às vezes, depois de se certificar que ninguém o olhava, baixava-se com esforço e apanhava um pouco dessa terra que ele outrora gostava de pisar com os pés nus e aspirava-lhe longamente, o seu cheiro áspero. Depois, ficava-se a peneirá-la nos de-

dos trémulos, enquanto os seus olhos se enevoavam.

Lá do alto da torre sineira, veio o som de sinos tocando à oração do meio dia. Aquilo fez-lhe bater o coração. Voltava a encontrar na aldeia o mesmo ambiente de outrora, o mesmo soar de sinos o mesmo esvoaçar de pássaros.

Sonhara muitas vezes estar ali na sua terra, sob as macieiras quietas, mas agora não era um sonho. Os campos onde o centeio ondulava, cheio de prometedor, estavam realmente ali. Também era real o zumbir das abelhas em redor das pequenas corolas rosadas, como verdadeiros eram os sons que lhe chegavam aos ouvidos — a filha enxotando as galinhas que teimavam em invadir a horta, o riso dos netos, junto da cozinha — todo esse conjunto de sons que o faziam perder-se em vagas reminiscências....



As flores da macieira foram caindo lentamente no chão, atapetando-o de rosa e as abelhas só deixaram de esvoaçar em seu redor quando as folhas verdes rebentaram das árvores.

Entretanto, os dias passavam suavemente e onde houvera uma flor, surgia agora

um fruto pequenino que crescia dia a dia, ganhando a forma definitiva duma maçã cujo tamanho aumentando, constantemente, de peso nos ramos já cobertos de folhas verdes e fortes os fazia vergar em direcção ao chão.

O centeio alteava-se tão velozmente que quase se via crescer e a cotovia parecia não querer calar-se em todo o dia. Tudo aquilo lhe enchia a alma duma emoção sonhada durante anos, uma emoção dolorosa mas com força suficiente para o tornar feliz.

Permanecia, então, horas e horas silencioso segurando com todas as suas forças, dentro de si, a frágil taça dessa felicidade que não era ao mesmo tempo uma estranha emoção, confusa e indefenida, que lhe invadia o corpo e lhe dominava o espírito.

A voz da terra parecia prendê-lo à vida. Por quanto tempo ainda? Por quantos dias, semanas, meses, talvez?

Ele estava ainda demasiadamente fascinado, embriagado de sol, da terra, das plantas para poder julgar com lucidez a sua situação.

Sentia apenas que tinha ali o seu refúgio da paz e que ali viveria até aos limites que Deus lhe marcara.

OS NOVOS

Zé Barrocas chegou. Não foi o comboio que o trouxe embora tivesse sido o comboio que o levou há oito anos atrás. Zé Barrocas chegou com o seu «permis de conduire» o seu Peugeot quase branco, reluzente de metais, a bagagem sem conta no tejadilho, no porta-bagagens, sob os pés dos passageiros, nos joelhos deles.

Zé Barrocas chegou à aldeia que jamais deixou de o chamar durante estes anos todos e consigo trouxe as malas atulhadas, a carteira cheia, roupas à moda de França nomeadamente o boné francês aos quadradinhos vermelhos, de grande pom-pom no centro, que exhibe satisfeito.

Zé Barrocas voltou com a mulher e os filhos. Filhos que levou ainda meninos e agora são já, todos eles jovens descontraídos um pouco excêntricos e deslocados ali, no ambiente antigo da aldeia.

Trasplantandos do seu mundo não resistiram ao novo clima que os envolveu e depressa se misturaram com outras civiliza-

ções e agora trazem no olhar uma centelha indefenida, audaciosa, acentuada por mil pequenas experiências e contida pelos muros de muitas decepções. Trazem outros gestos, outros costumes, outra linguagem.

Zé Barrocas chegou para passar aqui umas férias alegres, fartas, vitoriosas. Para apagar da memória a barraca com chão de terra batida, cem vezes peor que a sua casa de pedra escurecida, que deixou cá. A barraca de chão negro, por onde corriam ratos na penumbra que a luz dos candeeiros de petróleo deixava em cada canto.

A barraca de chão negro com os seus cheiros — as emanações das sarjetas onde boiavam pedaços de pão meio dissolvidos nas águas negras e putrefactas, o pão francês branco e macio melhor que regueifa de romaria.

O cheiro de legumes apodrecidos e o fedor da urina, cem vezes peor que o cheiro do estrume dos gados, que ele não esqueceu ainda.

Os cheiros e os sons. Sobretudo os ruídos que na noite se coavam pelos janelos protegidos por plásticos — deslizar de passos furtivos, arrastar de pés cansados, sons de ressonar, vozes de bêbados, gritos, risadas duras, choros de crianças. Vozes argelinas e

turcas a acordar nele sobressaltos pela segurança da mulher e das crianças.

As crianças que acabaram de crescer entre frases gritadas num francês adulterado, entremeado doutras frases em línguas estrangeiras. Todo um amontoar de imagens que elas decerto não deixaram de fixar. Coisas que todas as crianças forçosamente fixam e que mais tarde fortalecem as suas vidas ou as desorientam para sempre.

Zé Barrocas, duma maneira indefenida, pressente tudo isso. Por isso amealhou duramente para trazer os filhos à terra que os viu nascer. Por isso exigiu que os filhos amealhassem (agora que quase todos eles já trabalham) para que todos viessem ver a sua terra, para que pudessem erguer para o alto a casa humilde e antiga.

Mas os filhos são como quase todos os da sua condição, gente descuidada, indiferente, que não pensa voltar definitivamente nem sente necessidade de amar essa terra que os amparou nos primeiros passos, amar como os pais ainda a amam ao reconhecê-la em cada pedra, em cada árvore, em cada fio de água.

Eles passeiam pelas estradas camarárias, pelos caminhos mult centenários e gostam

da paisagem, gostam da ociosidade, desta vida fácil e alegre, cheia de sol, gostam de ser admirados e pouco mais.

Mas o pai não desiste. Não quer que a terra os perca. Por isso vai fazer obras na casa, embora a sua casa vá ser mais uma moradia que envelhecerá sem verdadeiramente ser habitada em cada dia, em cada hora. Vai fazer obras na casa, gastar as suas economias, embora o telhado, daqui a anos, quase não venha a ter, como os velhos telhados, histórias para contar, histórias feitas de alegrias, dores e sobressaltos, de pequenas vitórias ou derrotas.

Um telhado, ali, sempre foi um refúgio, um abrigo, algo do dia-a-dia de cada um, assim como um campo nunca foi apenas um campo mas um pedaço da própria vida da aldeia, do seu sangue, da sua alma.

Assim era no tempo em que Zé Barrocas era trabalhador de enxada, amava os campos, se emocionava com o crescer de cada sementeira, tal como o seu pai e seus irmãos, no tempo em que havia aqui uma pobreza feliz porque resignada.

Mas o mundo febril, matemático, excitante, dos dias que vieram deixou de admitir trabalhadores de enxada vivendo à sombra das casas faustosas dos «brasileiros» ergui-

das no século passado, das casas senhoriais erguidas há muito tempo mais, das grandes casas de lavoura sólidas ao longo de muitas gerações.

O mundo excitante, febril, também acenou de longe para os trabalhadores do enxada, trabalhadores duma forma de agricultura já moribunda que não lhes podia garantir nada, nem sequer o pão da subsistência. E assim, Zé Barrocas deixou de servir amos que sempre serviu, amos agora decadentes e partiu.

Partiu sozinho para também lá receber ordens. Também lá executar ordens. Só que lá ardia num grande desejo de fugir e as madrugadas eram mais escuras, mais frias, húmidas, pegajosas, medonhas. Madrugadas de agonia.

Igualmente de agonia os Domingos passados a deambular como um cão, sozinho, sem amigos de longos anos, sem qualquer ponto de apoio, sem parentes, preso ainda a vagos sonhos, a uma fraca ilusão de melhores horizontes duma melhor compensação material. Domingos passados a deambular desesperado e só, ao ponto de quase só desejar fugir nem ele sabia já para onde.

Depois que a mulher e as crianças foram ter com ele, a solidão atenuou-se um pouco. Deixou de deambular como um cão. Ganhou novas forças. Ficou, sonhando voltar um dia à terra constantemente evocada em cada pedra, em cada árvore, em cada fio de água. Sonhando voltar e voltou. Voltou, para de novo se sentir mais preso às raízes, ele a mulher e os filhos. Só que as raízes que prendiam os seus filhos à terra, raízes novas, tenras e frágeis há muito estão partidas, perdidas, talvez para sempre.

A terra que os viu nascer, dificilmente os recuperará sente, agora, duma maneira indefenida, Zé Barrocas, mas sem querer dar-se por vencido agarra-se, ainda, desesperadamente, à esperança de que os rapazes, dois deles quase em vésperas de cumprir o serviço militar, o cumpram cá e depois se vão afeiçoando à terra...

«Também por cá, agora, se ganha bem a vida. Comparado com o que era dantes...» — monologa Zé Barrocas — o sangue deles criou-se cá... Não podem atraíçoar a voz do sangue...»

Por isso Zé Barrocas vai gastar tudo na casa. Fazer casa de luxo. Como nunca tive-

ram lá em França, nem agora que deixaram já o bidon-ville. Vai refazer a casa toda. Fazer casa de luxo e tudo talvez ainda se possa remediar...

Bastava-lhe que ao menos, um deles, cá quizesse ficar na casa nova... E assim quando ele tivesse a sua reforma para cá viria de vez que ele, Zé Barrocas, não quer outra terra para acabar, se não esta. Quere acabar aqui, mas não quere acabar sòzinho longe dos filhos. Sòzinho como um cão.

Por isso vai remodelar a casa. Tentar tudo para que, pelo menos um deles acabe por ficar cá, na casa nova. De resto, a vida aqui, agora, está boa... Onde quer se ganha a vida! — repete a cada instante — Já não estão sujeitos a passar o que aqui se passava dantes...» Zé Barrocas passeia pelos velhos caminhos, ladeados por campos verdes, detem-se frente à velha casa, faz projectos. Foi aqui que os filhos aprenderam os primeiros passos, as primeiras palavras. Brincaram com estas flores sem nome, que por aqui crescem, como dantes. Brincaram com estas pedras, estas árvores, divertiram-se com o cantar do cuco, dos melros da passarada...

Como é possível não amarem já esta paisagem verde e limpa, esta terra que sempre cumpriu, este céu claro, bonancoso, estes riachos transparentes?

Ai os novos!... — suspira Zé Barrocas — Quem os pode contentar? Que querem mais, afinal? Ainda se fosse como dantes...

Ai os novos, os novos!...

A NOTÍCIA

141

Todo o seu desgosto estava ali visível, palpável, vincando na sua alma a crença de que só a solidão continuaria em seu redor, agora para sempre. Todo o seu desgosto estava ali visível na boca contraída, nos olhos secos e febris, no rosto branco, tão branco como o linho que ela corara, trinta anos atrás, pelas manhãs de Março, os linhos do seu noivado.

Sem que o quisesse, o seu espírito recuava penosamente para o tempo em que o som da voz dele enchia toda a casa. Parecia-lhe ter sido ontem o dia em que ele partira para o Brasil. O barco a afastar-se lentamente, até ficar num ponto minúsculo, até desaparecer.

Todos os que vieram dizer adeus haviam já debandado, só ela continuara de olhos muito abertos, fitos na linha do horizonte, julgando vê-lo ainda, imóvel, encostado à amurada.

No seu coração havia de ficar bem presente o sorriso dele nos preparativos da

partida. O sorriso de quem possuía o mundo. O sorriso com que esperava vê-lo regressar. No seu coração havia de ficar bem presente o abraço subitamente desesperado em que ele a apertou na hora de deixar o cais.

Vira-o subir a escada lentamente e deixara-se cair naquele penoso instante que antecede à partida dum ente querido — sem cansaço nem saudades; um instante vazio.

Mais tarde, ao reentrar em casa (lembrava-se como se fosse hoje) olhara à sua volta com uma sensação insuportável de vácuo a crescer de segundo a segundo.

Que silêncio e que solidão em toda a parte!

Toda a casa, toda aldeia, todos os caminhos lhe pareciam vazios. Sentira-se profundamente exausta, alheia ao que a rodeava. Procurara, depois, afogar a sua amargura no pranto. Procurara chorar mas não conseguira verter uma única lágrima. Apenas uma ligeira vertigem. A vertigem duma solidão repentina, enorme, na casa sem cor, sem luz, sem alma. E os olhos secos, a arder no rosto branco de linho.

Tinha sido feliz desde os primeiros tempos de casada. Tinha sido feliz agarrada aos seus trapos, ao seu caldo de couves, tragando toda a pobreza sofrida com orgulho, quase

alegremente. Aguentara, apoiada no seu peito, o desgosto de ter perdido o primeiro filho, de não ter vingado o segundo. Porquê aquela ideia de partir?

Alimentara, até ao último instante, a esperança de que ele desistisse dessa ideia e só quando o vira desaparecer no barco é que teve a certeza de que ele, enfim, se fora.



Depois houve como que uma suspensão na sua vida.

Às horas em que era costume trabalharem juntos, a falta dele dava-lhe uma profunda sensação de ausência que a dilacerava. Parecia-lhe que toda a energia tinha fugido dos seus braços, que a terra se tornara subitamente hostil, não se deixando revolver pela enxada, cada vez mais pesada, como se fosse feita de chumbo. Parecia-lhe que a terra se negava a dar-lhe os frutos que o seu esforço merecia, que tudo era árido e frio em seu redor.

Quando eram dois a labutar, vinha sempre a alegria dos pequenos sucessos coroar os seus esforços. Agora, tão só, vinha até ela apenas o doloroso esforço ou, peor ainda, o desânimo e a solidão.

Procurara, corajosamente, retomar as suas ocupações, mas tudo era vazio, sem interesse. Sentia no peito uma dor confessada, obscura, pela sua mocidade perdida, sem amor. Quando lhe dirigiam a palavra respondia com monossílabos secos.

O dia passava e perdia-se.

O rosto magro andava agora quase sempre lúcido de suor. Os olhos secos, os lábios ressequidos e as mãos nervosamente crispadas na enxada com que amanhava a terra.

De noite, quando um profundo e misterioso silêncio pairava sobre a aldeia e a claridade do luar entrava pelas janelas, iluminando a cama, dificilmente adormecia. O uivar dos cães causava-lhe arrepios e o cantar dos galos ecoando das casas, pelas madrugadas dava-lhe uma sensação de distância, de isolamento.

Mas se as noites eram longas e frias, os dias eram igualmente sombrios.

Parecia-lhe impossível poder regressar à vida de todos os dias. Sentia-se abatida e a face ostentava, por vezes, uma palidez e um cansaço enorme, uma fraqueza irremediável, quase a ultrapassar os limites da sua resistência.

Levaram-na ao médico, quase à força e o médico receitara e dissera que toda a sua fraqueza provinha de não ter sido tratada devidamente, quando abortara. Mas ela sabia que era outro o mal que a devorava. Ela sabia. Sabia que toda a força do seu sangue, da sua alma, partira com ele. Só ele lhe poderia restituir.

Depois, os homens começaram a reparar que ela era uma mulher ainda jovem, só que tinha uma casa vazia, um leito grande demais para si e um coração esmagado pela solidão.

Mas ela mesmo sentindo a todo o momento o peso dos olhos desses homens, conseguira passar intacta por todos os perigos agarrada à crença de que, vitorioso ou derrotado ele não deixaria de voltar.

Minada por desesperos e febre, por receios indefenidos e mágoas, continuava fiel aos seus princípios, às suas afeições, como certos cães o são aos seus donos, ao ponto de lamberem a mão que os ameaça.



Agora, ao chegar-lhe a notícia de que ele havia morrido não conseguira, igualmente, chorar. Apenas abrira os olhos, pasmados,

incapaz de acreditar. Depois, de lábios ainda mais ressequidos e de mãos dolorosamente crispadas olhava atônita em seu redor sentindo rodeá-la, imprecisa como uma sombra espessa, o mistério insondável da morte.

Não era possível o marido ter já descido à terra, essa terra que tudo renovava na semente e só aos pobres corpos destruía.

Não era possível ele deixar de regressar, ele que partira com o sorriso de quem possuía o mundo. Para ela, até então, a morte não tinha sido mais que uma velha indesejável que morava longe da sua juventude, uma coisa em que não valia a pena pensar por tão afastada.

Mas agora parecia-lhe, simplesmente, que o tempo galgara muitos anos num só dia, fazendo-a velha de repente, e um pensamento subsistia acima de todos os que se emaranhavam no seu cérebro — «Já nada mais tenho a esperar». Na sua frente apenas teria invernos longos e frios, mais solitários, vazios de qualquer esperança.

Deixou-se ficar a articular pequenas palavras num murmúrio agreste como o vento sacudindo folhas secas na noite fria. Sentia-se exausta, alheia aos que a rodeavam, ao que lhe diziam.

Procurou afogar a sua amargura nas lágrimas, mas também agora os olhos permaneciam secos. Havia só dentro dela um vazio, um vácuo, um grande e profundo abismo.

« — Cinquenta anos, não era idade para morrer, protestou. Deu uns passos apoiada à parede, sem se importar com o que lhe diziam. Apoiou as costas trémulas na parede gelada e ali se deixou ficar parecendo-lhe ver em cada sombra o mistério insondável da morte.

De repente, descobriu o seu rosto reflectido no espelho sobre a cómoda — um rosto branco como o linho. Como o linho dos lençóis que fiara ainda menina, os lençóis quase intactos que não se atrevera a usar sem a companhia dele. Os seus linhos inúteis para noivar, os seus olhos azuis cor da flor do linho, desbotados, secos e vazios, inúteis para chorar.

Fechou os olhos para não ver mais, e tapou os ouvidos com os dedos crispados, para não ouvir o vento gemer no castanheiro para não ouvir os gemidos que se repercutiam no ar cinzento e molhado, cada vez mais plangentes, mais dolorosos, mais tristes.

VIRAGEM

— Michel!... Huguette!... Venez ici!...

A mulher repete o chamamento traindo as palavras francesas gritadas, a ostentar uma nacionalidade que não é a sua, o sotaque rude do Minho.

— Alors!...

De novo a voz se eleva numa ameaça ferindo os ouvidos de D. Libaninha refugiada a um canto da barraca listrada de azul, tal como a fere o roncar dos motores e o businar dos carros para lá do areal, na Avenida dos Banhos. Carros desarvorados com seu rasto de pânico que ameaçam crianças e gentes menos atentas.

Carros mais ou menos potentes, de linhas dinâmicas, guiados por descendentes daqueles que há mais de meio século conduziam, naquele mesmo local, cavalos fogosos, bem tratados.

Mas não são só os herdeiros de casas brasonadas, ou os filhos de industriais e burgueses endinheirados que aqui vêm atraídos pelo casino ou que por aqui passam, entediados, a caminho do Ofir ou de Viana.

Os Peugeots e os Renaults azuis, vermelhos, castanhos, cinzentos, de matrícula francesa, são agora em grande percentagem. Cada vez maior em cada época balnear.

«Muita coisa está mudada...» cisma a todo o momento D. Libaninha.

De facto, muita coisa parece ter mudado nesta terra piscatória e balnear, nesta terra aberta ao mar, à brisa do mar à música bravia do mar.

No entanto, as manhãs na praia são, como dantes, de fria espuma e o mar é na mesma absorto, azul, na maré vaza e vigoroso, intenso, profusamente enfeitado de rendas brancas na maré alta, com gaivotas ora bicando as ondas, ora se erguendo no espaço, num desdobrar de asas.

Também como dantes uma ligeira névoa corre diáfana por sobre o mar de águas espumosas, nem verdes nem azuis e rochedos enodoam a superfície colorida do mar onde traineiras se embrulham na distância.

Tudo como dantes, como há quarenta ou cinquenta anos, quando D. Libaninha vinha com os pais, se hoppedava numa das melhores pensões da vila e trazia consigo uma dúzia de vestidos, outra de sapatos e chapéus, além do joias e enfeites para as dife-

rentes horas do dia, para os passeios na Rua da Junqueira, no Jardim, na Avenida dos Banhos, para os flirts inocentes com rapazes vindo de Braga, Barcelos, Vila Real, filhos-famílias abastados e ociosos, estudantes em férias, herdeiros de casas arruinadas, à procura de noiva rica que pudesse restituir às velhas casas o antigo esplendor.

Desde criança que D. Libaninha passa, invariavelmente, o mês de Agosto na Póvoa de Varzim. Já sua Avó para aqui vinha, atraída pelo valor medicinal dos banhos, quentes, atraída pelo ambiente calmo, pela convivência com outras famílias que, igualmente, aqui vinham renovar conhecimentos.

Jamais deixou de aqui veranejar, mesmo depois de casada, mesmo quando as finanças reduzidas lhe permitiam, apenas, trazer dois ou três vestidos novos e outros tantos renovados. Mesmo quando as finanças lhe permitiam, apenas, alugar um quarto com serviço de cozinha, numa casa de pescadores.

Jamais deixou de fazer parte de pequenos núcleos na esplanada do Café Ribeiro, Diana-Bar, ou no Guardassol, que passavam o tempo contando histórias, predizendo o tempo, adulando a provinciana atenção das famílias mais ricas que não iam para quar-

tos alugados nem para pensões de 2ª categoria. Pequenos grupos nas esplanadas, nos passeios, nas barracas de lona onde se discutiam modas, se dizia mal da mocidade, das suas audácias, se dizia que o mundo estava perdido e que «dantes é que era bom...»

Profundamente provinciana na defesa dos costumes, na escolha do seu meio, D. Libaninha sempre exerceu uma certa influência no seu círculo — um meio em que todos procurando apresentar-se o melhor possível cediam a todo o momento à tentação do despique.

«Muita coisa mudou nos últimos anos» suspira agora D. Libaninha. Poucas são já as senhoras suas amigas que, com a família demandam a Póvoa, vindas de várias partes do Minho, do Douro, de Trás-os-Montes.

Muita coisa mudou nos últimos anos. No entanto, o mar, o sol, a areia um pouco grossa, as casas de pescadores são como dantes e tudo tão diferente afinal...

Aonde as tardes calmas na praia em que se trocavam amostras de crochet, se falava de conhecimentos comuns, se chegava à conclusão de «que o mundo era bem pequeno, afinal?»

Aonde o sossego, a serena convivência com essas famílias antigas, bem consideradas no seu meio?

D. Libaninha cada vez se isola mais na sua barraca e cada vez se sente mais sozinha e desorientada, mais ainda que no ano passado. Mais isolada, deslocada, repassada de indignação.

Hoje de manhã mal podia acreditar ser a Quina aquela moça de biquini que a veio cumprimentar e lhe sorriera com simpatia e também com um pouco de petulância.

A Quina, a filha do Tone Tamanqueiro e da Maria Patacas. A Quina, naquela moça de cabelos curtos, bem arrumados?

«A pequena Quina de saia ruça e remendada, rostinho sujo e ranhoso, toda ela suja e desgrenhada? — interroga-se D. Libaninha — A Quina fazendo parte da animação que reina no areal?»

A Quina fazendo parte da chusma que engrossa hora a hora, que cuspinha na areia, que manuseia uma espécie de francês (ou melhor, de «françuguês» como diz o marido de D. libaninha) como se nunca tivesse aprendido a língua portuguesa, como se não lha tivessem ensinado desde o berço, como

não fosse o português a língua aprendida na escola?

D. Libaninha toda se arrepiava ao ouvir alguns deles falar um francês de sotaque duvidoso e sintaxe mais duvidosa ainda, ou, então, um português rude entremeado de palavras francesas e, pior ainda, de palavras no mais puro vernáculo português.

D. Libaninha estudou num colégio de Braga. Aprendeu francês, um pouco de história, geografia e inglês. Aperfeiçoou-se no piano e na pintura.

D. Libaninha estudou francês com professora francesa. D. Libaninha sempre gostou de falar francês. Sentia-se orgulhosa por dominar razoavelmente a língua francesa, tanto mais que no Minho, nas primeiras décadas do século XX, ainda era chique saber-se falar francês. Tão chique como o fora, no Século XVIII, em Lisboa.

Agora D. Libaninha já não se sente orgulhosa por saber falar francês. Já não gosta de mostrar que sabe falar e escrever a língua de Victor Hugo.

Isolada no seu refúgio tem um ar infeliz, vexado. Procura alhear-se do que se passa em seu redor, mas em vão. Se acaso

um palavrão bem português bem sonoro, lhe entra pelos ouvidos desprevenidos, todo o seu corpo desamparado tem uma espécie de retraimento, um arrepio que lhe faz baixar os olhos num ar compungido, indefinível.

Na sua terra tem ouvido contar muitas histórias de emigração. Histórias de grandezas e de misérias. Tem, mesmo, sido visitada por alguns dos que regressam à aldeia e trazem uma pequena lembrança das terras frias do norte, lembrados que D. Libaninha, noutros tempos não lhes recusou pequenos auxílios.

Escuta-lhes as histórias, congratula-se com o bom êxito duns, lamenta o fracasso de outros e tem-nos aceitado tal como eles são. Mas só agora vê, finalmente, que o tempo passou por eles cavando um fosso, invisível na aldeia, mas aqui tão palpável que lhe sente dolorosamente toda a realidade.

Esta proximidade de agora, este poder escutar, poder ver com os próprios olhos um sistema de vida que, segundo lhe contam, não é o deles em terras estrangeiras, este afivelar de máscaras tudo isto lhe causa impressões insuportáveis.

Do fundo da sua barraca de lona, olha-os de longe em longe, com uma expressão incrédula e desorientada.

Ali mesmo defronte, duas raparigas de biquini, o sol a morder nas epidermes desnudas, riem-se sacudindo os cabelos salitrosos, ostentando uma liberdade de atitudes um pouco deliberada. Estendidas na areia cobre-as um sol doirado, quente, audacioso. Um sol de glória.

Muitas mulheres usam toillettes excêntricas. Mulheres como a Quina para quem os cremes, os sprays, os óleos já não são «tabus» como não o são as idas ao cabeleireiro, a maquillage, os fatos de banho.

Exibem-se no areal. Riem com aquele riso que D. Libaninha classifica de abusivo, de provocante. Um riso agressivo, audacioso, rebelde.

Há, também, mulheres menos jovens que riem menos, mas que igualmente, têm um olhar vivo, mulheres a quem o trabalho na terra estrangeira deu experiência, força, audácia e que têm, agora, uma moral própria que provém do contacto com outras gentes, outra civilização, uma moral adquirida ao longo de anos de exílio.

Mulheres que conhecem o segredo das sombras, o açoite dos frios do Norte, o con-

tacto viscoso da neblina e que não se importam que as filhas que levaram, meninas ainda, se desnudem na areia e falem uma linguagem que D. Libaninha não consegue aceitar.

O sol do meio dia bate na areia, nos toldos, nas águas vivas. Lá em baixo os banhistas saltitam na rebentação, amarram-se fortemente às cordas e os dedos são tentáculos de polvo quando a onda vem mais forte.

Meninos brincam nos rochedos. Outros, refugiam-se sob os toldos de lona, junto dos adultos. O alarido cresce. Morrem as vozes do mar.

Crianças em núcleos, guerreiam-se atirando punhados de areia, bolas, brinquedos. Guinchos furam o ar em risos ou choros desdobrados. Os gravadores gritam canções francesas.

Aonde as cantigas do S. João da Ponte? E as loas à Senhora do Sameiro? E as cantigas de trai-la-rai?

A onda avança. Um palavrão sonoro corta o ruído incerto. A praia está entregue aos vândalos. As barracas parecem abrigar exércitos.

D. Libaninha prepara-se para sofrer mais uma vez a tragédia das suas férias irremediavelmente perdidas, desmoronadas. Mas é principalmente quando a mulher dos pasteis vem chegando que tudo se complica, que D. Libaninha mais se desespera.

Chusmas de crianças fitam a mulher de branco que, de repente, surgiu à entrada do sector. As brincadeiras, os risos, os choros, suspendem-se ante a aparição da caixa azul, equilibrada à cabeça da mulher de branco, que já ajoelha na areia, frente à primeira barraca donde a chamaram.

A caixa abre-se e cada gaveta, ao sair acentua o brilho dos olhos e faz com que a ânsia cresça nas mãozitas involuntariamente estendidas. Meninos pedem às mães, choramingam, exigem.

Alguns obtêm um bolo, outros, uma negativa, outros ainda, como os netos de D. Libaninha, nem se atrevem a pedir pois sabem de antemão que a Avó alegará «que lhes vai estragar o apetite para o almoço, etc., etc.».

Mas os meninos que entendem a língua francesa, esses são mais felizes. Podem tirar os bolos que quiserem, as mãos deles chegam à cobiçada caixa azul, escolhem, tiram,

pagam, levam quase tudo. As boquitas atafulham-se. As das mães, também. Mais outro e outro e outro... «Ora!... Se não comerem ao almoço é porque já comeram!»

Depois, é a chegada do homem das batatas fritas, do das cervejas e laranjadas, do dos sorvetes. A cena repete-se. Há detritos por toda a parte — cascas de fruta, papeis, embalagens de plástico dos sorvetes, cápsulas de garrafas. Cascas acetinadas, resistentes, de tremoços, juncam o chão como se fossem confetis dum contínuo carnaval.

D. Libaninha sofre torturas ante o espectáculo desta multidão flutuante e heterogénea, desta multidão viciada em novos hábitos e atitudes que a impressionam. Não compreende nem aceita que eles se excedam em exibicionismos de superioridade «consequência dum recalçamento de anos a fio a labutar, a sofrer privações» como explica o marido de D. Libaninha, acrescentando que «eles são extremamente sensíveis às pequenas humilhações que voluntária ou involuntariamente lhes infligem e, portanto sentem necessidade de dar nas vistas necessidade de que lhes invejem os francos ou marcos, necessidade de serem admirados.»

«Que tendo partido, um dia, por necessidade, por ambição, ou, simplesmente, por

um sonho gratuito de aventura, toda a recompensa que podem dar a si próprios são as férias na terra natal...»

— Porquê, então, na praia? — interroga-se D. Libaninha — Homens da terra, criados na terra, ensinados, desde pequenos, a amar a terra, não é portanto, o amor pelos lugares marítimos que os atrai...

— Não é! — concorda, convencido, o marido de D. Libaninha.

E na roda de amigos à mesa do café, perde-se em considerações:

— É que nem sempre, na aldeia, encontram a admiração desejada, nem sempre atingem a importância sonhada. E, então, se na aldeia continuam a ser o Maçarocas ou o Carriço ou o Rifinhas, a praia é o seu último baluarte...

«Muitos deles, preocupados em não trair em nada o infeliz habitante do bidon-ville, dão boas gorgetas ao banheiro, ao rapaz que arma as barracas, deixam o troco na mulher dos pasteis, mas ficam confusos — continua Senhor Soares — se lhes curvam demasiado a espinha e dizem mais efusivamente o seu obrigado».

Entusiasmado, o Senhor Soares tenta explicar aos amigos, à esposa, fazendo com

que eles os compreendam porque, no fundo, o Senhor Soares admira-os.

Como eles, Senhor Soares gostaria de ter podido deixar a vida monótona, cheia de nostalgia e quietação, deixar a província com os seus bocejos, a sua lentidão triste. Levar consigo a nostalgia a solidão, saudades de nada.

Como eles, gostaria de partir, deixar a quinta que herdou dos sogros e não ama, deixar a secretária bafienta do Grémio onde trabalha há perto de trinta anos, deixar a profissão que aborrece.

Como eles, gostaria de poder arrancar as raízes profundas enterradas na terra natal.

Por isso é com simpatia, quase com admiração, que os olha e se esforça porque os outros os compreendam, se esforça para que D. Libaninha os aceite tal como eles agora pretendem ser.

Mas em vão. D. Libaninha não aceita aquele afivelar de máscaras por detrás do qual está, como diz o marido, «a angústia do isolamento, o espaço, a separação, o desequilíbrio e desconforto moral o regresso à labuta insana, à promiscuidade degradante».

«E, além disso, — continua — muitos não os aceitam por despeito, por orgulho ferido»,

porque se sentem prejudicados, agora que não os têm ao seu serviço, ao seu dispor»...

D. Libaninha ouve e toma um ar ofendido, cheio de desdém. Não responde mas mostra claramente que não julga o marido à altura de compreender os seus sentimentos, as suas reacções.

Não pode olhar em seu redor sem que os veja dando largas ao seu exibicionismo, afirmando a sua prosperidade em alta voz como desejando que ela e os outros verifiquem que ela existe, para que eles próprios a oiçam, para que se agite ainda mais toda a convulsão do areal.

D. Libaninha vê-os em seu redor, na maior parte vestidos à moda dos burgueses e nota que mesmo assim vestidos continuam a ser camponeses desconfiados, incapazes de apagar o velho ar astuto e ingénuo, não hesitando em deitar mão a antigos disfarces e ardis.

E D. Libaninha aceita-os com esses velhos ardis e disfarces ingénuos mas não consegue aceitá-los com os seus exibicionismos e arrogâncias. A atitude deles fere-lhe os nervos, atíça-lhe a vontade de não ser indulgente e diz, com azedume, «que eles não têm personalidade, perderam a sua, imitam mal a dos burgueses».

D. Libaninha afirma com expressão carregada de mágoa que se corromperam os costumes, que a vaidade içou por toda a parte a sua bandeira garrida, antipática, hostil.

Para ela, a Póvoa das suas férias está deturpada, dividida. As tradições mortas pesam-lhes nos ombros como um fardo.

Refugiada no canto da barraca listrada de azul, D. Libaninha vê os dias de férias escoarem-se e já não sente, como dantes, um pequeno aperto no coração ao ver encurtar-se, cada vez mais, o espaço que a separa do dia em que regressará à Quinta, aos dias entremeados de ligeiras distrações que consistem, apenas, numa ou duas idas, por semana, a Braga ou Barcelos, uma saltada de longe em longe, ao Porto, em raras visitas de cortesia que ainda lhe fazem e, pontualmente, retribui. Uma vida sem altos nem baixos, sem horizontes largos.

O mês passado na Póvoa sempre foi, portanto, uma espécie de oásis que lhe enchia de frescura os onze restantes meses de cada ano, com o evocar constante de pequenas imagens e sons colhidos ao longo das horas de cada um dos trinta dias que ali passava.

Encontros, amizades renovadas, algumas firmadas e, acima de tudo, uma actualização de usos e costumes, sempre proveitosa, o contacto com novas modas, que ela aceitava ou não.

Mas tudo isso pertence ao passado. Tudo acabou. D. Libaninha está desolada. Pensa que para o ano talvez já não venha para aqui. Mas para onde ir? O Ofir está cheio de estrangeiros, não lhe agrada. A Apúlia ou outra praia sossegada também não a seduz. Da quietude dos pinhais vem ela.

Aonde encontrar aquilo que a Póvoa lhe nega agora? Aonde? D. Libaninha está triste. Sente-se defraudada, espoliada, dum bem que por direito consuetudinário lhe pertencia. Por isso D. Libaninha está cada vez mais amarga, mais infeliz. Tem dentro de si queixas tão profundas que não sabe já como exprimi-las.

D. Libaninha não compreende que os seus preconceitos são já de eras passadas. E se o marido lho tenta explicar, lhe lembra que há um tipo de civilização rural que agoniza, uma espécie de sismo social, ela toma um ar cheio de desdém, quase um ar ofendido e não responde, demonstrando claramente que não julga o marido à altura de a compreender.

D. Libaninha está só. Só com as suas recordações, as suas decepções, as suas surpresas. Não que seja má ou mesmo egoísta. Não. Está simplesmente a viver o seu momento de choque, de revolta.

Mas se lho dissessem ela não poderia compreender. Não seria capaz de compreender.

LÁ

Gosto de me vir sentar de baixo destas árvores. Gosto mais de estar aqui do que ali em baixo, à beira daquelas flores de luxo. Seria uma boa sombra se houvesse sol, mas aqui o sol não anda de mão beijada como na nossa terra...

Não sei porquê, mas sinto-me bem à beira destas árvores. Parece-me que estou tão abrigado como debaixo de telhado de casa. Eu sempre gostei de árvores. Árvores grandes. E, então, este jardim de Luxemburgo tem tantas...

Lá, encostava-me a uma árvore (havia árvores por todos os lados) sempre que andava consumido cá com a vida. Encostava a cabeça a uma delas, quer fosse uma macieira ou um castanheiro redondo e liso como a palma da mão, quer fosse um pinheiro áspero como pedras e para ali me deixava ficar até que a «volta» me passava e me sentia melhor cá por dentro. Com mais força!

Lá, eu gostava de falar com as árvores. Parecia-me até elas entendiam o que eu queria dizer e não sabia explicar. Às vezes até tinha vontade de chorar. Que um homem tem dias de tudo, caracas! Às vezes até me abraçava a uma árvore qualquer e parecia que ela me dizia — «é preciso ter paciência... Muita paciência...» Sempre paciência! Lá como cá...

Por causa disso foram dizer à minha falecida Mãe que eu andava a ficar «avariado» do juízo. E, então, ela deu em cuidar que eu não andava bom e até chegou a procurar remédio...

Lá, havia uma mulher que sabia rezas e benzeduras e até talhava o ar... Era muito entendida nesses males... E olhe que, às vezes, acertava melhor que os doutores!

Mas, como estava a dizer, eu gostava muito de falar com as árvores, acho que elas me entendiam melhor que as pessoas... Mas não falava só com elas! Falava também com os animais...

Aqui, o que me custa mais é não ver animais. Árvores, ainda as vou vendo. Animais é que não, a não ser esses cães que a gente vê por aí e que as madamas levam pela trela ou mesmo ao colo todos lavados e enfeitados que até é uma vergonha. Um cão

é um cão! Que eu até gosto de cães, mas acho que é pecado tratá-los como gente. E olhe que sempre gostei de animais!

Lá, tínhamos bois, porcos, ovelhas... Cabras, não. É bicho excomungado. Roi as plantas todas. Se entra na horta limpa-a num credo. Se apanha as videirinhas novas, adeus minha vida. Dá cabo da ganaria toda. Não fica um gano para amostra.

Lá, tínhamos umas videiras que dava gosto! Meu pai era mestre! O vinho chegava para todo o ano e mais as terras eram pequenas! Uma pinga que era um regalo! Metade borraçal, para lhe dar agulha. Outra metade, só de uvas tintas, para o tornar mais encorpado...

Era uma pinga de estalo! Só queria que provasse... Até dava vida! Um homem bebia dois, três quartilhos e ficava direito. No seu juízo perfeito!

O que sempre mais desejei, o maior gosto da minha vida, era ficar senhor de tudo à morte dos «velhos», dar as tornas aos meus irmãos e ficar sòzinho a tratar daquelas terras como elas mereciam e depois casar com a Sameira, andar mais ela, de manhã à noite, metido na terra, lidar todo o tempo à roda do gado e das novidades, cheirar a terra, a palha, a erva, sei lá!

A Sameira também tinha paixão pela lavoura. Era como eu. A Sameira era uma raparigaça! Eu, digo-lhe, não a via com os olhos da cara! Era cá dentro... De raiz!

Se ela me fazia uma desfeita qualquer, bastava-lhe «dar-me duas a abater» e eu virava logo. Até parecia que ainda lhe ficava a querer mais. E se ela se enxofrava comigo, mesmo com razão, depressa lhe passava. Não era como a mãe dela. Essa era de maus fígados!

Às vezes, a minha Mãe (Deus a tenha no Céu) atazanava-me os ouvidos, coitada, sempre a serrar: «Que ela era de fraca cepa, mais isto, mais aquilo... Mas um homem quando chega ao ponto de querer bem, como eu queria, não ouve nada. Nem quer saber!

Mas como ia dizendo, gostava muito das árvores. Para andar contente era andar ao redor delas a podar... a enxertar ...a sulfatar... Vim para aqui por causa disso e, ao fim e ao cabo, para nada.

Os «Velhos» morreram sem eu poder lá ir. Os meus irmãos quiseram repartir tudo e eu não pude fazer nada. Venderam, logo, a casa e tudo o que lhes interessava. Não esperaram por mim. Meu irmão Manuel já tinha arranjado um emprego nos correios. Domingos trabalha no caminho de ferro.

Margarida continua a servir no Porto. Há muitos anos na mesma casa. Parece que já tem Caixa e Reforma. Está como quer. Eu e Ana é que continuamos por aqui, mais o cunhado.

Ela é que me tem valido. Lá isso é verdade... Só que escusava de andar sempre a remoer «que eu não tenho cabeça... que não me apego ao trabalho... que nunca mais dou nada, nem cá nem lá...»

Ela bem podia ver que esta vida não é como a de lá... Ora! Mulheres! E está tudo dito.

A Sameira? A Sameira casou-se. É a vida... Eu? Aqui longe, que é que eu podia fazer? Só lhe digo que perdi o gosto por tudo. Cheguei a andar desanimado de todo, sem querer saber de coisíssima nenhuma.

Agora, desde que tomei confiança com a Francine parece que tornei a ganhar coragem. Ela é vizinha da Ana, mas a Ana não gosta dela. As duas não aparelham. Não são amigas. Nada. Não sei que fazer...

Cá os outros bem me dizem que as francesas são diferentes das mulheres de lá. Que me ponha a pau, que não vá em cantigas... Olhe, não sei que diga nem que conte. As mulheres daqui não são como as nossas, isso é verdade. Gostam muito de luxos. Só

em roupas é um dinheirão por ano. E, depois, não são lá muito certas...

Lá, uma mulher quando casa é para toda a vida. Não pensa em luxos. Só trabalho. Trabalho todo o dia. Ali, como os homens. De manhã à noite. Na ideia só trazem o homem, os filhos e o trabalho.

Aqui!?!... Aqui não há que fiar. São, quase todas, umas gajas do caraças. Só pensam no pagode. Pagode e luxos e andar de costas direitas. O melhor bocado é para elas. E Deus livre um gajo de lhe mandar duas galhetas para as ventas. Ia logo tudo raso! Até metia polícia e tudo!

Não. Não voltei à terra. Para quê? Mandaram-me para aqui meia dúzia de contos de reis (o que me tocou em partilhas) e ficou tudo arrumado.

Que ia eu lá fazer agora?

Só se fosse para ver as campas dos Velhos e rezar-lhes pela alma. mas para rezar por eles não precisa um homem de ir à terra, sujeitar-se a dar com os olhos naquilo que não quiere ver nem de longe.

Mas digo-lhe, não há vida mais bonita que aquela. Olhe que eu passava melhor de saúde a comer umas batatas cozidas com

couves, sem mais nada, do que passo agora com esses nacos de frango que a minha irmã me põe no prato.

Um homem come e não fica contente. É com tudo assim. Anda-se para aqui sem gosto de nada. Há quem lhe tenha corrido bem a vida aqui, isso é verdade. Cá e lá.

Conheço muitos gajos que vivem aqui muito bem. Tomaram muitos «graúdos» da minha terra ter o dinheiro que eles têm. E se há muitos que não gostam desta vida, outros há que até se dão muito bem aqui.

Mas, bem ou mal, ninguém tem que se queixar. Ninguém vem para aqui à força, caraças! Um homem, se vem é de livre vontade! Se a vida não corre à feição, é porque já assim tinha de ser. É a sina com que cada um nasce. Meu irmão Domingos e até mesmo Manuel, estão muito melhor que eu e não saíram de lá. Olhe, o que é preciso é sorte.

Mas, digo-lhe. Se soubesse o que sei hoje, ninguém me arrancava de lá. O mal é um homem sair da sua terra. Da sua casa. A gente nasceu para viver lá.

Foi lá que o sangue se criou, que a alma veio ter com a gente. Um homem deixa a sua casa, a sua terra e vem por aí acima,

mas a alma fica lá agarrada a todas aquelas coisas que nos viram abrir os olhos para o mundo.

Por isso se um homem deixa a sua terra, a sua casa, nunca mais é o mesmo homem. Nunca mais!

Nunca mais!....

VIVA PIERRE!

Pierre é belo. Pierre é loiro, espadaúdo, alto. Pierre tem uns olhos azuis, profundos, pestanudos, únicos.

Pierre é belo, duma beleza harmoniosa, completa, perfeita. Uma beleza de estátua grega.

Pierre veio do Norte, das brumas, do céu cinzento, das neves prolongadas, dos grandes rios poluídos, do trepidar das máquinas. Pierre veio do Norte e está agora no Minho, mais propriamente em Pedra Branca, terra alegre vestida de verde e onde as casas emergem aqui e ali no meio do arvoredado, sob um céu intensamente azul. Aldeia pequena e alegre, cortada por uma estrada razoável que a liga a Barcelos, a Braga e por dois ou três ribeiros que tornam mais verde a verdura dos campos humosos.

Pierre é belo. Pierre tem um sorriso como nunca houve outro ali, em Pedra Branca. Por isso as moças se agitam, rodam sem parança e disputam o privilégio

de serem miradas por ele, de sorrirem disfarçadamente, para ele, de se exibirem para ele. Pierre veio de longe, com o António Palhares e os filhos. É bom amigo e companheiro é o ai-Jesus de todos, é o filho do «Patron» Um «Patron» que trata menos mal este António Palhares, operário não especializado, uma espécie de faz-tudo, que o serve há perto de dez anos e que há perto de dez anos é simplesmente Antoine. Antoine na França, António Palhares na terra ou, mais vulgarmente, António da Melra, que tem filhos da idade de Pierre que falam francês, que gostam da França, que gostam de Pierre que gostam de tudo que é francês.

Pierre é alegre e bom camarada. Ama a Natureza, embora tenha nascido em Paris, adora o céu azul, o verde-verde da paisagem a tranquilidade de Pedra Branca, diverte-se, duma maneira nova para ele, nesta terra verdejante, entusiasma-se com as moças, diz galanteios em língua francesa, e, sobretudo, olha-as com os seus olhos azuis, garotos, pestanudos. Uns olhos de entontecer.

Pierre entonteceu já os olhos da Guida, da Fátima, da Rosa, da Ana... e todas se al-

voroçam quando com ele se cruzam nos caminhos e ouvem ele dizer coisas que não entendem ou talvez entendam pela expressão dos olhos pelo jeito da boca volutariosa e alegre, pelo tom da voz, já que Pierre, em português, apenas saber dizer «oberrigado», «bom diá» e pouco mais.

Pierre gosta de passear pelos caminhos tortuosos da aldeia, gosta de ver as moças de rosto crestado por sois e geadas, gosta de apanhar sol, mergulhar os pés nos riachos claros, respirar o ar purificado pelos negros pinheiros que cercam a aldeia. Gosta do cheiro da seiva, do cantar das rolas bravas, das travessuras da pardalada.

Pierre gosta de pescar barbos e escalos no rio estreito, de saudar o sol nascente no alto dos montes brandos, de depenicar, pelos valados, uvas aciduladas, húmidas de orvalho, de trincar as maçãs rijas e perfumadas recém-colhidas das árvores, num jeito seu, como quem ri.

Pierre gosta de se deitar na erva, ser espiado pelas moças admirado por elas, disputado como nunca o foi em Paris. Gosta destas moças que o olham sorrateiras e que em nada se parecem com as moças de lá.

Estas moças simples e astutas, ingênuas e precavidas que acham Pierre belo, diferente de todos os rapazes que conhecem.

E Pierre é belo. Pierre é seiva nova no ambiente antigo da aldeia. Pierre é vinho forte, é sol do meio dia que cega e entontece. Pierre é vário como o vento da tarde. Pierre é diferente.

Por isso Pierre ri ainda mais, canta, salta valados e congostas, galga quilómetros no Citroen claro dos da Melra, na companhia do Zé, do Tone, do Mingos. Com eles catrapisca todas as moças que encontra, fá-las trocar segredinhos, soltar risadinhas nervosas e faz com que o olhem duma maneira que não deixa Pierre sossegar.

Pierre é mais belo ainda, em cada ano que chega. Pierre é aragem nova no ambiente antigo da aldeia. Pierre é luz do meio dia que cega e atordoa. Pierre é livre e forte. Pierre é diferente. Pierre é vinho capitoso que aquece o sangue, que o faz correr, que dá vida. Pierre é rio impetuoso e alegre, é sol nascente, é topo de montanha.

Pierre é o mundo para lá do horizonte, para lá dos pinhais. É o mundo que as moças sonham e os rapazes invejam. É a vida ampla, intensa, sem mil pequenas limitações,

sem leis antigas, sem tradições, sem preconceitos que limitam, asfixiam.

Pierre é sangue novo. Pierre é o sol da manhã, é cume da serra, é riacho travesso e alegre. É o futuro desanuviado e promissor. É o mundo para lá dos campos verdes.

Pierre é belo, é poderoso, é único é diferente. Pierre é a vida.

Viva Pierre!

BOAS FESTAS

(conto de Natal)

O som de sinos tocando para a missa da manhã, penetra através das persianas corridas. Margarida acorda e, por momentos, fica aconchegada na calma doce do despertar.

Natal! É isso, é Natal, finalmente!

Sente uma excitação indefenida percorrê-la e acha-se, de repente, bem acordada. Acende o candeeiro. Sete horas! Tem de se levantar. Olha os filhos ainda adormecidos e beija-os ao de leve, com ternura. Salta da cama. Arranja-se rapidamente. Tem tanto que fazer...

Vai até à cozinha. Acende o lume. Tem de aproveitar enquanto as crianças não acordam. Mãe!... Meu Deus lá começam a acordar. Schiu!... Caladinho... A Mãe vai já. Ca-la-di-nho! Batem à porta. A padeira. Bom dia! Sim. Pois! O meu marido? Chega logo às três horas. Veio de avião de Frankfort até Lisboa. A esta hora já deve vir no rápido... Chega logo às três horas. Se Deus quizer! Boas Festas! Oxalá... Oxalá...

Volta à cozinha. Põe o leite ao lume e quando espera aproveita de cortar o pão para as rabanadas. Suspende por momentos o trabalho e vai espreitar os filhos. Zézinho adormeceu de novo. Tudo sossegado. Fica-se por momentos a contemplá-los. O Zé está muito gordinho e a Rosinha tem crescido imenso. O bebé agita-se no berço e sossega de novo. Como achará o Carlos, os filhos? E eles? Já quase nem se lembram do pai...

Um ruído característico, vindo da cozinha, desperta-a. Meu Deus, o leite! Precipita-se para o fogão. O bebé chora. Pronto! A Mãe já vai. Caladinho... Antes que ele acorde os irmãos, pega-lhe ao colo. Tem fominha, tem? Coitadinho!

A Mãe vai dar a papinha. Muda-lhe a fralda. Segura-o com um braço enquanto que, com outro, vai preparando o biberon. Pronto. Não se zangue! Está contentinho, está? O bebé chupa com sofreguidão. Pois claro!

Deita-o de novo. E se almoçasse? Engole o café a correr. Tem de ir adiantando o serviço. Hoje é um grande dia! Quere ter tudo pronto quando o Carlos chegar.

Recomeça a cortar o pão. No relógio da sala batem nove horas. Meu Deus, e eu tão

atrazada! Acaba de cortar as rabanadas. Mãe!... É o Zézinho logo seguido da irmã. Descalços?!... Seus marotos!... Voltem já para a caminha! Zézinho, a Mãe veste-te num instante. Rosinha calça-te! Já estás uma mulherzinha! Pronto!...

Não entornem o leite. É hoje que chega o Pai, é! Por ser Natal, pois! Se os meninos se portarem bem o Menino Jesus dá prendas, sim senhor! Pronto. Já papaste? Lindo menino! Agora vai brincar para ali, muito sossegadinho!

Pesa o açúcar e a aletria. É Natal, sim senhor! Não te chegues ao fogão, Zézinho Queimas-te! O tempo corre. Deita a aletria nas travessas. Vai arrumar os quartos. Zézinho, para aqui. Não mexas nisso. Rosinha, embala o menino!

10 horas! Meus Deus, o tempo, hoje, tem asas! Olha-se no espelho da cómoda e sorri. Hoje é Natal. Sente-se feliz. Os filhos estão ali, traquinas e saudáveis. O marido está a chegar... Onde virá a estas horas? Apetece-lhe cantar. Deus é bom! Olha o monte de roupa para lavar. 10,30 horas. Tenho de me despachar. Vai para o pátio. Zézinho, está quieto! Molhas-te! A água está gelada mas não dá por isso. O seu cérebro e o seu peito, estão cheios da palavra Natal. Natal e o

Carlos. O Carlos que anda longe. O Carlos que chega. Deus é bom!

Vai espreitar o bebé. Estás a palrar. Estende a roupa. Enxuga as mãos ao avental. Zézinho, anda para dentro! Está muito frio aí. O Pai? Não demora, não. Vem de certeza, pois!

A Alemanha é longe, é, filho. Muito longe! O Pai, volta filho. Tem de voltar para lá... Tem de voltar, filho!

Vai de novo para a cozinha. Põe-se a fritar as rabanadas. Quer ter a tarde livre quando o Carlos chegar. Deve vir cansado. Concretiza vai querer um banho e depois vai dormir. A roupa dele, que tem cá, estará em condições? Sobressalta-se. Está. Mãe, ainda não fizemos o presépio! É verdade, já se esquecia do presépio... Natal sem presépio não é Natal. É o que Carlos diz.

Polvilha de açúcar e canela. Assim bem perfumadas, como o Carlos gosta. Lambareiro! Sorri. Arruma as rabanadas. E se fizesse mexidos? Na casa dos pais era o doce preferido... O peor é tempo para arranjar o pão... Olha o relógio. 11 horas. Ainda deve ter tempo. Vai tentar. Batem à porta. Rosinha, vai ver quem é. A Tia Mi. Olá! Olá. Estou atrasadíssima ...Deve chegar no comboio das três horas. Os pequenos andam num

alvorço. Não, obrigado. Mas se quiseses ajudar, enquanto estás... Não, não sinto frio. Não, não estou cansada. Tola! Até logo.

Mãe, tenho fome! A Mãe já vai tratar do almoço dos meninos. Põe as batatas e os legumes na panela que já ferve. De repente lembra-se que é preciso mudar a água ao bacalhau da consoada.

O bebé chora. Não deve ser fome, seu comilão! Muda-lhe a fralda. O bebé chora de novo. Pega-lhe ao colo. Rosinha e Zé, venham comer. As mãos? Lavadinhas. Mãe, dá ao Zé! A Mãe não pode. Tem de tratar do bebé. Come com a tua mão, anda. Já estás um homenzinho! Não. Falta só um bocadinho para o Pai chegar.

Com o filho ao colo, dá os últimos retoques na doçaria. Mãe, deixa-me rapar o tacho? Prepara o biberon. O bebé sossega. Vai dormir Deita-o devagarinho no berço e afasta-se, pé ante pé. Não façam barulho!

Mãe, o presépio! Vai à despensa buscar o caixote com as figurinhas toscas de barro. Já comeram tudo? Lindos meninos! Agora vamos fazer o presépio.

Encosta a mesinha à parede. As crianças ajudam-na, excitadas. Mãe que será que o Menino Jesus vai trazer? Margarida vai dispondo as figuras. Os pequenos soltam

exclamações de alegria. Coloca a estrela por cima da cabana. Pronto.

Por momentos olha através da janela. O dia está claro.

Pequenos farrapos de nuvens brancas enfeitam o céu e até os telhados brilhantes de geada derretida tem o seu quinhão de beleza. Dá os últimos retoques. Baixa-se para apanhar uns restos de palha e de folhagem. Olha mais uma vez o presépio. Pronto, meninos. Agora não se mexe! Pois!... É para o Pai ver.

O relógio da sala bate duas badaladas. Precipita-se para a cozinha. Tem uma data de loiça para lavar. E o Carlos está a chegar! Lembra-se, de repente, que ainda não comeu. Já não tem tempo. Deixá-lo. Logo come.

Rosinha, lava as mãos do Zé. Assim, limpinhas! A cozinha está arrumada. Lá longe, um comboio apita. Quem lhe dera ir à estação...

Por momentos sente-se cansada. Hoje-é-Natal-e-o-Pai-vai-chegar!... cantarola Rosinha, logo imitada pelo irmão. Sorri. De repente, sente que todo o cansaço passou. Feliz. Hoje é Natal e o Carlos vai chegar!

Vê as horas. O comboio deve estar mesmo a chegar. Olha em seu redor. Tudo em ordem, finalmente. Tira o avental enxovalhado. Dá

um jeito aos cabelos. Obébé acorda. Agora não haverá mais saudades. Aproxima-se da janela com o filho ao colo. Um taxi pára.

Pricipitam-se para a porta. Boas Festas, Boas Festas! O motorista guarda a gorgeta. É ele! É o Carlos que ali está, graças a Deus! Apetece-lhe dançar. Boas-Festas! É isso. Boas Festas! Hoje é Natal e o Carlos chegou por ser Natal. Deus é bom! Deus é bom! Deus é bom!

A CASA ANTIGA

Olhou em silêncio a casa antiga, as árvores e a glicínia abraçando tudo avidamente com o olhar. No jardimzito junto do portão, os canteiros tinham-se modificado e o cão não era o rafeiro castanho com malhas brancas nas orelhas nem a japoneira era tão copada como dantes.

Parou, encostando-se à parede fronteira. Na rua deserta, as casas silenciosas pareciam enregeladas. Portas e janelas estavam fechadas sobre as pessoas, deixando-as só consigo próprias e com os seus segredos.

Quedou-se a olhar, com o coração apertado, a casa antiga com as mesmas escadas de granito, a mesma varanda, a mesma chaminé, ampla. «As janelas, agora, tinham cortinas brancas», notou de repente, como se isso fosse importante.

Que poentes maravilhosos não tinha visto daquelas janelas! Quantas vezes, ao regressar da escola, esfomeado e friorento, sentia uma certa emoção, como se ela lhe sorrisse,

lhe abrisse as asas para que ela se aninhasse sob a sua quentura?

Como gostava de a olhar de longe, ao sol-pôr, quando o sol parecia brincar aos incêndios nas vidraças nuas!

«Quem seriam os actuais donos?» interrogou-se. Lá longe soubera impotente, do declínio cada vez maior, da velha casa, a hipoteca por pagar, os tribunais, o leilão judicial. A mãe cada vez mais doente. «Se fosse agora...» pensou com amargura.

Na sua frente, a casa quedava-se silenciosa como se sustivesse a respiração, tão serena como dantes. Imaginava muitas vezes ver a velha casa. Sonhara muitas vezes com ela, mas agora não era um sonho — A casa centenária estava realmente na sua frente. Também era real o perfume das glicínias que se baloiçavam no gradeamento das escadas de granito e, igualmente real, o ladrar do cão, para lá do portão gradeado.

O fascínio que emanava das velhas paredes envolvia-o de tal maneira que não tinha coragem de se libertar daquele encanto. Parecia-lhe mesmo, que se batesse à porta fantasmas conhecidos viriam abrir.

Lá longe, quando sentia o coração magoado, a lembrança da casa onde crescera, vinha até ele e, ao lembrar-se dela, pare-

cia-lhe estar sentindo o perfume doce da glicínia em flor parecia-lhe escutar o arru-lhar de pombos no telhado da varanda, parecia-lhe sentir, viva, no rosto, aquela aragem vinda através dos pinhais.

Recordava-se da velha casa e só de recordá-la sentia-se um pouco reanimado para enfrentar os dias venezuelanos que lhe haviam dado, tarde de mais, um pouco de dinheiro. Um pouco de dinheiro, mais nada.

«Quem viverá, agora, aqui?» interrogou-se de novo.

A brisa começou a soprar brandamente e os ramos da glicínia bateram mansamente na janela fechada.

«Como dantes...» pensou. Deixou-se ficar por mais um tempo absorto, em frente à casa de granito caiado.

A porta abriu-se de mansinho e uma mulher de meia idade apareceu nela, embrulhada num xaile que esvoaçava como asa de pardal. Desceu as escadas e desapareceu para o lado das trazeiras. Levava na mão uma cesta coberta com um pano, uma cesta igual à que a Avó trazia sempre que os vinha visitar.

Subitamente teve a impressão de que tudo continuava igual, e que aquele instante era a continuação de dias passados; o prin-

cípio da noite, a hora em que a Avó descia a escada levando na cesta algum mimo que a mãe sempre preparava para ela...

Parecia-lhe, de repente, que uma luz benfazeja derramava um suave calor sobre as trevas que teimavam em envolver a casa. Para lá da porta entreaberta, um feixe de luz deixava adivinhar um ambiente familiar acolhedor. «Talvez acendessem a lareira, como dantes...» Fechou os olhos por instantes e, durante esse espaço de tempo, viu o lume brincando na lareira, as chamas atirando reflexos avermelhados contra as predes escuras, as sombras bailando por toda a cozinha.

Encolheu-se, friorento, e aconchegou a gola do sobretudo. O vento soprou com força, subitamente, arrebatando um pedaço de jornal que ficou a esvoaçar no ar, como a asa dum grande pássaro ferido.

Lá longe no alto, estrelas cintilavam já claras e finas. Não tardaria que o luar, sereno, banhasse a casa como dantes.

A mulher voltou de novo. Olhou-o do alto da escada, interrogativamente e desapareceu no interior. Inquieta, assomou, daí a pouco, à janela, olhando-o desconfiada.

Não a reconheceu. Se era dali, da terra, devia ser ainda nova quando ele partiu, dife-

rente, portanto, daquele rosto enrugado que o fitava pouco cordialmente.

Desapareceu, por momentos da janela. Daí a pouco abriu-se a porta e um homem assomou, com ar inquiridor. Era um homem mais ou menos da sua idade. «Talvez tivessem andado juntos na escola...» Endireitou-se penosamente, fitando, por sua vez, o homem que continuava imóvel no alto das escadas. «Se lhe pudesse falar...» Mas ele, olhando-o intrigado e hostil, fê-lo desanimar.

Olhou de novo, as glicínias, que baloiçavam, a luz que emanava da porta entreaberta e, depois, o vulto imóvel no alto da escadaria. Lentamente começou a caminhar ao longo da rua.

Meteu por uma ruela sem iluminação, desaparecendo nas trevas. Atraz dele, a rua ficou, de novo, deserta e silenciosa. O homem no alto das escadas, prescutou a noite, atento às sombras e aos sons. Mas apenas uns passos arrastados se ficaram ouvindo por algum tempo ainda, sobre o chão duro e antigo da calçada.

RAÍNHA DE NADA

Os olhos sonhadores de Maria do Sameiro não viam o céu acinzentado, carregado de neblina, que se estendia por cima da sua cabeça, mas um outro muito azul de que Mário lhe falava, rodeando-lhe os ombros com o braço.

Naquela tarde de Domingo haviam passeado ao acaso, pelo Jardim das Plantas, admirando as rosas e as dalias, depois tinham divagado ao longo do Sena e agora estavam sentados em St. Germain num banco à beira do passeio, em silêncio como se uma estranha timidez os impedisse de falar.

Maria do Sameiro, imóvel, ia-se alheando cada vez mais da paisagem de casas e veículos que a rodeava e que jamais conseguiria amar.

O braço continuava a rodear-lhe os ombros e ela deixava-se envolver pelo calor suave que emanava dele, ao mesmo tempo que leves arrepios a percorriam numa espécie de embriaguez como se fugisse para longe de si própria.

Por momentos fechou os olhos e, durante esses segundos viu-se nos campos verdes de que a Mãe sempre lhe falara tal como Mário jamais deixara de falar desde aquele dia (fora no casamento dum compatriota) em que se conheceram.

Mário acentuou a pressão do braço:

— O Pai voltou a escrever. Está para lá só com o pessoal. Deseja que nos «arrumemos» depressa...

— Mas eu não tenho tudo preparado...

— Nem precisas! A casa tem tudo. Vais ser a nossa rainha!...

Maria do Sameiro sorriu. Desde pequenina que vivia longe do Minho. Primeiro em Lisboa para onde o espírito irrequieto do Pai os arrastara a todos. Depois, anos mais tarde, Paris.

Jamais a Mãe se adaptara à vida citadina, e jamais deixara de falar na terra natal, onde, segundo ela, tudo era fácil, alegre, puro.

Para a Mãe, tal como para Mário, a paisagem minhota tinha um encanto indefinido que lhe enchia a alma da nostalgia dos campos verdes que se vira forçada a abandonar. Jamais aceitara as ruas citadinas, barulhentas e tristes, as casas juntas, devassadas

pelos olhares dos vizinhos, a promiscuidade em que fora obrigada a viver.

Nas conversas de Mário, tal como nas da Mãe, surgiam sempre os campos verdes, as árvores rebentando em folhas, as cearas ondulando brandamente, numa alegria para os olhos.

Por isso esperava com ansiedade que as semanas passassem e ela pudesse, finalmente, deixar o quarto bafiento que compartilhava com mais duas da sua condição, deixar finalmente aquela cidade de dias enevoados, frios, deprimentes, que lhe tiravam a vontade de rir, deixar de esfregar soalhos, de ter de dizer constantemente — Oui, Madame. Oui Mademoiselle. Oui, Oui, Oui...

Em breve se ajoelharia diante do altar para unir o seu destino ao de Mário. Para sempre. Depois seria a viagem de comboio, a paisagem a modificar-se sucessivamente, e, finalmente, a terra de que Mário e a Mãe tanto lhe falavam. Imaginava a casa de granito, caiada, as janelas de guilhotina, cheias de sol, e onde cortinas leves oscilariam à brisa da tarde. Ao lado da casa lá estaria a nogueira ramalhuda de que tanto Mário falava.

«Hás-de ser nossa rainha...» Dizia-lhe Mário e ela ficava com a frase a cantar-lhe nos ouvidos, dias inteiros, quando sem se verem, cada qual labutava o mais que podia para amealhar uns francos mais. Em breve teriam uma vida a dois, lado a lado, dia e noite, na velha casa de granito, na quinta um pouco abandonada que esperava pela juventude de ambos.

— Podemos casar, talvez lá para meados do mês que vem... disse de repente.

Ele olhou-a com olhar brilhante e apertou-a mais de encontro a si. Ela deixou-se ficar encolhida nos braços dele.

Desde que o encontrara os seus dias iluminaram-se duma luz que até então jamais havia encontrado.



Chovia. Uma chuva trémula, caía enviesada, enquanto o vento sacudia por vezes as árvores levando para longe, juntamente com as folhas já douradas pelo Outono, pequenos ramos ainda verdes.

Chegara na véspera pela mão de Mário, sentindo-se como se caminhasse em sonhos. Percebia, como se tudo não passasse dum sonho vago, que aquela cerimónia nupcial

em que ela fôra a figura principal, a separava para sempre de toda a sua vida passada.

Seria, a partir de agora, a esposa sagrada e santificada pelo casamento. Seria uma rainha como Mário lhe dissera um dia. Uma rainha!

Olhou comovida em redor de si. A casa sem graça, mal cuidada, esperava pelo seu entusiasmo, pelo seu amor para se transformar num lar acolhedor, alegre.

A criada veio chamá-los para o almoço. Pusera a mesa na sala grande e afadiga-se por agradar à sua nova patroa. Servia naquela casa desde que a Mãe de Mário adoecera. Fôra, desde então, a dona da cozinha, embora gostasse igualmente dos trabalhos ao ar livre. Habituar-se e não tinha pressa de ceder os seus domínios à nova patroa nem ninguém a forçava a isso numa época em que os trabalhos agrícolas eram escassos.

Maria do Sameiro sentou-se à mesa, em frente do sogro, um pouco intimidado com o seu ar demasiado senhoril.



Agora que a chuva passara de vez, Maria do Sameiro caminhava saltitando pelas pe-

dras, desviando-se das pequenas covas produzidas pelas pegadas dos bois e agora cheias de água lamacenta.

O seu olhar deslumbrado bebia o céu azul a paisagem ainda verde que se espraiava em seu redor. Nem sequer via a lama que atape-tava os caminhos. Apenas o céu reflectido nas poças de água lhe chamava a atenção. O marido parou por momentos a examinar uma velha macieira e ela sentou-se no muro olhando os campos que se desdobravam a seus pés. Em seu redor pairava um silêncio quase místico que lhe deixava a alma suspensa e inebriada duma paz suave e indefinida.

Uma leve aragem acordou, de repente, a água tranquila da presa, fez estremecer as folhas prateadas das mimosas e as hastes frias sacudidas pela aragem, pareciam saudá-la alegremente.

Lá longe, as cristas dos montes continuavam embrulhadas no cinzento de pequenas núvens pesadas como pedaços de sombra, a esbaterem-se em manchas mais claras à medida que se afastavam da linha do horizonte e se aproximavam do pedaço do céu que cobria a terra que agora era sua.

Em silêncio desceram o carreiro.

Não ousavam falar mas as mãos encontravam-se e acariciavam-se instintivamente ao sabor do andar como se não pudessem quebrar o encanto daquela hora. Pararam no socalco sobranceiro aos prados. Junto ao ribeiro, os ramos das árvores, com um resto de folhas queimadas pelo sol de estio, tinham tomado tons escuros. Lá longe, as muralhas dos pinhais continuavam intactas, altivas e poderosas.

Olhos perdidos no longe, mudos, deixaram-se ficar, por largo tempo, imóveis, como se cada um deles quizesse gravar na memória, para sempre, aquela hora início duma nova vida.



O verão de S. Martinho vogava dourado e tépido.

Os choupos apresentavam tons de ouro pálido erguendo-se esguios e enormes, acima dos campos cobertos de restolho. Bois pastavam pachorrentos abaixando o focinho negro de ventas inquiridoras, em busca de restos de erva, enquanto a brisa agitava ligeiramente os pequenos tufo de pelo alaranjado, entre os chifres enormes. Pastavam com o ruído compassado dos seus

dentes arrancando a erva o que divertia Maria do Sameiro.

Percorria o campo, levando a haste de mimosa ao ombro, tal como vira as mulheres da aldeia levarem as enxadas e ria divertida no encalço dos bois, sem medo deles, como se toda a vida tivesse convivido com eles.

Mário observava-a enternecido, enquanto podava uma árvore. Chamou-a alegremente:

— Sameiro!

A rapariga correu pressurosa.

Ele passou-lhe um braço pela cintura, atraindo-a a si com ternura. Sentaram-se na relva, junto do socalço:

— Que dia lindo...

— Tudo isto é lindo... — disse com voz sonhadora. — Faz hoje oito dias que nos casámos... Como o tempo voa...

— Como o tempo voa...

Fitaram-se demoradamente, enquanto os olhos de ambos riam cheios de promessas.

Algures, numa árvore, um melro começou a assobiar maliciosamente, cada vez com mais força, mas eles não ouviam nada a não ser as palavras que trocavam, deslumbrados.

Na sua frente, a paisagem estendia-se colorida e luminosa e o sol parecia tornar-se em cada minuto cada vez mais quente e acolhedor.



O Outono, agora, estava no fim.

Os preparativos das sementeiras do centeio traziam toda a gente atarefada. Mário tinha-se levantado, de noite, e deixara-a ficar no leito, meia adormecida.

Embora já estivesse ali há algum tempo mal tomara contacto com a administração da casa. As suas tarefas tinham-se resumido a ir com o marido para os campos, apascentar o gado enquanto ele, ali perto, podava. Ia na sua companhia a Braga, Barcelos ou mesmo até ao Porto, quando ele ali tinha de se deslocar em várias diligências para transformar a quinta, modernizá-la, torná-la produtiva.

Tratava com desvelo das roupas e dos aposentos que ambos ocupavam — uma alcova comunicando com a sala grande, a melhor alcova da casa, que ela própria tinha pintado e enchido de flores silvestres já que doutras não havia (a criada não perdia tempo a jardinar e o sogro muito menos).

A alcova, a sala e a varanda ocupavam-na constantemente. As escadas tinham já vasos de plantas, na varanda havia aven- cas e begónias e na sala cortinas brancas adejavam nas janelas enquanto que velhos móveis, encerados, reluziam como novos.

A Mariana continuava a ocupar-se da cozinha e o sogro tratava-a com delicadeza embora por vezes, olhasse com frieza os seus modos senhoris, o empenho em alin- dar a casa, o tempo perdido em tarefas que ele julgava secundárias.

Chegara a falar com o filho fazendo-lhe ver a necessidade de Maria do Sameiro se embrenhar em todos os serviços da casa, como fizera a sua falecida esposa, como haviam feito, desde pequenas, as duas filhas agora a viverem longe. Porém esbarrara com a oposição do filho:

— Deixe-a descansar, Pai. Não vê como ela tem melhorado? Como tem ganhado co- res? Quando o serviço apertar, ela agarra- -se ao trabalho, descanse!

O velho calou-se, embora no íntimo não concordasse com o rapaz. A sua falecida fora uma moira de trabalho, ali, desde a primeira semana. Esta, era muito «afidal- gada» e o dinheiro deles não dava para gran-

des fidalguias. Todo ele ia ser pouco para aquilo que o rapaz trazia em mente.

•

Maria do Sameiro abriu a janela da varanda, mas logo a fechou. No ar sentia-se um forte cheiro a estrume, vindo do eirado.

Parou por momentos, a olhar por detrás dos vidros, Mário e duas jornaleiras que empunhando forquilhas e ancinhos carregavam o atrelado do tractor, com estrume que fumegava espalhando um cheiro adocicado.

Ele estava horivelmente sujo, com as calças arregaçadas e os pés enfiados em grossos tamancos. Tinha os cabelos caídos para a testa suada. Mal deu por Maria do Sameiro quando ela passou para o tanque sobrasando o cesto da roupa suja.

Enquanto lavava ouvia a voz dele, depois o ruído do motor em direcção ao campo do Ribeiro e de novo o regresso para receber novo carregamento.

«Não tinham trocada uma palavra sequer, em toda a manhã...» pensou de repente, quando Mariana a veio chamar para o almoço.

Mário labutava ainda e mal o atrelado ficou cheio, espetou a forquilha com força

no chão, enxugou a testa com as costas da mão, assoou-se e, em passos pesados, dirigiu-se para a gamela cheia de água tépida que Maria do Sameiro se apressou a trazer-lhe. Enquanto ele lavava as mãos perguntou a medo:

— Mário, tens de ser tu a carregar o estrume?

Ele ergueu o olhar, surpreendido:

— Pois!... Quem havia de ser? Isto é trabalho de homem e não há pessoal, bem sabes...

Entrou na cozinha.

— Não mudas, ao menos, de camisa? — perguntou com voz hesitante.

— Para quê? Tenho de continuar o serviço...

As jornaleiras vieram, também, sentar-se à mesa, um pouco intimidadas com a presença de Maria do Sameiro.

Mariana andava açodada dum lado para o outro. Também ela andara no campo e viera, de corrida, fazer o almoço. Ajudada por Maria do Sameiro, colocou as tijelas de caldo, onde boiavam nacos de toucinho, sobre a mesa e um grande prato de barro de Barcelos cheio de batatas cozidas com a pele, que pacientemente, cada um começou a tirar

antes de as molhar num pires coberto de azeite e vinagre e de as levar à boca.

Maria do Sameiro, olhou o marido mas este estava entretido a descascar batatas e a comê-las como se fossem o melhor manjar do mundo, enquanto conversava com o pai sobre a sementeira de trevo.

Desconcertada, ocupou, também o seu lugar à mesa. Com o garfo de ferro espetou uma batata escaldante e tentou tirar-lhe a pele, soprando para arrefecer.

Olhou os outros que se sentavam ao redor da mesa. Montes de peles amontoavam-se já ao lado de cada malga de caldo, sobre a mesa coberta apenas no centro por um guardanapo de estopa, que protegia a boroa.

Maria do Sameiro mal conseguira comer. As batatas enrolavam-se-lhe na boca. Olhou o marido que, nesse momento, levava aos lábios o copo por onde outros tinham bebido como se isso fosse a coisa mais natural e, de repente, percebeu que eram estes os verdadeiros usos da casa e tudo o que até aí se fizera fôra por sua causa.

O sogro, acabado o caldo, recostou-se no espaldar do banco:

— Mariana! Quando acabares de comer, vens para o campo do Ribeiro, com a gente.

A Patroa trata dos animais e de arrumar tudo isto!

Surpreendida, Maria do Sameiro ergueu o olhar para o marido mas este remexendo a malga, sem erguer o olhar, parecia nada ter ouvido. Percebeu que ele estava contrafeito e corara ante a atitude do Pai, que, decerto, já esperava.

Desorientada, olhou em seu redor e pareceu adivinhar no rosto das jornaleiras um pouco de ironia, talvez mesmo um sorriso escarninho. Levantou-se. Fazendo um esforço para se dominar, começou a arrumar tal como vira Mariana fazer um sem número de vezes.

Começou por pôr um pouco de ordem na cozinha agora deserta. Através da janela viu o marido ligar o tractor, pô-lo em marcha e desaparecer para lá do portal, a levar mais um carregamento de estrume para o campo.

Começou a lavar a louça. Breve a água do alguidar ficou desagradavelmente gordurosa. Despejou-a no balde de madeira, onde se fazia a vianda para os porcos. Encheu de novo o alguidar, passou as tijelas por água limpa e começou a esfregar os garfos de ferro escuros e fanados.

Enxaguou os potes de ferro, de três pernas, lutando contra uma espécie de cansaço que a invadia. Tinha as mãos enferruscadas, assim como o pequeno avental claro. Falta-lhe, ainda, varrer a lareira, depois o soalho e, ainda preparar a lavadura para os porcos que no quinteiro gritavam com fome. Teria, ainda, de dar de comer aos coelhos, às galinhas e ao cão.

Subitamente, deixou-se cair sobre um banco, enquanto as mãos lhe tombavam ao longo do corpo como se fossem de chumbo.



A nogueira ostentava já contra o céu azul, macios rebentos claros e as macieiras em flor lembravam raparigas de vestidos brancos, no dia da sua primeira comunhão.

Maria do Sameiro trabalhava, agora, intensamente. A primavera crescia e os trabalhos não podiam esperar. Eram as sementeiras do milho, a sulfatagem das videiras, a plantação das batatas, a horta e, acima de tudo, a vacaria que Mário acabara de montar, radiante, ante o olhar complacente do pai que, tal como lhe prometera, fizera partilhas e favorecera-o tanto quanto a lei permitira, já que todos os irmãos tinham abalado sem querer saber do velho e das terras.

Ela por um lado e Mariana por outro, repartiam-se pela cozinha, pelos estábulos, por mil tarefas que os trabalhos agrícolas exigiam a todo o momento.

As rolas e a pardalada cantavam pelas ramarias enquanto os caminhos se atapetavam de margaridas e violetas bravas, de pompílios e quaresmas, mas Maria do Sameiro mal tinha tempo para reparar nos campos que ganhavam cor.

Já nem se encostava à janela, como a princípio gostava de fazer, desfrutando a paisagem de campos e casas estendendo-se até à orla dos pinhais — paisagem simultaneamente doce e bravia.

Naquela manhã levantara-se penosamente, mal o sol rompera. Agora que a gravidez se acentuava de dia para dia, sentia-se cada vez mais cansada. Mário recomendara-lhe que se deixasse ficar um pouco mais mas ela, logo que Mário saíra, levantara-se receosa de que se rissem dela e de novo lhe chamassem «emplastro...» e «chò-quinha...» como, por acaso, ouvira as jornaleiras troçarem dela e das suas «didalguices».

Elas também engravidavam, também por certo se sentiriam adoentadas, mas nem por isso deixavam de se levantar de madrugada de labutar nas terras delas e dos outros de criar filhos atrás de filhos, de girar constantemente, como dobadoiras.

Como desejaria ficar ainda um pouco mais a descansar no silêncio do dia que despontava, a cabeça pousada no braço musculoso de Mário, ficar assim junto dele, no silêncio, até que o canto da pardalada enchesse o ar e lhe anunciasse alegremente que o sol despontara, mas os trabalhos da quinta eram intensos e ele tinha de se levantar cedo, assim como ela, a cargo de quem estava, agora, preparar todas as refeições.

Enquanto se vestia já não olhava através da janela de que tanto gostava. Para ela não passava, agora, duma simples janela de guilhotina onde as cortinas amarelavam sem que ela tivesse tempo para as lavar.

As lágrimas assomaram-lhe aos olhos. Agora qualquer coisa a fazia chorar e ela lutava desesperadamente por esconder de todas essas lágrimas. Ajeitou os cabelos com as mãos maltratadas e escuras, mesmo sem se ver ao espelho que estava pendurado sobre a cómoda. Sentia-se dorida, amarga. A casa com as suas paredes de granito já

não a emocionava e os móveis pareciam-lhe toscos, sem beleza.

Dirigiu-se para a cozinha e debruçou-se sobre o fogo que a criada já tinha acendido. Do terreiro vinha o som de tamancos arrastados e a voz do marido distribuindo tarefas. Até o sogro, apesar do reumatismo, vinha já descendo as escadas, tossicando.

Maria do Sameiro limpou os olhos que o fumo fazia arder, endireitou-se e pegou no balde de madeira que continha a lavadura para os suínos.

O coração batia-lhe no peito como uma ave cansada e perdida e as lágrimas de novo assomaram aos olhos e correram ao longo do rosto fatigado. Sentia-se uma pobre mulher franzina, cansada, de olhos dolorosos no pequeno rosto torturado. A voz de Delaide da Torre veio até ela chamando por Mariana. Compôs uma espécie de sorriso para que ela e as outras mulheres não lhe notassem a expressão dolorida. Limpou o rosto com o avental e começou a caminhar dramaticamente em direcção às cortes onde os porcos esperavam grunhindo.

Mário viu que ela levantava o balde com dificuldade e esboçou um gesto para a ajudar. Porém viu um lampejo de ironia nos olhos das jornaleiras e deixou-se ficar imó-

vel. Aguardou que ela estivesse sozinha na cozinha, para ir junto dela, poder acarinhá-la às escondidas, dizer-lhe algo que a fizesse sorrir. Aproximou-se, sorrateiro, mas ao ver-lhe mais uma vez, as lágrimas, perguntou com impaciência mal contida:

— Mas que tens tu, afinal?

Maria do Sameiro voltou-se lentamente, olhando-o de frente. Porém, viu-lhe o olhar subitamente arrependido da impaciência de há pouco, um olhar de quem pede perdão e não teve coragem de dizer mais nada. Tentou sorrir e respondeu simplesmente:

— Nada! Não tenho nada...

— Mas...

— Ora! É do fumo...

SOL POENTE

No jardim abandonado sobre o lago agora seco, um menino mutilado segura com a mão direita os calções. O menino perdeu já os dedos da outra mão e tem as orelhas corroídas bem como o nariz. Mutilado, descolorido, esmurrado, o menino está triste. Triste e só.

No jardim, além dos redodendros e da japoneira branca, que teimam em florir, há ainda umas bela-donas e dalias degeneradas que, igualmente, teimam em florir timidamente nos canteiros meio destruídos e pelo muro arruinado uma glícinia enrosca-se até ao portão sem pintura, corroído pela ferrugem.

Para lá do jardim, ergue-se a casa amarelada, grande, imponente e velha e, por detrás da casa o engenho de ferro tocado a vento, que tirava água do poço e teima em sobreviver à casa envelhecida, esta casa construída há um século por esse opulento

senhor que foi o Senhor Albininho Brasileiro, que aqui viveu com a sua jovem esposa e os filhos e que daqui comandava um regimento de criados e jornaleiros.

Bisavô Albino, o fundador da Casa Amarelada, casa com a sua escadaria de granito e o jardim onde Bisavó Elisa nas tardes calmosas se sentava com as meninas neste caramanchão que, agora, é apenas um esqueleto de ferro retorcido pela força de antigas glícínias.

Olho a Casa Amarela, uma mansão rectangular cujo telhado de quatro águas se apoia nas paredes mestras pintadas de amarelo, rasgadas pela esquadria de muitas janelas e sacadas viradas aos quatro pontos cardiais. A grande chaminé está um pouco inclinada pelos vendavais e as janelas do mirante estão desconjuntadas e sem vidros.

Olho a casa grande plantada na encosta suave cujo lirismo duma paisagem mimosa e tranquila feita de verde, de água, de sol, continua, à primeira vista, imutável.

Nesta casa grande reinava até há pouco uma cabeça branca, a cabeça de Tia Zézinha. Mas há meses o portão gradeado, de ferro, fechou-se sobre o cortejo fúnebre de

Tia Zèzinha e tudo o que físico restava dela desapareceu lá em baixo na curva do caminho.

Agora, o tempo lançará a poeira do esquecimento sobre o rasto que a Tia Zèzinha deixou atrás de si e a Casa Amarela não lhe sobreviverá. Ninguém se oporá, a que, em breve, seja vendida, modificada, maltratada.

Já aconteceu o mesmo à casa do «Brasileiro» das Fontainhas, comprada pelo Cunha da Fábrica dos Botões que da casa grande fez duas — Duas escadas exteriores, duas chaminés, uma em cada extremidade, dois portões modernos nos muros encimados por gradeamento de cimento moldado. Nas janelas, a protegê-las, pôs persianas de plástico e o telhado já não é achalêsado como dantes.

Já não existe o pequeno lago nem a gruta artificial, nem, possivelmente, as paredes de escaiola, lá dentro, e os tectos de gesso moldado artisticamente.

Ninguém se admira e muito menos lamenta que a casa imponente tenha sido mutilada, transformada, maltratada. Já acontecera o mesmo à casa do «Brasileiro» de Vermoso, à da Murta, à da Feitosa. Só não

aconteceu à do Fregial porque um incêndio se encarregou de a destruir completamente.

E a esta, o que lhe acontecerá?

Subo a escadaria ornamentada por artística grade de ferro. Transponho a porta, atravesso a saleta, e entro na sala de visitas. O grande espelho está manchado de humidade, as poucas cadeiras que ainda restam estão desconjuntadas, sem sombra de verniz. O sofá de palhinha está roto e o piano, desafinado e velho, tem o teclado de marfim todo fanado.

Nas paredes ainda forradas de papel sobressai, aqui e além, uma mancha rectangular denunciando que um quadro ou uma fotografia esteve ali pendurado durante muito tempo. No tecto rectangular de gesso, pelos cantos e no centro, encaixadas numa elipse, uma profusão de flores exóticas igualmente moldadas em gesso.

As paredes do corredor são ainda as mesmas de escaiola, imitando os veios de mármore, tal como noutros tempos era pintado nos palácios italianos, moda que, segundo li algures, foi adoptada entusiasmaticamente por mestres de obras, nos fins do século passado num surto de fantasia e exibicionismo.

Nas almofadas das portas, arabescos castanhos, pintados sobre almofadas beje sugerem madeiras de veios estranhos. Abunda em toda a casa a elegância própria do início do século, mas tudo se dissolve já.

Entro no quarto da Avó. Olho em meu redor com atenção. Os mesmos móveis encostam-se às paredes cobertas de papel roto e desbotado. No tecto alto, duas rodas de estuque caído, redondas como dois grandes olhos, ameaçam o toucador em que a Avó tinha tanto orgulho.

Percorro outras dependências da velha casa onde, ao longo de quatro gerações, a vida se foi escoando lentamente.

O último dono a viver foi a Tia Zèzinha. Morreu sem testamento e logo a casa ficou destinada a ser dividida por dez sobrinhos, bisnetos de Ser' Albininho Brasileiro que não se preocupam com a memória desse velho Bisavô que nada sabem dele a não ser que ele era um homem rico, poderoso, que era mais velho que a esposa, quase trinta anos, que dela teve cinco ou seis filhos. Sabem isso e pouco mais.

Bisavô Albino, o Senhor Albininho Brasileiro, com os seus brilhantes, a sua rotundidade, os seus bigodes frisados, a sua in-

fluência política nos tempos agitados da monarquia moribunda, continua a dominar a casa do alto do seu retrato que ainda está no mesmo sítio onde Bisavó Elisa o pendurou.

De lá, olha-nos a todos com o mesmo ar seguro, sobranceiro, levemente ameaçador com que há setenta ou oitenta anos, ou talvez mais, olhava bisavó Elisa, a avó Margarida e as Tias. Essas tias que me olham muito sérias, muito compenetradas, muito dignas, muito espartilhadas, vergadas ao peso de penteados imponentes e mangas mais imponentes ainda.

Fecho o album e percorro a casa, divisão por divisão. A Casa Amarela está a tornar-se uma ruína. Agora o reboco, uma vez que a casa está quase sempre fechada, vai caindo mais a miudo, cria vãos onde os ratos e as centopeias fazem ninho.

Nesta casa onde os poucos móveis que restam estão condenados a desaparecer, neste ambiente da ruína progressiva, pouco resta do antigo esplendor.

A Casa Amarela erguida durante quase 100 anos, poderosa, ativa, opulenta, mesmo quando dentro dela a opulência nada era

já, comparada com os tempos do Bisavô Albino, conserva ainda uns restos de dignidade, apesar do seu ar moribundo.

Abro uma janela e debruço-me sobre o largo vale, Toda a terra respira um verde chapeado de sol.

Ao longe, eucaliptos de glandes prateadas alvejam por entre a massa escura dos pinheiros. Até mim vem o assobio agudo e vibrante dum melro e os carriços esvoaçam perto dos sítios onde nesta primavera chocam os ovos sarapintados.

Tenho diante dos meus olhos a paisagem que tanta vez trouxe comigo, esta paisagem onde mal se loriga terra negra, onde tudo está atapetado de verde. Esta terra humosa no seio da qual as raízes das árvores se encontram, se entrelaçam, junto das águas profundas. Estes pompílios, cuja flor amarelada parece querer voar com as borboletas indecisas, estas laranjeiras perfumadas, estas videiras tenras.

Vem até mim o cheiro da lenha queimada do fumo resinoso, o cheiro quente da terra recém-lavrada, o cheiro acre da erva. Cheiros confortáveis e antigos.

Cores, cheiros, sons.

Foi neste ambiente telúrico, nesta terra aberta ao sol, ao vento, à geada, que a Tia Zèzinha nasceu e cresceu, envolta no lirismo desta paisagem mimosa e tranquila.

Tia Zèzinha nasceu nesta terra minhota, nesta terra de danças saltitantes como a água dos regatos. Nasceu no Minho mas nunca dançou o Vira nem o Malhão, nem namorou em dias de romaria, por entre risadas e beliscões atrevidos.

Nasceu Senhora. Como as Senhoras da Vila. Senhora «fidalga» dona de mãos finas e nervosas que nunca segaram erva, nem acariciaram o dorso gordurento dos bois pachorrentos. Mãos que nunca lavaram no Rio Cávado nem colheram braçadas de pendões perfumados do milho verde, nem mon-daram as ervas dos alfobres de cebolo.

Tia Zèzinha nasceu Senhora. Senhora da Casa Amarela, senhora de mãos brancas, de gestos delicados. Tia Zèzinha de olhos sonhadores no retrato que tirou há sessenta anos e me olha da parede fronteira à janela a que me encosto. Tia Zèzinha, menina de olhos doces, Tia Zèzinha vivendo só na casa grande com as suas velhas lembranças, o seu velho orgulho, as suas velhas devoções. Nada mais.

Tia Zèzinha misantropa, azeda, introvertida. Tia Zèzinha, a tia solteirona de dez sobrinhos que raramente a procuravam e mais raramente ainda obtinham dela uma palavra carinhosa, um gesto de ternura, um sorriso.

Tia Zèzinha que nasceu ainda no tempo esplendoroso da Casa Amarela, nos tempos em que, pelos terreiros, pela cozinha, por várias dependências, se movia uma legião de criados e jornaleiros e que morreu sòzinha quando, praticamente, não havia já ninguém para a servir, a não ser a velha Joaquina.

Tia Zèzinha de ano para ano mais só, mais pobre, mais azeda, menos compreendida.

Agora que ela morreu o mesmo acontecerá a esta velha casa. Não tardará muito.

«Vida boa esta aqui, para quem não tiver de viver do grangeiro da terra. Vida boa...» diz primo António.

«Vida boa...» Mas quem quer, realmente, esta vida boa?

Quem quer esta vida calma, silenciosa, pura, em vez da vida agitada, frenética, escravizante, dos dias cada vez mais agitados, da cidade? Quem troca o ar poluído, baru-

lhento, denso, da sua cidade por este ar vivificador, transparente?

Quem troca o seu apartamento acanhado por este casarão aberto ao sol, ao ar purificado pelos pinheiros? Quem deseja esta casa para viver?

Ninguém. Ninguém vai retê-la para si. Ninguém deseja viver neste casarão de quinze divisões poeirentas e arruinadas. Nenhum sobrinho deseja trocar os dias agitados, devastadores da cidade pelos dias bocejantes desta calma telúrica, que envolve a Casa Amarela.

E eu? Eu quero esquecer apenas. Esquecer as férias, aqui passadas, os tempos em que o Outono trazia até mim uma saudade indefenida, uma melancolia no meu sentir de adolescente.

Esquecer o tempo em que as folhas de vide tomavam um tom doirado e vermelho, da adega vinha o trovejar dos pipos rolando no cimento, e o cheiro do mosto enchia toda a casa, entontecendo.

Quero esquecer os outonos, afastar de mim imagens que sempre teimaram em me perseguir.

Daqui, desta janela, vejo o sol baixar, aproximar-se cada vez mais da linha do horizonte. Velha Joaquina atravessa o terreiro

lentamente. Ela e os pardais são os únicos seres vivos que agora se movem frente à entrada da grande cozinha. Do lado oposto vem até mim o som da água da bica, caindo no tanque, um som aveludado, discreto, que suavemente, se dilui neste entardecer cheio das diabruras da pardalada.

Fecho a janela, e venho sentar-me na escadaria de granito. Apoio os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos curvadas. Olho distraidamente o jardim abandonado, o menino triste, sòzinho, no meio do lago seco. Calaram-se os velhos sons. Todos os gestos antigos morreram.

O sol mergulhou já na linha do horizonte. É o momento em que, tal como dantes o abraço das sombras e da luz que resta do sol se irmanam, se entrelaçam e misturam, lutam, para, num triunfo, ser a noite a encher a pouco e pouco, tudo de sombras.

Calaram-se os velhos sons. Porém o poente é igual ao dos tempos da minha adolescência. Só que já não acorda em mim a mesma saudade indefinida, igual melancolia. Até isso findou.

Levanto-me penosamente. Junto do portão o meu pequeno Fiat espera-me. Caminho devagar, para a saída.

Inconscientemente, vou-me apercebendo de que a alma da casa sofreu um desgaste, um atrito a que não poderá resistir. Nem ela nem as imagens que sempre trouxe comigo.

Antes de transpor o portão volto-me e fico a olhá-la no contra luz, sabendo que nunca mais cá voltarei para ver esta velha casa. Este casarão mudo e vazio.

Nunca mais a quero ver.

O SEU FILHO ZÉ

O carro surgiu de repente na curva deixando atrás de si um leve rasto que se dissipava por entre as árvores que ladeavam a estrada. Depois, voltou à esquerda, tomou o caminho, suficientemente largo para o deixar passar e ficou-se finalmente junto da cancela, businando alegremente e logo uma janela se abriu pressurosa na velha casa de granito.

Durante trinta segundos a cabeça da mulher que assomara à janela ficou-se imóvel, os olhos brilhantes de emoção no rosto pergaminhado, mas logo vencendo a perturbação abandonou a janela em direcção à porta ao encontro do rapaz que se lançara escada acima e a apertava nos braços quase a asfixiando.

Durante largo tempo permaneceram abraçados sem conseguirem articular uma palavra sequer. Finalmente, libertando-a do abraço, olhou-a de frente sorrindo:

— A Mãe está uma rapariga!

Como se não tivesse compreendido, olhou-o sem falar nem retribuir o sorriso dele. Qualquer coisa se tinha modificado e, de repente, verificou que ele não dissera como dantes — «A sua benção minha Mãe...»

O olhar, de novo poisou nele. Um olhar inquieto, cheio de interrogações. Aquele rapaz que tinha na sua frente, vestido e penteado como ele nunca o vira seria realmente o seu Zé? Tentou sorrir, respondendo às palavras dele duma maneira hesitante, como se não lhe apreendesse totalmente o sentido. Viu-o afastar-se uns passos e ir até à janela, e os seus olhos fixaram-se nos ombros levemente curvados, nas mãos inquietas no jeito de levantar a cabeça, um jeito que lhe desconhecía. Enquanto ele se fixava, por momentos, na paisagem sempre igual, vista daquela janela, deixou que as suas mãos nodosas de camponesa tombassem ao longo do corpo imóveis e abandonadas, ao mesmo tempo que experimentava um aperto no coração.

Excitados e curiosos, ávidos de ouvir mais uma vez a confirmação daquilo que muitos diziam dessas terras longínquas e frias, vizinhos e parentes invadiam já a sala, ruidosamente, carregando as malas dele, e quebrando o mal estar que subitamente os en-

volvera. Afastou-se um pouco deixando que distribuisse abraços por todos.

Dos cinco filhos que tivera, aquele sempre fora o preferido, o mais parecido com ela, diziam. Parecia-lhe vê-lo ainda, agarrar-se-lhe às saias, chamando-a pelo nome na sua vozita balbuciante, a aninhar-se junto dele, como um gatinho.

Mais tarde, continuara parecido com ela nas feições mas não nos sentimentos. A pouco e pouco revelara-se um sonhador para quem os caminhos da vitória e da fortuna estavam sempre para além dos horizontes limitados da sua terra, e, como não podia deixar de ser, um dia partira possuído duma coragem e uma vontade enormes de vencer, e de regressar um dia, como muitos, ostentando orgulhoso, todos os sinais de um viver desafogado, um viver impossível de alcançar ali, na sua aldeia.

Não precisava de forçar a memória para se lembrar daquele rapagão moreno, simples e sadio que, oito anos antes, abalara para longe. Agora, o belo rosto de seu filho, aquele rosto que fora todo o seu orgulho, não era mais que um rosto quase desconhecido, um rosto um tanto devastado, impregnado dum cansaço misto de arrogância e de desdém.

Quando o vira correr para ela, todo o seu ser se alvorocara. Era o seu filho que chegara. Que chegara finalmente. O seu filho por quem não deixara de rezar um dia sequer ao longo daqueles intermináveis oito anos.

Apesar do abraço, achara-o frio, reservado, distante, preocupado, como se lutasse por disfarçar o seu olhar cansado, o olhar de um homem farto de tudo, desiludido e amargo, cínico.

Ouvia em seu redor o ruído da conversa sem tentar compreender o que diziam. Apenas escutava a voz do filho articulando as sílabas duma maneira diferente, duma maneira que a chocava.

Ali estava nesse círculo de amigos, vizinhos e parentes, falando de coisas que não a interessavam, contando aventuras que ela jamais ouvira contar, rindo, um riso falso que lhe apertava o coração.

Olhou-o com mais atenção. Como se não pudesse suportar o peso desse olhar, ele mexeu-se inquieto.

Uma nuvem passou, então, pelo seu olhar de mãe. «Seria possível, na verdade, que ele se tivesse modificado tanto? Aonde estavam os seus gestos simples, o seu riso sadio, o seu olhar transparente, como as águas do ribeiro que, lá em baixo, junto dos prados,

corriam alegremente? Aonde o seu jeito simples de dizer, ao chegar junto dela, como uma saudação — «A sua benção, minha Mãe...»

Uma risada ecoou pela sala, motivada por algo que ele contava e logo reparando no silêncio da mãe, um pouco afastada puxou-a para junto de si, envolvendo-lhe os ombros com o braço. Emanava dele um cheiro que ela desconhecia. Um cheiro que não era da seiva que o vento trazia e que impregava as roupas e a pele, nem era o cheiro da terra, do feno, da erva recém-cortada. Era um cheiro que a fazia retrair-se, que a inquietava que a fazia manter-se rígida sob a pressão do braço dele.

— A minha velhota está bonita, não está?

Todos riram e ela ensaiou, também um sorriso como que se aquelas palavras não a ferissem, não a deixassem perplexa e, ao mesmo tempo, inquieta. «Sa bença Mãe...» — um jeito de riso na boquita rosada, chilrear de pardais nas palavras mal pronunciadas. «Minha mãe, bote-me a sua benção» — o riso claro, simples, no rosto onde a barba engrossava de dia para dia. A voz firme, cheia, uma voz de homem num rosto de homem.

Como tudo isso ia longe!

Aproximou-se da janela. Lá estava, em baixo, o automóvel testemunhando farturas dessas terras estranhas por onde o filho andara. Lá estava, muito azul, reluzente de metais, deslumbrando vizinhos e amigos. Todos. Só ela não se sentia deslumbrada, como não se deslumbrara também com o fato de bom corte, os cabelos bem penteados, as malas pesadas que para ali estavam como que abandonadas.

De repente, levantou o punho cerrado contra o automóvel, amaldiçoando esse carro que brilhava ali em baixo e que, para ela, era um elo ligando o seu filho a esse país longínquo, era o símbolo dessa terra que a privara para sempre do que mais querido tinha sido para si — o seu menino amimado e feliz, o seu rapazinho terno e franco, o seu mocetão por quem rezara todas as noites

O seu filho Zé.

VOUS ÊTES FOU!

- Como foi que ele disse?
— Vous êtes fou...
— Então, com isso, chamou-lhe tolo?
— Chamou...
— O diabo da canalha! Aquilo foram os da Venda, os que andam nos estudos, que ensinaram o mocito pequeno...
— Decerto...
— Não que eu vinha do campo, com o cesto da erva à cabeça e dou com a canalha a fugir e o homem a correr atrás deles com os braços no ar... Até parecia que as vespas o tinham picado... Aquilo era um pregatório mas ó que pregatório! «Reucatrapeu! Reucatrapeu!

Eu vinha muito carregada e não podia parar mas fui pousar o cesto e vim para fora e, então, foi que eu dei lá com o estendal das coisas que ele trouxe para a fonte! Era o espelho, o sabonete, tesoura e toalha e não sei que mais! Um ror de coisas! Disse-me os moços que ele tinha lá estado a fazer a barba e a lavar-se todo. Metia o lombo e a

cabeça debaixo da bica... Parecia um porco no banhadoiro! Encheu para lá a pia toda de cabelo e sabão...

O filho da Joaquina Rosca estava lá com ele e eu perguntei, então, o que é que o cunhado tinha... E foi quando ele me disse que o Quim da Rosalina lhe chamara tolo mas que ele não era tolo nenhum!

Vai então o espantalho do homem vira-se para mim e começa outra vez com pregatório «reucatrapéu... reucatrapéu...» Por acaso a Tia Ana vinha do monte e até parou a ver aquele feitio... O homem até parecia que nos queria comer!

Mas eu já estava a ficar perdida de riso! Ele só com uns calções ou cuecas, ou lá que era, quase em leitão, umas perninhas como este dedo e cheias de lã... A Tia Ana varadinha de todo a ver aquele preparo... Ai eu já não podia mais! E disse para o filho da Joaquina — «Diz ao teu cunhado que o mocito não é meu filho! Não tenho nada com isso... E virei costas e pronto! Se não até arrebentava! Se o Se Daniel via, havia de ser bonito! Então uma vez, a minha Cinda lavou lá umas alfaces e sujou a pia só um niquinho e ele fê-la limpar a pia toda! Bem sei que a fonte não é dele, mas sempre foi ele que armou de a Câmara fazer o fonte-

nário quando ele era o presidente da Junta e sempre é um homem velho e mantém respeito! Ele que visse o «botefu»... Como é que se diz, Linda?

— Vous êtes fou...

— Ou isso. Ele que o visse e havia de ser lindo! Havia de ser lindo! Ai o pai do mocito muito se riu quando soube o que «botefu» queria dizer...

A Ser'Ana estava toda consumida e só me dizia: «O que é que ele nos teria chamado ó Maria? Ele até estava amarelo...»

Ora, o mesmo que chama o Leão a ladrar no eirado! A voz era igualzinha!... Raça de estardalho! Não estive mais foi para o aturar! Que vá lá quilhar os da terra dele!

Mas digo: A sorte dele foi não ter posto a mão na canalha! Se não, carago, ia tudo raso!... Que eu não me importo que qualquer vizinho enxote as moscas ao meus ou a qualquer um, se eles precisarem, que a canalha tem de ser ensinada! Mas agora vir esse cigano por aí adiante querer fazer pouco da gente...

Eu já andava quilhada! Já há dias observei que ele gosta de se rir nas costas da gente e de fazer pouco...

A Se Teresa disse-me que antes de ontem ele estava lá a fazer a barba e a banhar-se e ele bem a viu com o cântaro na mão e não se desviou e ela, claro, não podia estar à espera e veio-se embora sem a água. Havia de ser comigo!

Ela até já avisou a sogra dele que lhe dissesse que aquilo não é banhadoiro nenhum! O espantalho do francês julga que isto é tudo maninho... O meu homem até disse que ele, na terra dele, deve ser um bor-rabotas qualquer ...Se não, não se juntava para essa raça dos Roscas...» E vem para aqui a querer parecer o rei da França!

Chamou-lhe tolo? Foi muito bem chamado. Que se ele não é, faz as vezes... Se já se viu preparo daqueles!... Nem uma camisolinha trazia a tapar o peito...

O meu homem até disse que se o visse o punha de lá para fora com dois pontapés no cu! Não que eu, agora, até tenho nojo de pousar já o cântaro. E cabelos por todos os lados... O estardalho, decerto, julga que está no meio da roça...

Eu bem sei o que é. Ele vem lá do meio dos franceses e vê-nos para aqui a correr, que a gente, nesta maré, mal tem tempo de lavar a cara pela manhã, e julga que somos todos uns pobres de pedir... Julga-se

muito mais que a gente... E se for a ver, de seu, só terá os caminhos abertos para passar...

O meu homem, à noite, muito se riu por causa do dialho do «botefu». Como é, Linda?

— Vous êtes fou...

— Isso mesmo! Ai só oi que a gente se riu... Se ele torna a vir para a fonte naquelles preparos, (já disse!) a gente agarra-lhe pelo cu das calças e acachafunda-o bem acachafundado na poça do meio para ele se banhar à vontade. Acaba-se-lhe o vício do banhadoiro! Vir para ali a encher tudo de cabelo...

— Catixa!

— Catixa! Também digo! Mas a mulher é tão boa como ele. Saiu-se-me a dizer que a gente traz as crianças carregadas de esterco, que mais assim, mais assado... Já se vê! A gente lava-as ao deitar e muda-lhes a roupa quando pode... A minha Cinda até já é ela que se encarrega de lavar os irmãos...

Mas mal se levantam ficam logo da cor da terra. E que admiração! A gente não vai fechar as crianças numa sala todo o dia, só para eles não se sujarem...

E ao mais, eu não tenho nojo da terra. A terra é limpa! Até come a porcaria toda. Olhe, a minha mãe dizia que, dantes, quando

morria alguém tuberculoso enterrava-se a roupa do doente na horta, durante oito dias, e que só depois era toda lavada. E qualquer pessoa a podia vestir que não apanhava doença. A terra é que cria tudo!

— Está bô! Se cria...

— Vou-me embora que as horas passam num instante e o tempo assim não rende...

— Hoje é Domingo!

— Pois é! Mas o gado quer comer na mesma... E a canalha também. E ainda não mudei de roupa... Vou-me que tenho de os acordar para a missa do dia!

— Não tarda a tocar...

— Olhe o gado já me ouviu falar. Já não vai parar de berrar. Lá está a Malhada. E a Cabana, não tarda nada! São umas danadas. Dão muito trabalhinho os bichos. E as terras, então, nem se fala!

— Mas tu não ias deixar as terras?

— O meu homem é que andou com a ideia de irmos morar para o bairro da fábrica dele e que eu podia armar de trabalhar lá também. E levava melhor vida! Mas não me resolvi.

A gente, assim, tem farturinha de tudo em casa. E sabe-se o que se come e o que se bebe... Eu já não me ajeitava a ir comprar uma manada de couves para o caldo,

ou alfaces medradas à custa de água! choca...
Ai mas eu ainda não vos contei esta!

O outro dia eu vinha de tirar o estrume e tinha andado a estrar as cortes das tou-
ras e, claro, quem não ia com a roupa do
Domingo e nem vagar tive de lavar as per-
nas. Ele mais a mulher passaram por mim,
ia eu para o campo à erva, e então diz que
olhou para os meus pés, riu-se para a mu-
lher, e tapou o nariz!

Foi pena eu não ter visto a tempo que
havia de lhe largar dois que ele havia de
tapar o nariz com razão. Já têm visto ele a
fazer pouco quando a gente passa carregada
com os cestos, derreada de trabalhar. Gos-
tam de fazer pouco, gostam!

Eu, ainda o outro dia os vi com as asas
abertas a imitar o andar da filha da Micas
Vendeira. Está bem que ela é grossinha, mas
não é gorda de meter medo! Eu, naquela
maré, chegou-me cá um nervoso que não sei
como não lhe atirei com os socos ao foci-
nho!

E aqui a Linda passou por eles e ele disse
para o cunhado qualquer coisa, lá em fran-
cês, e começaram-se os dois a rir. Era só
atirar-lhes com uma manada de bosta para
o estardalho da cara!

Eu ouvi dizer que eles se vão amanhã embora. Deus queira que sim! Que se não, ainda vão levar daqui que contar! O dialho do «botefou» ou lá que é...

Mas ela, para mim não é melhor! Toda «fedorenta», toda a torcer-se, parece que já se esqueceu do tempo em que andava para aí cheia de piolhos. É Rosca e bonda! Diz que não gosta disto, que quando os pais morrerem não põe cá mais os pés... Até fará falta! Ela e o «botefu...» Ora diz outra vez, Linda, que eu quero aprender bem!

— Vous êtes fou!

— Isso mesmo. Ai só o que a gente se tem rido... Quando tiver outro cão até lhe vou pôr esse nome. Depois, até vai dar gosto chamar. Botefu! Botefu! O estardalho do francês, a julgar que veio para a roça...

Ai só o que a gente se tem rido!...

COMO UMA ÁRVORE

A casa de João Bento fica a norte da aldeia. Quem sobe o caminho do rio logo depara com as construções da velha casa de lavoura, duas vezes centenária (por cima da entrada há uma inscrição MDCCL).

O portal é largo, chapeado, e por detrás dele adivinha-se o eirado coberto de tojo mal curtido, as cortes do gado, os alpendres e, lá mais ao fundo, a porta da cozinha carcomida e velha, tão velha como toda a casa, um edifício grande de cantaria, com janelas viradas para o sul.

No primeiro andar há três salas amplas, duas alcovas, e a varanda soalheira, uma varanda indispensável em todas as casas antigas da aldeia.

O telhado de quatro águas, velho e musgoso, deixa já entrar a chuva por inúmeros pequenos buracos. A cozinha é no rés-do-chão na extremidade da casa que dá para o eirado.

Por cima dela nada, a não ser telha vã. Duas telhas ao alto fazem as vezes de cha-

miné por onde o fumo se escoia difficilmente, nos dias molhados de inverno em que a casa toma o ar do mais completo abandono. Há bolores e musgos por toda a parte que fazem com que a casa vá morrendo à mercê dos tempos invernosos, à mercê dos anos que não param.

Mirrado e baixo, de poucas falas, velho João Bento olha com desconfiança quem dele se acerca. A pele escura e mirrada pelas soalheiras do campo, as faces cavadas, dominadas pelo olhar de raposa velha, os bigodes russos e esverdinados no meio, esfiapados, caindo-lhe aos cantos da boca murcha e desdentada, tornam-no ainda menos sociável.

Trabalha como um animal de carga, apesar dos seus oitenta anos. Guarda todos os tostões. Não tem vícios nem luxos. Jamais calçou sapatos. É um homem sóbrio, seco de falas e de gestos. As suas mãos só sabem tocar a terra, acariciar a terra, explorar a terra.

Mãos secas e mirradas como os seus braços, o seu rosto, o seu peito.

Conta-se que há 30 ou 40 anos nas épocas de maior lida, ia com a mulher e os filhos para o campo, de madrugada, e comiam, apenas boroa e caldo de couves adu-

bado com unto, que a mulher cozinhas, ainda a alvorada vinha longe, e as crianças fartavam-se de cerejas na primavera e de uvas e maçãs pelo S. Miguel. Apenas o que a terra dava. Nada de compras na venda do Semião ou na feira. E roupa, apenas duas andainas, uma para o Domingo, outra para os dias de trabalho. Todo o produto das vendas era para amearhar. Como uma formiga. Ainda hoje, em cada dia que passa, é mais uns escudos que vai depositar no Banco.

Juros, taxas, papeis de crédito, de tudo sabe Velho João Bento: Que ele não é analfabeto. Muito longe disso! Este velho mal vestido, seco, magro, era, aí por 1900 um garoto inteligente, vivo, que iniciava os estudos na Escola de S. Tiago, a única em muitas léguas em redor, onde aprendeu facilmente o ABC e tudo o mais.

Foi criado como todos os da sua condição — a escola, os ninhos, o encargo de apascentar o gado pelas bouças quando nos campos o milho despontava substituindo o azevém.

« — João, vais para os estudos. Vais ser padre como o teu tio. disse o pai, um dia.»

E João Bento foi para o Seminário, vestido de negro, chapéu na cabeça a mala da roupa ao ombro. Também lá aprendeu facilmente o que lhe ensinavam. Só não aprendeu a gostar de viver entre paredes sombrias, enclausurado, longe dos riachos, da parda-lada, da terra humosa.

E dia veio em que ele olhou a vida com maior ansiedade e, sequeiro dos pinhais, dos campos vestidos de verde, dos ribeiros mansos, abandonou o seminário e voltou de novo para o arado, para o convívio dos bois, para o mourejo nos campos do pai.

Mas o Pai não queria na lavoura este filho um pouco franzino e tão esperto para as letras e para as contas. Não o queria sujo de terra, encardido, mal cheiroso e, por isso, João Bento foi para o Brasil, onde permaneceu uma boa dúzia de anos, que ainda hoje ninguém sabe se foram bons ou maus.

Sabe-se apenas que foram doze anos de exílio que terminaram subitamente, quando o pai dele morreu. Se trouxe consigo dinheiro ninguém soube quanto. O que ele não trouxe (ainda há quem se lembre) foi qualquer sotaque brasileiro ou o hábito de trajar

à «brasileiro». Nada. Nada que indicasse ter estado durante anos no país irmão.

No dia seguinte à sua chegada já o viram descalço, de sachola ao ombro, a guiar a água que dessedentava o milho verde. Talvez por isso nunca ninguém lhe chamou «Brasileiro». Mas tudo isso ficou muito longe, no passado.

Dizem que quanto mais velho mais se recorda a infância e a mocidade. Lembrar-se-à velho João Bento das paredes sombrias do seminário que o abrigaram durante quatro anos? Lembrar-se-à do latim, da história, da geografia, do canto coral?

Lembrar-se-á, sobretudo, do Brasil, das noites tropicais, das praias suaves, das mulatas de andar dengoso, do feitiço do sol, da vida, já então trepidante, do Rio de Janeiro?

Velho João Bento já passa dos oitenta anos, mas não mudou muito nos últimos trinta nos. Invariavelmente, anda no campo de sol a sol, os pés metidos em tamancos no verão, em chancas no inverno, as calças tão remendadas que já não se sabe de que pano foram feitas.

Os dias nascem, morrem, mudam-se as estações e as fainas agrícolas mudam também mas a intensidade do trabalho, não.

Por isso ele lá está nos currais, nas bouças, no cimo das escadas de mão, podando as videiras antes da primavera e pelas madrugadas azuis agarrado ao arado puxado por bois amarelados, gigantes, bem tratados.

Quando ele passa pelos caminhos da aldeia para ir à missa e mais raramente à feira a Vila Nova, os outros que não são como ele (já ninguém é como ele na aldeia) riem-se. Riem-se da velha formiga que vive para trabalhar na terra, para enceleirar.

Em S. Tiago já ninguém é como João Bento. Já não são apenas formigas. Todos têm um bocadinho de cigarra. Todos dão os seus passeios, compram carne no talho, aos sábados, vão a Barcelos, Braga, ou Vila Nova de Famalicão, de comboio, e, por vezes alugam carros de praça e dão longos passeios a Fátima, A S. Bento da Porta Aberta, ao Sameiro.

Já ninguém pensa como João Bento em viver para a terra, permanecer na terra, comer apenas o que a terra dá, amar, acima de tudo, a terra. Tudo o que ele amealhou foi a terra que lho deu. A terra que sempre lhe foi fiel que sempre lhe entregou em cada ano aquilo que lhe podia dar.

Foi a terra que lhe deu poder, independência, força, a força que o faz olhar os

outros com indiferença, quase com desprezo. Em silêncio, assiste ao dismantelar de tudo em seu redor, carregando uma solidão individual que aumenta terrivelmente à medida que a comunicação com as outras pessoas lhe é mais difícil.

Olha a aldeia agora mais próspera, mas também mais desordenada, sem o cunho da sua autenticidade. Olha-a e não a aceita. Por isso se isola cada vez mais. Foge de todos. Não lhes perdoa não serem já a gente viva natural, autêntica que trazia consigo a força bravia dos matagais.

Agora a aldeia já não é a da sua infância. Já não escreve com sangue, suor e dor, histórias de valentia, de força, persistência. Já não se rege por sagradas vontades. Furta-se, mesmo, ao seu sentido verdadeiro — o culto da terra. A aldeia já não pulsa. A aldeia morre a pouco e pouco, é o que sente João Bento quando de longe a avista regressando, sempre que vai a Barcelos ou Vila Nova, onde foi depositar mais uns escudos.

Calcula-se que seja o homem mais rico da aldeia e talvez já não seja... Mas, seja como for, o que é certo é que os genros rondam de longe como abutres, sempre que Velho João Bento se demora mais a apa-

recer. Ele ou sua mulher, a velha e tímida companheira há mais de 50 anos.

Os genros e até mesmo os filhos, fazem contas de cabeça e esperam com asiedade (Deus lhe perdoe) o dia em que possam dividir entre eles, todo o pecúlio do velho, amontoado durante mais de meio século.

E a casa? Que será depois da casa? Ninguém quer um casarão velho, de granito, duas vezes centenário. E se acaso algum deles o quiser será para o transformar, mutilar, adulterar. Já ninguém vive hoje, como velho João Bento, que nunca quiz tractor nas suas terras, nem luz eléctrica, nem, muito menos, largar a sua terra para passear por esse Portugal fora.

Já ninguém vive hoje como João Bento que não quer passar nem um dia sequer, longe da terra. Bem lhe bastou, para tormento, os longos anos que viveu longe da terra, obrigado pelo Pai, anos que foram séculos. Desde então nunca mais deixou de dormir sob o seu telhado, uma única noite sequer. Nunca houve um dia em que não sentisse na pele o contacto húmido da terra, essa terra, que nunca foi para ele apenas campos, prados e hortas, mas pedaços da sua alma, da sua vida.

A sua terra é o seu sangue. Se a abandonasse o seu sangue arrefeceria nas veias. Deixaria de correr. Morreria.

O seu corpo deitou raízes à terra. Como uma árvore. Como uma árvore há-de morrer um dia, quando a seiva deixar de subir ao longo das raízes. Por isso, se agora a arrancassem à sua terra, morreria prematuramente. Como uma árvore arrancada. Uma árvore a quem cortassem as raízes. Uma árvore sem seiva.

O CASAMENTO DA RITA

(conto)

É grande a azáfama na aldeia de Fontes.

É grande a azáfama, grande o burburinho na casa pintada de verde e azul. Vai casar a Rita, a Rita Caneca, filha de «franceses» com «francês» também.

Não casam em França, como casam tantas. Casa cá na terra, na terra que é sua, na terra dos Pais. Fez disso questão! Só que a jantarada não é cá em casa como foi na boda da Mãe, na boda das Tias — tudo reunido na casa do Avô quando nela havia uma grande sala de tecto de masseira, varanda alpendrada e uma grande cozinha com grande lareira.

Agora a casa não ostenta o granito enegrecido das paredes mestras. Está remozada alegre, pintada e, como as casas modernas, tem as divisões pequenas, divisões pequenas para tanta gente, tantos convidados.

É grande a azáfama na casa garrida. Chegam automóveis e chegam basbaques e mais automóveis e mais gente ainda. Che-

gam as «madames» de vestido ousado, cabelos tratados, belos penteados à moda de lá.
À moda de França.

Em frente ao espelho Rita Caneca compõe o penteado, compõe o vestido e põe o toucado. Não vai como foi a mãe, como foi a Avó, de longa saia preta bordada a vidrilhos e ramo de laranjeira ao peito e, sobre os cabelos, fino lenço branco bordado a matiz.

Veste de branco a Maria Rita. Veste de cetim, põe véu de cambraia, fitas, laços, rendas, flores de muguet, à moda de lá.

À moda de França.

Cordões, e arrecadas que a Avó Ana usava, dormem no escaninho da arca de castanho quase centenária. Cordões, arrecadas, ganchos de tartaruga que, em dias de festa, prendiam as tranças na nuca, dormem igualmente no escaninho da velha arca onde também dormem anáguas bordadas que foram da Mãe, assim como o lenço de flores vermelhas, a blusa de crepe, camisas de linho e o xaile preto de barra de seda.

Maria Rita em frente ao espelho não pára de se alindar. Não vai de chinela nem de lenço branco, bordado a matiz. Vai de vestido comprido e sapato branco que trouxe de longe. Vai toda bonita e a Mãe da Rita, sente-se vaidosa. Vaidosa da filha, vaidosa de si, vestida a primor, de veludo azul. À moda de lá.

À moda de França.

Apitam os carros chamando a noiva. Carros azuis, vermelhos quase todos eles de matrícula francesa, enfeitados com fitas e laços de tule. Messieurs elegantes levam na lapela um cravo branco e as mademoiselles de vestidos ousados, levam nos cabelos flores e fitas laços perfumados, à moda de lá.

À moda de França.

Solene, a Maria Rita vem descendo as escadas. Parece uma pomba adejando ao vento. Todos a olham. Todos a admiram. A aldeia de Fontes vem para as janelas, para as portas, vem para o caminho.

Businam os carros saudando a noiva. Businam os carros, calam-se os pardais,

calam-se os riachos e até os pinheiros parecem ter suspenso o seu rumorejar.

Pombas esvoaçam assustadas e um gato malhado que dormitava junto das abóboras, sob o sol doirado, fugiu assustado, o pêlo eriçado, a cauda no ar. Ladram os rafeiros corre o rapazio.

Calaram-se os melros, calaram-se as rolas e os chascos velhacos mergulharam nos ramos e a Maria Rita, corada e feliz ajeita o vestido no banco macio do Peugeot azul todo enfeitado de laços e fitas, tules, cravos brancos, à moda de lá.

À moda de França.

Roncam os motores e já se encaminham para a velha igreja. Vem gente às janelas, vem gente para a estrada. Casamento assim nunca ali se viu. Nem o casamento da filha do Santos que veio de longe, da Venezuela, nem o casamento da filha mais nova da Professora, nem sequer o da Francisquinha, sobrinha do Padre. E a aldeia inveja, critica, admira o cortejo alegre que já chegou ao adro, já entra na igreja.

O noivo à frente, com a madrinha ao lado, gorda e anafada. Logo atrás a Rita de braço dado com o Pai. Quem viu o

Caneca e quem o vê agora! Fato azul escuro, cravo branco ao peito, à moda de lá.
À moda de França.

Não há alecrim, nem flores humildes atapetando o chão, nem arco festivo enfeitado a primor com papel de seda, branco como a neve, açafates de pétalas perfumadas e folhas de oliveira para cobrir os noivos. Nem sequer amêndoas, nem sequer confeitos. Nada. Nem na Igreja há linhos no chão para os noivos pisarem.

Ao longo da Igreja há uma passadeira vermelha (alugada em Braga) um fotógrafo atento, junto do altar, flores, órgão a tocar, velas acesas e o véu de Rita a arrastar pela passadeira.

Entram os convidados, todos par a par, seguros, solenes. Casamento assim nunca ali se viu. É coisa falada. Coisa nunca vista! Casamento grande, à moda de lá.

À moda de França.

Assinam os noivos, depois os padrinhos. Já descem a Igreja, de cara levantada e olhar radioso.

Vão de braço dado sorrindo felizes. Já deixaram a Igreja e dão risadinhas sob as rajadas de bagos de arrô. Entram para o carro, tomam a dianteira. Até Avó Ana, muda, contrafeita, se ajeita a um canto do carro do genro.

Roncam os motores e, ao desafio, tocam as businas numa saudação a abafar os sinos as vozes alegres, o cantar das rolas, o rumor do vento, na rama bravia dos pinheiros densos.

Já deixam o adro, os sinos, o povo e já se fecha a Igreja. Pardais cobiçosos miram os grãos de arrô que juncam o chão. Já deixam o adro, já deixam a aldeia, já tomam o rumo dum bom restaurante na cidade antiga.

Adejam ao vento fitas de cetim, laços de tule branco. Todos vão felizes. Casamento assim, nunca ali se viu. Businam os carros. Vão à desfilada. Há risos no vento, neste casamento à moda diferente. À moda de lá.

À moda de França.

Ninguém chora aqui. Nem a Mãe sequer. Que ela nunca viu, em França, as mães chorarem como aqui choram, na boda

das filhas. Por isso, contente, sorri, observa, como as outras damas. Ri mesmo orgulhosa deste casamento à moda burguesa. À moda de lá.

À moda de França.

Só a Avó Ana, madrinha da Rita, que a Rita não olha porque ela ainda usa (ninguém a demove) chinela no pé, lenço de merino, cordão, arrecadas, ampla saia negra, jaqueta de pelúcia, só a Avó Ana medita e, comovida quase que chora. Comovida e só. Em silêncio reza e teme o castigo de tanta presunção. Lamenta estes gastos «só para fazer ver...» e reza em silêncio pela boa sorte da sua afilhada que se chama Rita como a sua Mãe que é alta, aloirada como ela era.

Em silêncio reza pela boa sorte da sua afilhada, esta neta tonta, «fidalga», exigente, tão diferente dela e das suas filhas quando ainda eram moças, moças casadoiras. Desta sua neta outrora tão simples, tão diferente agora.

E Avó Ana, disfarçadamente, limpa os olhos humedecidos, reza às escondidas. Chora e vai rezando, comovida e só. Teme-

rosa e crente. Pede a Deus que não os castigue por tanta vaidade.

Que este dinheiro (tanta nota gasta! Tanto conto de reis) não venha, um dia, a fazer-lhe falta. E Avó Ana reza temerosa e só. Comovida e crente.

Reza à moda antiga, com temor e fé. Reza à sua moda. À moda de cá, à moda dos seus.

À moda de Fontes.

Couto de Cambeses, Verão de 1972

Porto, Outubro de 1973

ÍNDICE

HORIZONTES DE BRUMA	7
CHEGOU O ZÉ FIRMINO	71
A BANDEIRA	79
A ROMARIA	91
A CEBA	107
O FIM DO CAMINHO	119
OS NOVOS	131
A NOTÍCIA	141
VIRAGEM	151
LA	171
VIVA PIERRE!	181
BOAS FESTAS (conto de Natal)	189
A CASA ANTIGA	199
RAINHA DE NADA	207
SOL POENTE	229
O SEU FILHO ZÉ	243
VOUS ÊTES FOU!	251
COMO UMA ARVORE	261
O CASAMENTO DA RITA (conto)	273

Composto e impresso
para a
PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA.
Na Tipografia Nunes, Lda.
PORTO
em Novembro de 1974

biblioteca
municipal
barcelos



27042

Horizontes de bruna